UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

**Prática esportiva nas áreas comuns do Campus USP da capital:
conflitos e diagnóstico**

MARINO PEREIRA BENETTI

São Paulo
2015

MARINO PEREIRA BENETTI

Prática esportiva nas áreas comuns do Campus USP da capital: conflitos e diagnóstico

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte

Orientador: Profa. Dra. Flávia da Cunha Bastos

São Paulo

2015

Versão Revisada

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: BENETTI, Marino Pereira

Título: Prática esportiva nas áreas comuns do *Campus* USP da Capital:
conflitos e diagnóstico

Dissertação apresentada à Escola
de Educação Física e Esporte da
Universidade de São Paulo, como
requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Ciências

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Flávia Bastos, que não hesitou em acreditar e aceitar me orientar neste desafio. Também pela paciência, dedicação e determinação com que conduziu o processo, colaborando com o meu aprendizado e experiência na gestão.

Ao meu pai Mario Benetti (*in memoriam*), o qual incentivava desafios e me proporcionou uma importante experiência prática nas atividades com ele.

À minha querida mãe Lourdes Benetti, que sempre demonstrou preocupação e carinho comigo.

Aos meus irmãos Marco Antonio Benetti e Marcia Benetti, que sempre torceram por mim.

À minha noiva Aninha, que me incentivou e sempre esteve ao meu lado, a ponto de encantar-se pela área que estudo e ir além da medicina. Assim como agradeço por realizar toda a revisão deste trabalho.

Aos queridos Carlos Sierra e Wania Sierra, pela força e por sempre me tratar como um filho, e à vó Fernanda Rennó, por me tratar como neto.

Aos amigos, que por muitas vezes não pude acompanhar nas festas, bares, passeios e saídas para diversão.

Aos colegas e superiores da Prefeitura do Campus USP da Capital - PUSP-C, que me apoiaram e me deram suporte, os quais seguem: Sidnei Martini, Arlindo Philippi, Tercio Ambrizzi, Cristina Guarnieri, Tabita Said, Toshie Sugawara, Décio Lopes, Douglas Costa, Beth Lima, Daniella Vilela, Aline Mellucci, Marcia Mauro e Enea Neri, que colaboram no levantamento de dados e em sugestões para melhorias.

À Superintendência de Segurança da USP, a qual me apoiou com o fornecimento dos registros de ocorrências, em especial ao Sinval Damasceno, Albino Júnior, Alexandre Pereira, Everton Fonseca, Profa. Ana Lúcia Pastore e Prof. Visintin.

À Ouvidoria da USP, Profa. Maria Hermínia Tavares de Almeida, que colaborou com o envio das reclamações da prática esportiva.

À Superintendência de Tecnologia da Informação da USP – STI, que me apoiou na construção do sistema de informática, especialmente ao Luís Moreira, Fernando Favato, Leandro Fregnani e Renato Takeshi Hamatu.

Ao CEPEUSP, que apoiou a divulgação do estudo, em especial aos Professores Carlos Bezerra e Emílio Miranda.

Aos organizadores dos eventos esportivos que ocorrem na USP: Thadeus Kassabian e Diego Lima da Yescom, Núbio de Almeida da NA Sports, Carlos Galvão da Latin Sports, Paulo Careli da Iguana Sports, Felipe Romero da Cooper Esporte e Armando Cunha, Carlos Eduardo e David Cytrynowicz da Corpore pelo apoio na divulgação do estudo das práticas esportivas.

À Roberta Palma do Jornal Corrida , Paulo Careli e Eliane Verderio do Site Sua Corrida, ao Antonio Colucci do Blog do Colucci, ao Blog da Debs, à Paula Narvaez, Maria Gabriela Prado Mansur e Déborah Amorim Thomaz de Aquino e à Associação dos Treinadores de Corrida – ATC, ao Nelson Evêncio, à Alessandra Othechar, Rodrigo Contó, Douglas de Melo, Mario Sérgio e Raul Ricardi, os quais me apoiaram com a divulgação do estudo para os treinadores e praticantes de atividades físicas na USP.

Às assessorias esportivas, pela divulgação e por incentivar os praticantes a responderem o estudo da prática esportiva.

À PROVIS, que apoiou a coleta dos dados dos praticantes de atividades físicas, principalmente Guilherme De Luca e Ralpho Agostini.

À amiga Maria Fernanda Boaventura, que colaborou com a pesquisa em inúmeros momentos e às amigas Carmelita Menezes e Claudia Muller que colaboram com as traduções e revisões.

Aos meus colegas do GEPAE, que por vezes me auxiliaram com discussões e trocas de experiências, a saber Marina Sodr, Jos Arthur, Silvia Mariano e Pedro Parolini.

Este trabalho, foi uma importante reflexo e desafiadora experincia acadmica, desta forma, espero humildemente colaborar para a Academia, com a prtica e em especial organizao da prtica esportiva na USP. Aprendi, com este trabalho, a gostar ainda mais do esporte, respeitar e admirar a rotina dos esportistas e treinadores para alcanar seus objetivos. Tambm aprendi que o esporte uma importante ferramenta para o ensino, pesquisa e extenso e pode ser mais explorado para o benefcio da sociedade.

RESUMO

BENETTI, M. **Prática esportiva nas áreas comuns do campus USP da capital: conflitos e diagnóstico.** 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

O objetivo desse estudo foi realizar o diagnóstico de aspectos da ocupação das áreas comuns do *Campus* da USP da Capital em relação à prática de atividade física, a fim de levantar elementos para a construção de um plano de gestão dessa atividade com base nas teorias e modelos da administração. Para isso, estudou-se os anos de 2013 e 2014, as características do território, ocupação das áreas comuns do *Campus* da USP pelas assessorias esportivas, as principais ocorrências relacionadas à prática esportiva registradas na Guarda Universitária, Ouvidoria da USP, Prefeitura do *Campus* e Sistema de Ambulância, os serviços oferecidos pelas assessorias esportivas, o comportamento do mercado destas assessorias presentes no *Campus* e o perfil do gestor de assessoria esportiva. Além disso, estudou-se a ocupação e o comportamento em termos de prática esportiva dos praticantes e a opinião destes sobre a prática de atividades físicas no *Campus* da USP. Foram analisados dados dos órgãos administrativos da USP relacionados à prática esportiva e aplicado questionário às assessorias e praticantes. Resultados: as principais ocorrências registradas na guarda universitária estavam relacionadas a furtos em veículos, seguidos de acidente pessoal e atropelamento, e ocorreram prioritariamente no período matutino; No serviço de ambulância a principal ocorrência foi relacionada a acidentes com queda de ciclistas; A principal reclamação está vinculada à prática de ciclismo tanto na Ouvidoria como na Prefeitura do *Campus*; Houve um crescimento expressivo do número de assessorias esportivas nos últimos dez anos; As assessorias esportivas em conjunto movimentam só em relação aos serviços de treinamento, cerca de 2 milhões e setecentos mil reais ao mês; Prioritariamente, as assessorias esportivas oferecem seus treinamentos no *Campus* da USP devido à demanda dos praticantes; O *Campus* da USP é escolhido como local para treino pelos praticantes principalmente devido a variação de percurso, a proximidade de casa ou do trabalho, ser um local arborizado, amplo, poder realizar treinos longos e ser considerado o melhor local para treinamento. Conclusão: a partir das análises apresentadas, pudemos obter o diagnóstico do uso do espaço, onde buscamos informações acerca do ambiente externo de forma a identificar e interpretar as tendências, visando analisar as informações e determinar quais apresentam oportunidades e ameaças para propor um plano de gestão.

Palavras-chave: prática esportiva; assessoria esportiva, praticante, administração.

ABSTRACT

BENETTI, M. SPORTS PRACTICE IN COMMON AREAS OF CAMPUS USP, CAPITAL - CONFLICTS AND DIAGNOSIS. 2015. 138 f. Dissertation (Master of Science) - School of Physical Education and Sports, University of São Paulo, São Paulo. 2015.

The objective of this study was to achieve a diagnosis of the occupation aspects concerning the common areas of USP Campus in São Paulo, the Capital of the State of São Paulo, with regards to the practice of the physical activities, aiming at an assessment of the elements for the elaboration of a management plan for these activities, based on administration theories and models. To accomplish this, we studied as references the occupation in the years 2013 and 2014; the characteristics of the territory; the occupation of common areas at the USP Campus by the running clubs; the main occurrences related to sports practice registered by USP Safety Department, Complaints Department, Superintendence, and Ambulance System; the services provided by the running clubs; the behavior of the running clubs market present in the Campus; and their profile. In addition to this, we also studied the occupation and behavior in terms of sports practice of the participants, their opinion about the practice of such physical sports at USP Campus. Data from USP Administrative Organs about sports practice was analyzed and a questionnaire was applied to the coaches and runners. Results: the main occurrences registered by USP Safety Department were related to vehicle thefts followed by running over, which occurred mainly in the morning. As for the Ambulance Service, the main occurrences were related cyclists to accidents and falls. The most important claims, both in the Complaint Department and in the Superintendence, regard the cycling practice. There has been a relevant growth in the number of running clubs in the past ten years. The running clubs together make around 2.7 million Reais monthly. They provide their running club services mainly at USP Campus due to the runners demand. USP Campus is chosen as a place for training among the runners thanks to the variety of routes, proximity to their houses and/or work, for being a green wide place, for the possibility of long training sessions, and for being considered the best place for training. Conclusion: based on the analysis presented we were able to obtain a diagnosis of the space use, where we obtained information about the external environment in order to identify and interpret the tendencies, aiming at analyzing the information and determining which represent opportunities and threats so as to propose a management plan.

Key words: sports practice; sports management; runner; administration.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	OBJETIVOS	4
2.1	Objetivo geral	4
2.2	Objetivos específicos	4
3	REVISÃO DE LITERATURA	5
3.1	Prática de atividades físicas e esportivas	5
3.1.1	Contexto histórico	5
3.1.2	Massificação	8
3.1.3	Desenvolvimento da prática esportiva	14
3.1.4	Perfil e preferências dos praticantes	16
3.1.5	Risco da prática esportiva - Gerenciamento de risco inerente ao praticante	19
3.2	Espaços e instalações para a prática de atividades físicas	22
3.2.1	Tipologia de espaços públicos e privados	22
3.2.2	Espaço urbano e prática esportiva	25
3.3	Prática esportiva nas áreas comuns do <i>Campus</i> da USP	26
3.3.1	Espaço universitário, seu contexto histórico e primeiras normatizações	27
3.3.2	A prática da atividade física nas dependências do <i>Campus</i>	29
3.4	Administração e Gestão da prática de atividade física	38
3.4.1	Teorias e ferramentas administrativas	38
3.4.2	Gestão e Planejamento estratégico	42
4.	Materiais e Métodos	45
4.1	Tipo de Pesquisa	45
4.2	Delineamento do estudo	47
4.3	Instrumentos e processo amostral	47
4.3.1	Características territorial e de ocupação do <i>Campus</i> da USP	47
4.3.2	Levantamento de ocorrências da Guarda Universitária relacionadas a prática esportiva	48
4.3.3	Levantamento de ocorrências da ambulância relacionadas a prática esportiva	49
4.3.4	Levantamento de ocorrências registradas pela Ouvidoria da USP e Prefeitura do <i>Campus</i> da USP	50
4.3.5	Questionários para assessorias esportivas e para praticantes de atividade física	50
4.4	Análise estatística	55
5	RESULTADOS	56
5.1.	Caracterização do <i>Campus</i> da USP	56
5.2	Ocorrências relacionadas à atividade física	57
5.3	Assessorias Esportivas que atuam no <i>Campus</i> da USP	66

5.4 Praticantes de atividade física no <i>Campus da USP</i>	76
6 DISCUSSÃO	90
7 CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	102
ANEXO	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos indivíduos com vínculo formal com a USP no Campus Armando Salles de Oliveira.....	56
Tabela 2 – Distribuição anual das ocorrências registradas nos órgãos administrativos da USP	57
Tabela 3 - Frequência de uso, para treinamento, das ruas do Campus da USP pelas assessorias esportivas	73
Tabela 4 – Instituição de formação dos profissionais responsáveis pelas assessorias esportivas (n=117).....	75
Tabela 5 – Fatores importantes para os praticantes terem escolhido o <i>Campus</i> da USP como local de treino.....	79
Tabela 6 – Tempo de permanência no Campus da USP de acordo com a modalidade	86

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do ponto de encontro e apoio das assessorias no <i>Campus da USP</i> (n=117)	72
Figura 2 – Graduação de uso, para treinamento, das ruas do Campus da USP pelas assessorias esportivas	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de inscritos na Maratona de Boston nos anos de 1987 a 2014 (adaptado de (BAA, 2015).....	10
Gráfico 2 – Quantidade de inscritos na Meia Maratona Internacional da Corpore nos anos de 2003 a 2009 (SIERRA et al., 2015)	12
Gráfico 3 - Distribuição mensal das ocorrências registradas na Guarda Universitária no ano de 2013.....	58
Gráfico 6 – Frequência das ocorrências registradas na Guarda Universitária nos anos de 2013 e 2014, de acordo com a natureza	60
Gráfico 7 - Frequência das ocorrências registradas na Guarda Universitária nos anos de 2013 e 2014, de acordo com a localização	61
Gráfico 8 – Frequência do envolvimento das partes nas ocorrências registradas na Guarda Universitária nos anos de 2013 e 2014	61
Gráfico 9 – Distribuição mensal das ocorrências registradas no serviço de ambulância no ano de 2013	63
Gráfico 11 – Frequência das ocorrências registradas no serviço de ambulância nos anos de 2013 e 2014, de acordo com a localização	64
Gráfico 12 – Distribuição de acordo com o período do dia, das ocorrências registradas no serviço de ambulância nos anos de 2013 e 2014	65
Gráfico 13 – Distribuição do tempo de atuação das assessorias esportivas .	66
Gráfico 14 – Frequência das assessorias esportivas, que ministram treino de corrida, ao longo da semana (n=116)	69
Gráficos 15 A a F – Frequência das assessorias esportivas que ministram treino de corrida, por período, de acordo com o dia da semana. A = Segunda-Feira, B = Terça-Feira, C = Quarta-Feira, D = Quinta-Feira, E = Sexta-Feira, F = Sábado	70

Gráfico 16 – Frequência das assessorias esportivas, que ministram treino de ciclismo, ao longo da semana (n=35).....	70
Gráficos 17 A a F – Frequência das assessorias esportivas que ministram treino de ciclismo, por período, de acordo com o dia da semana. A = Segunda-Feira, B = Terça-Feira, C = Quarta-Feira, D = Quinta-Feira, E = Sexta-Feira, F = Sábado	71
Gráfico 18 – Frequência das assessorias esportivas, que ministram treino de <i>triathlon</i> , ao longo da semana (n=31).....	71
Gráfico 19 – Frequência dos praticantes que têm vínculo formal com a USP	77
Gráfico 20 – Quantidade de locais de treino além do Campus da USP	78
Gráfico 21 – Frequência de uso dos locais de treino pelos praticantes.....	78
Gráfico 22 – Local de residência dos praticantes	80
Gráfico 23 – Frequência dos praticantes que praticam corrida, ao longo da semana (n=1371)	81
Gráfico 24 A a F - Frequência dos praticantes que treinam corrida, por período, de acordo com o dia da semana. A=Segunda-Feira, B=Terça-Feira, C=Quarta-Feira, D=Quinta-Feira, E=Sexta-Feira, F=Sábado	82
Gráfico 25 - Frequência dos praticantes que praticam ciclismo, ao longo da semana (n=422)	83
Gráfico 26 A a F - Frequência dos praticantes que treinam ciclismo, por período, de acordo com o dia da semana. A = Segunda-Feira, B = Terça-Feira, C = Quarta-Feira, D = Quinta-Feira, E = Sexta-Feira, F = Sábado.....	84
Gráfico 28 A a F - Frequência dos praticantes que treinam <i>triathlon</i> , por período, de acordo com o dia da semana. A = Segunda-Feira, B = Terça-Feira, C = Quarta-Feira, D = Quinta-Feira, E = Sexta-Feira, F = Sábado.....	85
Gráfico 29 – Lesões dos praticantes no últimos 12 meses.....	88

Gráfico 30 – Frequência do envolvimento das partes nos acidentes presenciados pelos praticantes	89
Gráfico 31 – Sugestões de melhorias citadas pelos praticantes para a prática esportiva no Campus da USP	89

LISTA DE SIGLAS, ABREVIações E SÍMBOLOS

AIMS	Association of International Marathons and Distance Races
ATC	Associação dos Treinadores de Corrida de São Paulo
AVC	Acidente Vascular Cerebral
BLS	Basic Life Support
CAMPUS DA USP	Campus USP da Capital
CBAT	Confederação Brasileira de Atletismo
CEPEUSP	Centro de Práticas Esportivas da USP
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CORPORE	Corredores Paulistas Reunidos
CREF	Conselho Regional de Educação Física
CUASO	Campus Armando de Salles Oliveira
DMAIC	<i>Define</i> (definir), <i>measure</i> (medir), <i>analyse</i> (analisar) <i>improve</i> (melhorar) e <i>control</i> (controlar)
DP	Desvio Padrão
IAAF	International Association of Athletics Federations
km	Quilômetro
MAC	Macintosh
MMII	Membros Inferiores
MMSS	Membros Superiores
PDCA	<i>Plan</i> (planejar), <i>do</i> (executar), <i>check</i> (verificar) e <i>act</i> (agir)
PIB	Produto Interno Bruto
PMI	Project Mangemet Institute
Prefeitura	Prefeitura do Campus USP da Capital
SPSS	Statistical Package for Social Sciences
SPTRI	Federação Paulista de Triathlon
SSEG	Superintendência de Segurança da USP
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Relatório de ocorrências da Guarda Universitária	118
ANEXO B - Questionário assessorias esportivas	120
ANEXO C - Questionário praticantes de atividade física	125
ANEXO D - Termo de consentimento	129

1 INTRODUÇÃO

Recorrer à visão histórica sobre a prática esportiva para melhor conhecer o esporte moderno significa recorrer a textos, imagens, sons, objetos, monumentos, equipamentos, vestes, ou seja, memórias e à possibilidade de compreender nestes vestígios as sensações, ideologias, valores, mensagens e preconceitos que permitem conhecer parte do tempo em que foram produzidos. Além desta perspectiva, a história pode nos auxiliar a compreender um tempo pouco conhecido e, por mais centralidade que o esporte tenha adquirido na vida moderna, ele não é invenção do presente (GOELLNER, 2006).

Assim, a atividade física tem sido evidenciada nos últimos tempos visando a saúde e o estilo de vida saudável como importantes benefícios como: melhora na saúde psicossocial, habilidade funcional, qualidade de vida geral e atenuação de perdas na capacidade funcional relacionadas à idade (ALLENDER, HUTCHINSON e FOSTER, 2008; WISWELL *et al.*, 2001).

Nesta linha de pensamento, a corrida de rua representa uma alternativa à mudança de hábitos. Dentre as diversas razões que motivam as pessoas a correrem, destacam-se: preocupação com a saúde e com o corpo, companhia aos amigos, fácil acesso à prática, baixo custo, busca de padrões estéticos e até metas inatingíveis de performance (SALGADO e CHACON-MIKAIL, 2006; SIERRA *et al.*, 2015; SILVA e SOUSA, 2013; TRUCCOLO, MADURO e FEIJÓ, 2008).

Desta forma, aliados à inserção da maratona nas competições oficiais do atletismo mundial de alto rendimento, os eventos esportivos tornaram-se uma atividade reconhecida pela sociedade como manifestação social, cultural e econômica (POIT, 2006). Ocorre, então, um crescimento na participação em eventos esportivos. Este aumento na popularidade das corridas de rua é largamente demonstrado em estudos por todo o mundo, mostrando taxas de crescimento mundial de cerca de 80% nos últimos 15 anos, com um número crescente de participantes em eventos de corrida de longa duração, como meias maratonas e maratonas por todo o mundo.

Com este crescimento no número de praticantes e das provas de corrida de rua e ciclismo, surge a necessidade de profissionais que orientem essa atividade, além da especialização e organização destes profissionais (BURFOOT, 2007). Na

realidade brasileira, observa-se a criação de grupos de corrida, denominados assessorias esportivas, nas quais profissionais de educação física ministram treinamentos e orientações em relação à prática de corrida de rua, ciclismo e *triathlon*, entre outros.

Compreender os motivos que levam as pessoas à atividade física e a manterem-se ativos é importante para manter a mesma atraente ao praticante, tornando possível que o indivíduo possa desfrutar por mais tempo dos benefícios promovidos pela corrida (RYAN *et al.*, 1997).

Sendo assim, com o evidente crescimento dos eventos esportivos e, de uma forma geral, do número de participantes, faz-se necessário a análise e a prevenção de risco dos participantes. Porém, esta análise e prevenção de riscos de participantes de treinamento e eventos esportivos tem limitado a concentrar-se em aspectos relativos a lesões específicas das modalidades.

Por outro lado, o sistema de saúde tem avançado na análise e compreensão de riscos, como no caso das principais causas de óbito, dando ímpeto à manutenção e ao avanço nos esforços de prevenção, principalmente considerando-se doenças crônicas (GOLDMAN e AUSIELLO, 2005).

O Campus da USP é historicamente ocupado pelos usuários (alunos, docentes e funcionários) para o oferecimento de atividades de ensino, pesquisa, cultura e extensão universitária, bem como por visitantes. As atividades esportivas, estimuladas pelas condições propícias para essa prática como vias largas, topografia diversificada, entre outras, estimula essa atividade por usuários sem vínculo com a Universidade. Essa prática tem se dado especialmente relacionada a modalidades como corrida e ciclismo. Nas últimas décadas, empresas de orientação e assessoria a esses praticantes passaram a atuar nas dependências do Campus, explorando comercialmente o espaço. Devido a esse crescimento da ocupação desordenada do espaço, a gestão da ocupação do Campus quanto ao acesso, segurança e a circulação dos demais usuários com vínculo com a Universidade tornou-se relevante (CUBAS *et al.*, 2013; DEL CARMEN *et al.*, 2000; JOHNSON e BROMLEY, 1999).

Verifica-se, então, que os espaços de uso público são visivelmente influenciados por uma série de elementos que caracterizam o modo de vida contemporâneo nas megacidades. Essa relação da esfera pública com os espaços livres tornou-se mais complexa, pois modificam substancialmente as formas de uso,

de modo que estes espaços assemelham-se a espaços privados de uso coletivo, tornando estas ocupações item de discussão. Coloca-se em questão um patamar mais abrangente e pertinente em relação às transformações dos espaços de uso público e privado, assim como essas redefinições (BENFATTI, 2010).

Para Santos (2006), o espaço é entendido como um híbrido entre a materialidade e a sociedade, forma e conteúdo, fixos e fluxos, sistemas de objetos e sistemas de ações.

Dessa forma, pode-se considerar que essas questões relativas à utilização do Campus (público) assemelham-se ao que Benfati (2010) caracteriza como espaço privado de uso coletivo. Portanto, torna-se necessário refletir sobre a gestão desta ocupação e, para tanto, estudar como esse cenário propiciará fundamentação para ações gerenciais no sentido de se normatizar o uso deste espaço.

As pessoas que criam e fazem a gestão de organizações sempre precisam de explicações, princípios e técnicas para entender e resolver problemas da realidade, e para isso procuram então teorias, onde teoria define-se por um conjunto de proposições que procuram explicar os fatos da realidade prática, pois estas são responsáveis pela realização de objetivos e pela utilização de recursos. A eficiência, ou a medida de realização dos objetivos, é critério básico para avaliar o desempenho das organizações (MAXIMIANO, 2011).

O processo da administração é composto por etapas, as quais são denominadas: planejamento, organização, direção e controle. Devido a constante mudança nos ambientes organizacionais, este processo tem uma característica cíclica. Assim, a utilização do planejamento estratégico se faz necessária, sendo que não abrange apenas a gestão de suas partes ou estágios, é um termo amplo que abrange as discussões sobre elaboração, processos de planejamento, implementação, execução, avaliação, modelos, métodos e instrumentos de como realizar as estratégias organizacionais (MAXIMIANO, 2011; REZENDE, 2012).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Realizar um diagnóstico de aspectos da ocupação das áreas comuns do Campus da USP da Capital em relação a prática de atividade física com vistas a levantar elementos para a construção de um plano de gestão dessa atividade.

2.2 Objetivos específicos

Foram objetivos específicos desta pesquisa:

- a) Verificar as características de território e ocupação do Campus USP da Capital;
- b) Mapear e analisar as principais ocorrências relacionadas à prática esportiva no Campus USP da Capital registradas nos órgãos da Universidade Guarda Universitária, Ouvidoria, Prefeitura e Sistema de Ambulância;
- c) Mapear a ocupação das áreas comuns do Campus USP da Capital pelas assessorias esportivas durante os períodos em que há prática de atividade física no Campus;
- d) Caracterizar e analisar os serviços oferecidos pelas assessorias esportivas e o comportamento deste mercado das assessorias esportivas que atuam no Campus USP da Capital;
- e) Determinar o perfil do gestor das assessorias esportivas presentes na Universidade de São Paulo;
- f) Mapear a ocupação e o comportamento em termos de prática esportiva dos praticantes de atividade física que utilizam as áreas comuns do Campus USP da Capital;
- g) Verificar o perfil dos praticantes, e a opinião destes sobre a prática de atividades físicas nas áreas comuns do Campus USP da Capital.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Prática de atividades físicas e esportivas

3.1.1 Contexto histórico

O esporte sempre acompanhou o homem. Os seres humanos sobreviveram, certamente não apenas por serem bons corredores, mas também por sua versatilidade. Desta forma, a necessidade fez com que o homem praticasse diversas modalidades esportivas de forma instintiva, como por exemplo: corrida, natação, arco-e-flecha, lutas e outros (NEWSHOLME, LEECH e DUESTER, 2006).

Desta forma, observamos que o esporte é inerente à natureza humana, pois lutar pela sobrevivência é também fazer esporte. Para Vanoyeke, desde os anos mais remotos, o homem manifesta uma tendência instintiva pelo jogo próximo do esporte (VANOYEKE, 1992). Historiadores do esporte concordam que o esporte, de certa forma, é um fenômeno humano universal, sendo o agonismo (competitividade, agressividade) fundamental para a socialização e sobrevivência humana (LESSA, 2008).

São encontrados registros destas ações, ligadas a gestos e modalidades esportivas, nos mais antigos e variados materiais arqueológicos, sugerindo que esta prática perdura desde as civilizações mais primitivas, seja por necessidade ou expressão. Quanto ao ato de correr, nos livros da Bíblia Cristã há indicação de uma ampla diversidade de funções: na utilidade para a sobrevivência, servindo para auxiliar em deslocamentos que exigiam uma exploração e reconhecimento antes da ocupação por “tribos”, como meio de comunicação, na troca de mensagens, como simples deslocamento ou acompanhando pessoas em veículos de tração animal (OLIVEIRA(2010).

Em relação ao esporte como atividade organizada, descobriu-se no Egito, na Necrópole de Beni-Hassan, datado de 1850 a.C., um mural com figuras relacionadas à prática de lutas, com diversos movimentos relacionados à modalidade. Desta forma, observa-se que a prática esportiva já ocorria há cerca de 4 mil anos (SOUSA, GALANTE e FIGUEIREDO, 2003).

Porém, de forma estruturada, na era moderna, os esportes tradicionais nasceram num contexto de guerra e industrialização, representando valores e crenças ligadas a uma cultura desenvolvida (BRANDÃO, 2010).

Na Grécia, os registros relacionados ao esporte, nos levam a crer que o esporte era realizado com outras finalidades, a maioria ligada ao politeísmo gregocrença em mais de uma divindade grega (BRANDÃO, 2010). As disputas esportivas, além de parte de processo educacional dos cidadãos, tinham função de ritual religioso, o que também proporcionava aos atletas heroização e prestígio social (KYLE, 2014).

Nesta cultura, a prática esportiva ainda representou elemento de cultura e socialização, sendo o esporte praticado nas palestras, ginásios, estádios e hipódromos (GODOY, 1996). Porém, apesar da finalidade da prática não ser prioritariamente esportiva, essa prática começou a passar por novos registros de compreensão, ligados à formação de uma nova sociedade e, com ela, novos valores culturais (BRANDÃO, 2010). Outros registros encontrados, afirmam que o esporte contribuiu para a construção de relações de cidadania e proporcionou coesão social (LESSA, 2008).

Ao analisar essas práticas esportivas entre os gregos, pressupõe-se o estabelecimento de uma interação com o espaço físico dos santuários, visto que os espaços das práticas eram usados para atividades religiosas, atléticas, centros de comunicação e integração social (LESSA, 2008).

Também na história da Grécia, a lenda e realidade se confundem, gerando diversas versões acerca da origem dos Jogos Olímpicos, porém todas envolvendo a corrida como parte dessa origem. Dentre essas versões, podemos destacar a versão dos Curetas, cinco irmãos – sacerdotes que viviam no monte Ida, em Creta e instalaram-se em Olímpia. Héracles, o mais velho, para homenagear Zeus, propôs como brincadeira uma corrida a pé entre seus quatro irmãos, coroando o vencedor com um ramo de oliveira selvagem. Assim, coube a Héracles de Ida a honra de ter instituído os Jogos, estabelecendo sua periodicidade para cada quatro anos. Isso teria ocorrido entre 2500 e 2300 a.C. (GODOY, 2012).

Nos Jogos Olímpicos, o atletismo é chamado “o esporte-base”. A prática da corrida perdura desde as civilizações mais primitivas, seja por necessidade ou expressão. Um grande exemplo é a maratona, a mais famosa das corridas de resistência, que baseia-se na legendária façanha de um soldado grego, chamado

Pheidipedes, que em 490 a.C. correu o campo de batalha das planícies de Maratona até Atenas, numa distância superior a 35 km, para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas. Uma vez cumprida a missão, caiu morto (OLIVEIRA (2010).

Desta forma, observamos que o ato de correr está instalado em uma grande teia de significados que pode ser observada desde os primórdios da humanidade, uma vez que encontramos registros de ações ou gestos de corrida em materiais arqueológicos, sugerindo que a prática de corrida perdura desde as civilizações mais primitivas. Junto ao significado nobre atribuído à corrida, encontramos diversas referências: a presença de dor, da superação, do risco ao fracasso e até a morte súbita (GONÇALVES, 2011).

Neste contexto, as práticas esportivas assumem contornos diferentes no tempo e no espaço. Segundo Vanoyeke, “a cultura do corpo, seu conteúdo e suas características se modificam ao curso da história” (VANOYEKE, 1992). A partir de um olhar historiográfico, verificamos então, as rupturas e continuidades que integram o movimento esportivo desde a sua criação, onde o esporte moderno enfatiza a tradição e o espetáculo, evidenciando diferentes paixões, sentimentos, atitudes, desejos e vontades (LOVISOLO, 2004). Vale também ressaltar que o conceito de esporte no mundo contemporâneo não é uno e tão pouco universal. Do Século XVIII ao XXI foram produzidos conteúdos diversos para o conceito esporte.

No século XVIII, o esporte moderno apresenta indicadores de passatempo, mas torna-se institucionalizado nas escolas de elite no século XIX e expande-se pelo mundo, tornando-se um meio de propaganda dos valores ocidentais no final do século XIX. No século XX, cresce o movimento de esporte operário, feminino e educativo, ou seja, a massificação das práticas esportivas ocorreu apenas no pós-guerra com a democratização do esporte. Em período mais recente, com a advento da globalização, surge a busca pela saúde e seu papel na inserção social (FUNARI, 2010).

No século XX, o esporte assume um aspecto social da modernidade, não somente pelo poder econômico e social das práticas esportivas, mas a tudo que se liga a ela. Além disso, neste período a busca do controle corporal, aparência, e estética, adquire uma centralidade única, diferente de outras épocas (FUNARI, 2010).

3.1.2 Massificação

A partir da mudança no entendimento do conceito de esporte para todas as possibilidades de atividade motora humana capaz de promover o lazer, prazer e a satisfação, dissemina-se a prática não competitiva, possibilitando uma participação universal no esporte, que anteriormente era vista não como um direito, mas como um dom (ALVES, J. A. B. e PIERANTI, 2007).

Assim, a importância da atividade física para a saúde e o estilo de vida saudável tem sido evidenciada especialmente em termos dos benefícios: melhora na saúde psicossocial, habilidade funcional, qualidade de vida geral e atenuação de perdas na capacidade funcional relacionadas à idade (ALLENDER *et al.*, 2008; WISWELL *et al.*, 2001). Com o intuito de proporcionar um aumento na prática de atividade física, os principais esforços estão focados em exercícios aeróbios como corrida e ginástica.

Nesta linha de pensamento, a corrida de rua representa uma alternativa à mudança de hábitos. Dentre as diversas razões que motivam as pessoas a correrem, destacam-se: preocupação com a saúde e com o corpo, estar em companhia dos amigos, fácil acessibilidade e prática, baixo custo, busca de padrões estéticos e até metas inatingíveis de performance (SALGADO e CHACON-MIKAIL, 2006; SIERRA *et al.*, 2015; SILVA e SOUSA, 2013; TRUCCOLO *et al.*, 2008).

Desta forma, aliado à inserção da maratona nas competições oficiais do atletismo mundial de alto rendimento, os eventos esportivos tornaram-se a atividade reconhecida pela sociedade como manifestação social, cultural e econômica (POIT, 2006). Ocorre então, um crescimento na participação em eventos esportivos que advém da busca pela qualidade de vida, do convívio com outros participantes que, contagiados pelo prazer das provas, das medalhas e camisetas recebidas, de certa forma passam a transferir suas conquistas para o ambiente de trabalho, familiar e esportivo (SALGADO e CHACON-MIKAIL, 2006).

Essas corridas de longa distância aumentaram em popularidade entre indivíduos de todas as idades, provavelmente resultado da conscientização da população, tornando a participação em corridas de longa distância parte do estilo de vida de milhares de indivíduos ao redor do mundo, com crescente número de

corredores a cada ano (AAGAARD, SAHLÉN e BRAUNSCHWEIG, 2012; ZINGG *et al.*, 2013).

Por exemplo, a maratona teve um aumento em sua popularidade nas últimas três décadas com a participação nos EUA aumentando de 25.000 corredores em 1976 para aproximadamente 470.000 em 2008 (TRIVAX *et al.*, 2010). Mais especificamente, a mais tradicional prova de maratona, a Maratona de Nova York, que na sua 1ª edição, em 1970, teve apenas 127 inscritos, e em 2011 teve 47.763 inscritos e 47323 concluintes (YORK, 2012).

Mas, um fenômeno que conta a história da massificação dos eventos de corrida é a história da Maratona de Boston, quando depois de experimentar o espírito e majestuosidade da maratona Olímpica, John Graham, membro da Associação Atlética de Boston (B.A.A.) e do time Olímpico dos Estados Unidos, foi inspirado a organizar e conduzir a maratona na área de Boston. Em 1897, ocorreu a 1ª maratona na área de Boston, 1ª maratona realizada fora dos Jogos Olímpicos, onde 15 corredores encararam esse primeiro desafio e somente 10 terminaram a prova. O vencedor foi John McDermott, que completou as 24,5 milhas da prova em 02:55:10. Somente em 1924 o percurso foi estabelecido em 26 milhas e 385 jardas, conforme o padrão Olímpico (BAA, 2015).

Embora poucos se aventurassem a correr a maratona nos primeiros anos, desde o princípio uma multidão já acompanhava a prova. Em 1906, Boston atraiu 105 maratonistas, número que não aumentou muito nas décadas seguintes. Somente com a publicação de um artigo da *Sport Illustrated*, na década de 70, sobre a Maratona de Boston, houve o primeiro grande aumento no número de participantes, também impulsionados pela disseminação do método Cooper. Desde então, a mais antiga maratona tem seu crescimento exponencial, atingindo milhares de corredores amadores impulsionados a treinar para completar a lendária corrida de Maratona. Em 2014, 35.755 corredores inscreveram-se para participar da 118th Maratona de Boston (SIERRA, 2015).

Gráfico 1 - Quantidade de inscritos na Maratona de Boston nos anos de 1987 a 2014 (adaptado de (BAA, 2015))

As distâncias comuns de corrida de longa duração variam de 10 km a ultramaratonas de 100 km ou mais. Nessas provas de longa duração, em anos recentes, a maioria dos concluintes são indivíduos com menos de 35 anos. Por outro lado, o número de concluintes de idades mais avançadas, chamados de “atletas *masters*”, tem aumentado, paralelamente ao aumento da população nesta faixa etária. Além disso, devemos considerar a participação feminina, hoje mais significativa, podendo ser identificada nas mais diversas instâncias em que se praticam as atividades corporais e esportivas. Esta intensa participação já tem produzido reduções nas diferenças de performance entre homens e mulheres (BURFOOT, 2007; GOELLNER, 2006; TANAKA e SEALS, 2008).

Este aumento na popularidade das corridas de rua é largamente demonstrado em estudos por todo o mundo, mostrando taxas de crescimento de cerca de 80% nos últimos 15 anos, com um número crescente de participantes em eventos de

corrida de longa duração como meias maratonas e maratonas por todo o mundo, que buscam não somente os efeitos positivos na expectativa de vida e na saúde em geral, refletido no aumento de participantes de faixas etárias mais velhas (HOFFMAN, ONG e WANG, 2010; JÜRGENS *et al.*, 2012; LEE *et al.*, 2010; LEPERS, 2008), como também pela prática por lazer e busca na melhora da auto estima (PALHARES, 2012).

Apesar do crescimento da corrida de rua, ainda notamos uma grande diferença entre as participações masculina e feminina, pois, mesmo que a participação delas como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens. Porém, independente do gênero, ter sucesso no término de um evento de corrida de rua requer adequado e regular treinamento de corrida de longa duração, assim como um apropriado estilo de vida (LEYK *et al.*, 2007).

A grande participação também verifica-se no Brasil, especificamente no Estado de São Paulo, onde são disponibilizados dados em balanço relativos às corridas de rua. Em seus registros de 2008, a Federação Paulista de Atletismo (FPA) contabilizou 282 provas de corrida de rua com 372.000 inscrições, sendo considerada corrida de rua pela Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF) aquelas que são disputadas em circuitos de rua, avenidas e estradas com distâncias oficiais ocorrendo entre 5 e 100 quilômetros (BASTOS, PEDRO e PALHARES, 2009).

De acordo com Sarkis (2009) a corrida de rua tem apresentado um crescimento surpreendente no número de adeptos, obtendo grande destaque no cenário esportivo nacional, chegando a ser o segundo esporte mais praticado no Brasil, somente atrás do futebol.

Em estudo publicado, foram avaliadas algumas características relacionadas à performance de mais de 35.000 corredores da Meia Maratona Corpore em um período de 7 anos. Verificou-se que não só a participação anual aumentou, com um maior aumento no sexo feminino e de pessoas de meia idade de ambos os sexos, mas também o tempo de conclusão de prova dos últimos colocados aumentou gradualmente, na maior parte das faixas etárias analisadas, em ambos os sexos (SIERRA *et al.*, 2015).

Gráfico 2 – Quantidade de inscritos na Meia Maratona Internacional da Corpore nos anos de 2003 a 2009 (SIERRA *et al.*, 2015)

A prática do ciclismo também tem tido crescimento em termos de participação em diversas partes do mundo. Cidades cada vez mais estimulam o uso da bicicleta como meio de transporte e lazer através de espaços preparados e adequados para a prática. Como em outras partes do mundo, no Brasil há a tradição de eventos como passeios ciclísticos em praticamente todas as capitais do país e com objetivos relacionados à promoção da saúde, conscientização sustentável, entre outros.

O ciclismo teve início como prática esportiva em meados do século XIX, na Inglaterra, logo que os aperfeiçoamentos na fabricação da bicicleta possibilitaram o alcance de maiores velocidades (VIEIRA e FREITAS, 2007).

Maso (2005) relata que a primeira prova internacional de ciclismo, a Paris-Rouen, foi realizada em 1869 e tinha um percurso de 123 km, o que corrobora com a observação de Tuche e colaboradores (2005) que relata que as primeiras competições de ciclismo surgiram em 1868 e acrescenta ainda, que houve a presença do ciclismo nos primeiros jogos olímpicos da Era Moderna, em 1896, na Grécia.

Desde então, este esporte não parou de evoluir, tendo a União Ciclística Internacional fundada na França em 1885 como órgão normativo das competições de ciclismo no mundo. Tão logo, em 1890, em Paris, o primeiro velódromo do mundo foi construído, e as competições olímpicas também passaram a ser realizadas em

estradas (VIEIRA e FREITAS, 2007).

No final do século XIX, as primeiras competições foram organizadas no Brasil, relatadas por fontes que indicaram inicialmente que o esporte foi organizado após a abertura de um velódromo na rua da Consolação, na cidade de São Paulo, em 1895. Há, também, relatos de que uma instalação semelhante possa ter sido construída no Rio de Janeiro: o Velódromo Nacional, situado na Rua do Lavradio (MELO e SCHETINO, 2009).

No Brasil, em forma de competição, o esporte começou a ser praticado em 1892, quando foi construído o Velódromo Nacional, no Rio de Janeiro (ARAÚJO, 1993; MASCARENHAS DE JESUS, 1999).

As denominadas iniciativas “*Open Streets*” surgiram após os eventos públicos envolvendo ciclovias, originadas em Bogotá. Elas visam exatamente incentivar a atividade física, promover a construção de uma comunidade e proporcionar uma utilização mais equitativa das ruas. Essas iniciativas envolvem o fechamento temporário de ruas selecionadas para priorizar o ciclismo. Esse tipo de evento ocorre e tem grande abrangência em cidades da América Latina e América do Norte (SARMIENTO, TORRES e JACOBY, 2010).

De acordo com Engelbeerg e colaboradores (2014), há um grande crescimento no interesse e participação nas “*Open Streets*”, sendo esta considerada uma fonte de atividade física e de conectividade com a comunidade. Em seu estudo, o grupo mostrou que no primeiro evento, realizado em San Diego em 2013, com um percurso de 5,2 milhas, contou com a participação de cerca de 8.311 pessoas que buscaram a atividade física não competitiva como forma de lazer.

Por outro lado, também é crescente a participação de pessoas em atividades de ciclismo competitivo, apesar da maior parte dos estudos investigar a participação e performance em eventos de *ultraendurance*, considerando principalmente maratonas e ultramaratonas. Verifica-se um crescimento exponencial, porém cerca de 40% dos que largam não completam o percurso (HOFFMAN *et al.*, 2010). São raros os estudos como o de Shoak *et al.* (2013) que analisam a participação e performance de ciclistas em eventos de *ultraendurance*. Este grupo mostrou que tem ocorrido crescimento na participação em eventos de “*ultraciclismo*”, sendo que cerca de 30-40% dos participantes não conseguem finalizar a distância.

De acordo com Tuche (2005), não é possível encontrar na literatura nacional estudos científicos sobre o crescimento da prática do ciclismo, demonstrando assim

uma carência nesta área.

3.1.3 Desenvolvimento da prática esportiva

Com este crescimento no número de praticantes e das provas de corrida de rua e ciclismo já observado, surge a necessidade de profissionais que orientem essa atividade, além da especialização e organização destes profissionais (BURFOOT, 2007). Na realidade brasileira observa-se a criação de grupos de corrida, denominados assessorias esportivas, nas quais profissionais de educação física ministram treinamentos e orientações em relação à prática de corrida de rua, ciclismo e *triathlon*, entre outros.

Em relação a corrida de rua, paralelo ao aumento do número de praticantes, observa-se nos últimos 10 anos o crescimento do número de assessorias esportivas especializadas. Segundo Silva e Sousa (2013) essas assessorias são responsáveis pelo crescimento no número de praticantes de corrida. De acordo com levantamento de Palhares (2012), cerca de 85% dos praticantes de corrida no Campus da Universidade de São Paulo recebem orientação de um educador físico/ treinador ou assessoria esportiva.

Desta forma, verificamos que, com a profissionalização na produção e organização das corridas de rua e o surgimento das assessorias esportivas, a corrida vem atraindo cada vez mais pessoas que não se interessam pela corrida de alto nível de desempenho (TRUCCOLO *et al.*, 2008).

Silva (2013) afirma que o aumento dos eventos de corrida reflete o número de praticantes de corrida de rua em todas as regiões do Brasil, sendo este crescimento amparado pelo trabalho de alto nível feito pelas assessorias esportivas que, com profissionais qualificados, contribuem muito para o desenvolvimento desse público.

De acordo com Oliveira (2010), a criação dos grupos de corrida, que hoje compõem a maior parte de inscritos nas provas, e a alta evidência das corridas de rua no Brasil, surge uma alteração no perfil econômico dos praticantes, com o surgimento de diferentes tipo de eventos de corrida: as corridas convencionais, voltadas aos valores mais tradicionais do esporte, com corredores de mais alto nível e classes sociais mais baixas; e as corridas segmentadas com maior produção, inscrições com valores mais altos, para corredores de final de semana.

Em termos de mercado, Bastos et al. (2009) apontam, a partir do modelo de indústria do esporte de Pitts e Sotlar, que os seguintes segmentos têm se desenvolvido nos últimos anos no Brasil: assessorias esportivas de corrida de rua, clubes de corrida, atividade oficial em entidades de administração do Atletismo que organizam eventos em geral de cunho competitivo, como IAAF, AIMS, CBAT, federações, estados e prefeituras.

Desta forma, a corrida de rua tornou-se atrativa aos meios comerciais, com o surgimento de revistas especializadas, investimentos no setor calçadista, além de roupas e acessórios, partindo do crescimento e perfil dos praticantes o investimento no mercado comercial (GONÇALVES, 2011). Podemos exemplificar o desenvolvimento da NIKE, cujo criador, Bill Bowerman, passou a desenvolver calçados adequados às necessidades de seus atletas, uma vez que o mesmo foi treinador de atletismo da Universidade do Oregon (KATZ, 1997).

Porém, até recentemente, apesar da importância do treinador para o desenvolvimento do atleta e do sucesso do esporte nacional estar aumentando, não há certeza da direção estratégica dessa profissão (CUSHION, ARMOUR e JONES, 2003).

Desde o início do Século XIX, os treinadores têm um importante papel em ajudar no desenvolvimento de atletas e crescimento do esporte no mundo. Os treinadores realizam várias funções, como guiar a prática, dar instrução e *feedback* e monitorar o aprendizado e *performance*, ajudando os atletas a atingirem seu maior potencial. Além disso, os treinadores possuem múltiplos papéis como professor, motivador, estrategista, na construção de caráter e como administrador (CARTER e BLOOM, 2009; DE MARCO e MCCULLICK, 1997).

Os resultados de pesquisas de Côté e colaboradores (1995) indicaram que os treinadores *experts* agregaram à sua formação teorias organizacionais, experiência, ética no trabalho e conhecimento formal, proporcionando sucesso em suas carreiras e atingindo altos níveis. Porém, não há referencial teórico para explicar quais fatores são mais importantes na formação dos treinadores e quais relações desses fatores são mais significantes. Apesar do treinamento emergir como uma disciplina não há *frameworks* compreensíveis que representem a real complexidade da prática diária dos treinadores (CARTER e BLOOM, 2009; CÔTÉ *et al.*, 1995; DE MARCO e MCCULLICK, 1997; ERICKSON, CÔTÉ e FRASER-THOMAS, 2007). Ter o

apropriado conhecimento é um fator crítico para um alto nível de eficiência como treinador (BLUMENSTEIN *et al.*, 2012).

3.1.4 Perfil e preferências dos praticantes

Ao observarmos este fenômeno das corridas de rua, verificamos um expressivo crescimento deste segmento desde o início deste século. É possível encontrar o corredor turista, maratonista, atletas que têm como objetivo qualidade de vida, bem estar e estética, pessoas que correm pelo convívio social, por gostar de desafios, entre outros (SALGADO e CHACON-MIKAIL, 2006).

Desta forma, uma vez que a importância da atividade física para a saúde e estilo de vida balanceado são bem aceitos, a mudança no estilo de vida ocasionada pela corrida e a preferência dos praticantes tornam-se um alvo de pesquisas e literatura especializada (ALLENDER *et al.*, 2008; TAHARA, SCHWARTZ e SILVA, 2003).

Compreender os motivos que levam as pessoas à atividade física e a manterem-se ativos é importante para manter a mesma atraente ao praticante, tornando possível que o indivíduo possa desfrutar por mais tempo dos benefícios promovidos pela corrida (RYAN *et al.*, 1997).

De acordo com Barbosa (2006), as dimensões motivacionais e os inventários aplicados aos fatores motivacionais variam muito, bem como sua nomenclatura. Pois, a cada pesquisa que busca analisar as características da motivação, cria-se um novo modelo (TRUCCOLO *et al.*, 2008).

A literatura relativa à adesão ao exercício refere-se ao processo de envolvimento com o exercício como um fenômeno de tudo ou nada. Entretanto, a adesão à prática de atividade física, em especial a corrida de rua, envolve um processo complexo, envolvendo adoção, iniciação, desligamento e retomada da atividade, além do perfil do praticante. Ademais, a motivação possui diferenças individuais, sendo fruto de experiências acumuladas e está diretamente ligada à história de cada um, tendo influência também de fatores extrínsecos (GOMES, 2003; NUNOMURA, 1998).

Segundo Kimiecik (1991), a adoção do exercício está relacionada à crença que diz respeito aos benefícios que este traz à saúde. Porém, o *Canadá Fitness*

Survey (1983) revelou que adultos participam do exercício físico encarando-o como um desafio, que traz benefícios à saúde e, por consequência, a sensação de sentirem-se melhor.

De uma forma geral, devemos considerar que há razões para a prática e razões para a desistência. Segundo o estudo de Weinberg e Gould (2014), as razões para se exercitar seriam: controle do peso; redução do risco de hipertensão, redução do nível de *stress* e depressão, prazer, construção da autoestima e socialização. Já os fatores para não se exercitar envolvem: falta de tempo, falta de conhecimento a respeito de “*fitness*”, falta de instalações, fadiga e cansaço.

Em estudos específicos quanto as razões para a prática da corrida de rua, as principais razões apontadas foram: saúde, socialização, ansiedade, lazer, peso, autoestima e indicação médica (ALBUQUERQUE, 2007; PALHARES, 2012; TRUCCOLO *et al.*, 2008).

No estudo de Truccolo (2008), foram avaliadas as razões para a prática de corrida de rua de acordo com o gênero, mostrando diferentes razões para a adesão. Para as mulheres: melhora do condicionamento físico e saúde, apreciar estar ao ar livre, aumento da autoestima, sentirem que a aparência física melhorou, apoio do cônjuge e por ser divertido. Para os homens: sentirem-se menos ansiosos, melhora do condicionamento físico e saúde, redução do *stress*, melhora da autoestima e apreciar estar ao ar livre. A análise nos leva a entender que os fatores psicológicos, sociais e fisiológicos parecem ser igualmente importante para as mulheres. Por outro lado, para os homens, o exercício físico é uma ferramenta de melhora psicológica, sendo mais importante que qualquer outro fator fisiológico (TRUCCOLO *et al.*, 2007; TRUCCOLO *et al.*, 2008).

Segundo Oliveira (2010) pertencer ao contexto esportivo e se apresentar como “atleta” ou “corredor” passou a ter um valor simbólico de superioridade física, disciplina e outros valores que em geral, dão ao indivíduo um lugar de respeito na comunidade. Relação esta, que foi reforçada por Cooper na década de 70, quando houve o boom do método Cooper, criando a chamada “corrida despreocupada”.

Segundo Gaya e Cardoso (1998), apesar das contribuições que a corrida traz aos seus praticantes, para aspectos físicos e qualidade de vida, estas podem não ser as únicas nem os mais importantes aspectos que integram as dimensões motivacionais que levam esse grande número de pessoas a aderir a prática de corrida. Desta forma, define-se 4 fatores que seriam considerados como

determinantes na participação de adultos na atividade física: características pessoais como gênero, idade, raça, ocupação, grau de instrução, estado médico, crenças; atributos psicológicos; fator programático e fator ambiental (KING, BLAIR e BILD, 1992).

Portanto, na análise, do perfil dos corredores, os diversos estudos encontraram o homem como maioria dos praticantes, faixa etária de maior frequência de 45 a 59 anos, estado civil casado, nível de pós-graduação e/ou superior completo (ALBUQUERQUE, 2007; RIBEIRO e COSTA, 2009).

De acordo com dados da Federação Paulista de Atletismo 70% dos participantes de Corrida de Rua estão na faixa etária acima dos 40 anos (SALGADO e CHACON-MIKAIL, 2006; SILVA e SOUSA, 2013). O aumento nestas faixas etárias pode relacionar-se ao fato de que adultos mais velhos identificam os benefícios da prática de atividade física em termos de redução dos efeitos da idade, manutenção da capacidade funcional para atividades cotidianas e com a família, além dos benefícios à saúde mental como sensação de relaxamento, redução da ansiedade e melhora do humor (ALLENDER *et al.*, 2008; NUNOMURA, 1998).

De acordo com Palhares e colaboradores (2012), no Campus da USP, os praticantes de atividades físicas concentram-se na faixa etária entre 45 e 59 anos, são predominantemente homens com nível educacional de pós-graduação. Verificamos também que 17,1% dos praticantes não recebem acompanhamento de um treinador, e as principais razões apontadas para aderência à prática esportiva foram: saúde, lazer, peso e autoestima, com duração média da prática de 70 minutos.

Em relação ao comportamento em termos de prática, a maioria dos corredores realiza seu treinamento de 3 a 5 vezes por semana (ALBUQUERQUE, 2007; PALHARES, 2012). Dados bem diferentes aos encontrados em pesquisa do Datafolha (1997), com praticantes de diversas modalidades, os quais 56% praticavam exercícios pelo menos uma vez por semana, mostrando a grande peculiaridade desse público da corrida de rua, no Campus.

E por fim, confirmando essas peculiaridades, em relação à orientação para a prática, cerca de 85% possuem acompanhamento de um profissional ou assessoria esportiva (ALBUQUERQUE, 2007; PALHARES, 2012). Desta forma, evidencia-se a importância e o reconhecimento da orientação de profissional para os praticantes.

3.1.5 Risco da prática esportiva - Gerenciamento de risco inerente ao praticante

A palavra risco deriva, originalmente, do italiano antigo *risicare*, que quer dizer ousar e, no sentido de incerteza, é derivada do latim *risicu* e *riscu* (BERNSTEIN, 1997). Neste contexto, a palavra risco deve ser interpretada como um conjunto de incertezas encontradas quando ousamos fazer algo, e não apenas como um problema (SALLES *et al.*, 2009).

A administração do risco apareceu a partir da necessidade de prever o futuro, de modo a assegurar a entrega dentro dos prazos e com os resultados previamente esperados. Os números são necessários para administração dos riscos que, sem números, resume-se a um mero exercício de adivinhação. Portanto, o gerenciamento de riscos não trata de decisões futuras mas, sim, do futuro das decisões que tomamos hoje (SALLES *et al.*, 2009).

Os riscos são eventos ou condições que afetam a realização ou o resultado das atividades, podendo ameaçá-las. A identificação dos riscos é feita com base nos objetivos e nas listas de atividades e recursos. O estudo de eventos passados ou de atividades similares, a análise do local da realização das atividades e do cadastro dos fornecedores de recursos, por exemplo, são estratégias para aumentar a quantidade de informações e, dessa forma, reduzir a incerteza. Os riscos depois de identificados, são analisados, para serem classificados quanto à probabilidade de ocorrência e gravidade dos impactos. A análise possibilita, finalmente, o planejamento de ações para responder aos riscos, de maneira a reduzir sua ocorrência ou minimizar suas consequências (MAXIMIANO, 2011).

Sendo assim, com o evidente crescimento dos eventos esportivos e, de uma forma geral, do número de participantes, faz-se necessária a análise e a prevenção de riscos dos participantes. Porém, esta análise e prevenção de riscos de participantes de treinamento e eventos esportivos têm limitado a concentrar-se em aspectos relativos a lesões específicas das modalidades. Por outro lado, o sistema de saúde tem avançado na análise e compreensão de riscos, como as principais causas de óbito, dando ímpeto à manutenção e ao avanço nos esforços de prevenção, principalmente considerando-se doenças crônicas (GOLDMAN e AUSIELLO, 2005).

As doenças cardiovasculares representam a principal causa de mortalidade no Brasil desde os anos 60. Fez-se necessário então avaliar os principais fatores de

risco ligados às doenças cardiovasculares, desta forma, nessa época surgiram os achados do primeiro estudo do tipo coorte destinada às doenças cardiovasculares, o *Framingham Heart Study*, que passou a identificar os principais fatores de risco para doença coronariana: hipertensão arterial, colesterol elevado e tabagismo (LOTUFO, 2008).

Portanto, considerando-se que a gestão de um ambiente de prática esportiva não deixa de ser uma abordagem populacional, o mesmo se torna uma estratégia na prevenção e redução de riscos cardiovasculares, além de evidenciar a necessidade de análise destes riscos para um planejamento adequado.

Porém, ainda existem grandes lacunas quanto ao planejamento e análise de riscos em saúde. A ausência de retribuição pelo tempo despendido, o ceticismo em relação às mudanças de comportamento, às dificuldades de analisar a eficácia a longo prazo e ao sistema de atendimento à saúde voltado para a doença são todos fatores que desestimulam o planejamento e a aplicação da gestão de riscos (GOLDMAN e AUSIELLO, 2005).

Para qualquer intervenção e planejamento, desde o sistema de saúde até a prática e eventos esportivos, devem ser consideradas as taxas de óbito, que variam segundo a localização geográfica e apresentam uma correlação inversa com condições socioeconômicas para as principais causas de morte (THIENE *et al.*, 2010).

Os determinantes das condições de saúde incluem políticas e intervenções de atenção e prevenção a saúde, comportamento pessoal, ambiente físico e social e biologia do indivíduo (ISRAEL *et al.*, 1998). Desta forma, fatores ligados ao estilo de vida, como tabagismo, uso de álcool, nutrição, inatividade física e outros comportamentos de risco, contribuem para uma grande proporção de óbitos evitáveis.

A atividade física moderada reduz o risco de obesidade, diabetes e doença coronariana, entre outros benefícios; enquanto a inatividade física é claramente um fator contribuinte importante para a mortalidade prematura e a mortalidade por doenças crônicas (BRISS *et al.*, 2000).

Estudos indicam que aproximadamente 30% dos adultos são totalmente sedentários durante seu tempo de lazer e os outros 30 a 40% têm atividade mínima. Os benefícios mais diretos da atividade física são as adaptações cardiovasculares e músculo-esqueléticas (PREVETION, 2001).

Existem evidências razoáveis de que intervenções breves sejam capazes de produzir efeitos mensuráveis sobre alguns comportamentos, como tabagismo e prática de atividade física. Entretanto, estudos sobre orientação em situações de atenção primária produziram efeitos mistos sobre os níveis de atividade física (EDEN *et al.*, 2002).

Em contrapartida, os eventos esportivos mostram-se um importante fator de estímulo para a prática de atividade física. Assim, tornam-se uma importante estratégia na prevenção primária de doenças cardiovasculares, crônicas degenerativas e nos fatores de risco cardiovascular, surgindo de uma forma mais acentuada a necessidade de planejamento e estudo na gestão de riscos relacionados aos participantes.

A gestão de riscos em eventos esportivos engloba uma série de aspectos que se inicia na fase de concepção e planejamento do evento, levando-se em conta as condições do local, riscos financeiros, riscos de eventos naturais, riscos aos participantes, aos espectadores, em relação à segurança, entre outros (BARREAU, 2001).

O processo de gestão de riscos em eventos envolve, a partir da definição do evento, a identificação e catalogação dos riscos e o desenvolvimento de estratégias de gestão para os mesmos. Especificamente na fase de definição do evento uma das questões a serem consideradas é o conhecimento do participante em potencial, no sentido de adequá-lo e de melhor atender suas expectativas e não colocá-lo em risco no que concerne à sua integridade física (BARREAU, 2001).

Porém, aspectos relacionados à gestão de eventos esportivos, em especial quanto a gestão de riscos, tem sido pouco estudada em termos acadêmicos no país. Tranchitella (2013) em seu estudo conclui que o gerenciamento de riscos em eventos esportivos é parte fundamental do planejamento, exercendo um papel crucial na gestão de projetos, tendo em vista que interfere em todas as áreas do conhecimento do gerenciamento de projetos. Apesar disso, atualmente em São Paulo a avaliação dos riscos é feita de modo informal, em um ambiente em que o empirismo ainda tem muita força, sendo precária e quase inexistente a utilização de ferramentas e técnicas específicas do gerenciamento de riscos, com o uso somente de reunião e relatórios como ferramentas de controle.

A primeira etapa de avaliação de risco, segundo Fuller e Drawer (2004), é a identificação dos fatores de risco associados ao esporte. Para os autores, os

participantes normalmente representam a maior das partes interessadas na maioria dos esportes (outras partes interessadas incluem, por exemplo, funcionários, espectadores, a mídia e o público). Para o participante, os fatores de risco podem surgir a partir das instalações, como estádios, vias públicas e vias navegáveis; do equipamento, tais como postes, tacos de hóquei e obstáculos; e da própria atividade física, como corrida, ciclismo e natação (POULOS *et al.*, 2015).

Para os autores, a próxima etapa é a de considerar como cada um dos fatores de risco identificados pode afetar os participantes individuais. Isto é particularmente importante quando o impacto pode variar de um grupo de participantes para outro, por exemplo, em relação ao sexo, idade e presença ou não de deficiência. Os fatores de risco intrínsecos para participantes individuais também envolvem estabilidade articular e força muscular (FULLER e DRAWER, 2004).

Para o sucesso de um evento esportivo, além da organização geral, é de suma importância o gerenciamento de risco, sendo o praticante um dos pontos-chaves nesse processo. A análise dos resultados obtidos em estudos aponta fatores importantes em relação ao perfil demográfico, psicográfico e esportivo de corredores de maratona. Desta forma, a condição física e de saúde, mesmo que avaliadas em termos de *anamnese*, assim como o levantamento prévio do nível de preparação e experiência prévia dos participantes são aspectos a serem considerados pelos organizadores de eventos de corrida de rua na identificação e avaliação dos riscos (SIERRA *et al.*, 2014).

Outro aspecto relevante, como vimos, são os fatores de risco relativos às instalações onde as atividades são praticadas.

3.2 Espaços e instalações para a prática de atividades físicas

3.2.1. Tipologia de espaços públicos e privados

Para Santos (2006), o espaço é entendido como um híbrido entre a materialidade e a sociedade, forma e conteúdo, fixos e fluxos, sistemas de objetos e sistemas de ações. Magnoli (1982), buscou afirmar o “espaço livre” como objeto de paisagismo, indo além do jardim, do projeto de vegetação e da escala urbana. Neste sentido, definiu espaço livre como espaço livre de edificações, ou livre de

urbanização, ou seja, todo espaço descoberto, urbano ou não, vegetado ou não, público ou privado (MAGNOLI, 1982; SANTOS, M., 2006).

Mas, a realidade é que estes espaços estão em constante processo de transformação e adequação às contraditórias demandas da sociedade, segundo a correlação de forças que se processa entre agentes sociais como instituições, empresas, classes e grupos sociais, que se apropriam e fazem uso de forma diferente do proposto aos espaços públicos (QUEIROGA, 2014).

A Grécia é considerada o país em que pela primeira vez os espaços livres assumiram função pública, quando passaram a ser considerados como locais de passeio, conversa e lazer da comunidade. Este fato deu-se quando um jardim privado de propriedade da nobreza foi convertido em espaço livre para usufruto da comunidade.

Cabe então, ressaltar o papel que o espaço público teve na Grécia Antiga, onde destaca-se uma condição inerente, pois ao mesmo tempo em que todos os cidadãos tinham os mesmos direitos na democracia, nem todos os que viviam nesta sociedade eram considerados cidadãos (SOUZA, 2008).

Também é importante registrar a influência exercida pelos jardins franceses no surgimento das áreas verdes, praças e parques, abertos à população. Fato que também influenciou os ingleses na idealização e criação dos primeiros parques públicos como hoje conhecemos (LOBODA e ANGELIS, 2009).

A partir do Século XVI, os parques e jardins públicos começaram a surgir na América, influenciados pelas cidades europeias, gerando uma forma peculiar de consolidação dos espaços urbanos e redefinindo as relações entre o homem e a natureza (SEGAWA, 1996).

No Brasil, as praças e jardins surgiram após a colonização, com espaços que constituíam pontos de atenção e focalização urbanística que localizavam-se no entorno da arquitetura de maior atenção dos administradores (REIS FILHO, 1968). De acordo com Segawa (1996), o Passeio Público do Rio de Janeiro foi um dos primeiros jardins públicos construídos no Brasil.

O Novo Código Civil Brasileiro define os espaços livres públicos como bens de propriedade pública com diferentes graus de acessibilidade e de apropriação. Denominam-se então bens de uso comum do povo, espaços de apropriação pública por excelência, como: ruas, praças, parques urbanos, praias, jardins etc; bens dominicais ou dominiais, espaços que constituem o patrimônio do Estado; e, por fim,

os bens de uso especial, que são os destinados ao uso da Administração para o alcance dos fins colimados pelo Estado, são exemplos, repartições públicas, os teatros, as universidades, escolas, cadeias públicas, os museus, cemitérios, hospitais, mercados e outros abertos à visitação pública (REPÚBLICA, 2015).

Com o crescimento dos conflitos funcionais entre veículos e pedestres, surgiram no Brasil, durante os anos 1970, as primeiras ruas centrais destinadas exclusivamente ao uso dos pedestres, também denominadas calçadões. Esses espaços, junto a parques e praias recebem cada vez mais pessoas para a prática de atividades físicas, como caminhada, corrida e pedalada (QUEIROGA, 2014).

Verificamos desta forma que os espaços de uso público são visivelmente influenciados por uma série de elementos que caracterizam o modo de vida contemporâneo nas megacidades. Essa relação da esfera pública com os espaços livres tornou-se mais complexa, pois modificam substancialmente as formas de uso, de modo que estes espaços assemelham-se a espaços privados de uso coletivo, tornando estas ocupações item de discussão. Coloca-se em questão um patamar mais abrangente e pertinente em relação às transformações dos espaços de uso público e privado, assim como essas redefinições (BENFATTI, 2010). Nesta análise, considera-se então, que ocorre uma degradação e ocupação dos espaços públicos pela iniciativa privada (COSTA GOMES, 2002).

Cabe ressaltar que o espaço público não pode ser confundido com qualquer tipo de espaço coletivo que propiciou sociabilidade entre as pessoas de uma sociedade, pois existem espaços de encontro que não podem ser chamados de públicos. Espaços comuns são aqueles relativos às práticas sociais dos indivíduos e, portanto, os espaços públicos são uma das expressões deste espaço comum (LÉVY e LUSSAULT, 2003).

Neste âmbito, devemos levar em conta os espaços considerados bens de uso especiais, os quais não apresentam acesso irrestrito exatamente para garantir a sua função social pública, apesar de apresentarem um fim específico e preferencial. Podemos citar como exemplo uma quadra poliesportiva de escola pública, a qual tem função preferencial de atender os estudantes matriculados, mas cujo espaço, em situações específicas, pode atender um público mais heterogêneo. Isso não quer dizer que o espaço público é espaço de livre acesso, somente que os bens públicos de uso comum do povo são, por sua natureza, propriedades de livre acesso ao público, ainda assim, podendo seu uso estar sujeito às normas e restrições

estabelecidas pela gestão por ele responsável, sempre respeitando o principal objetivo para o qual aquele espaço foi concebido (QUEIROGA, 2014).

3.2.2 Espaço urbano e prática esportiva

Segundo Souza (2008), o espaço público possui uma íntima relação com a política vivida dentro da cidade. Por isso, ao debater o espaço público, estamos debatendo a questão da cidadania, ou seja, dos direitos e deveres daqueles que vivem na cidade.

Assim, observamos que não há como falar de sociedade e sua complexa teia de relações sem considerar a espacialidade aí inscrita e suas marcas. Neste sentido, destaca-se uma atenção no meio urbano e a estreita relação entre lugares abertos e a prática esportiva, em que o mero entretenimento satisfaz temporariamente as necessidades humanas, significando uma “linha de fuga” das formas sistemáticas de trabalho. Da mesma forma, as práticas podem possibilitar a aquisição de novos valores humanos, envolvendo aparentemente a relação ética com o outro, o convívio um pouco mais harmonioso com a diferença, a autonomia e a vivência com a cultura (RECHIA e FRANÇA, 2006).

Desta forma, uma vez que, locais onde ocorre a prática do esporte são considerados instalações esportivas, locais onde se dá a prática esportiva como os lagos, gramados, ruas e áreas recreativas abertas que recebem algum tipo de competição deveriam ser considerados como instalação esportiva. No entanto, estes locais são geralmente excluídos da definição geral, uma vez que são locais que não possuem como principal finalidade a prática esportiva, são somente preparados e adaptados para esta finalidade (FRIED, 2015).

Quanto as definições, parque urbano é todo o tipo de espaço destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo. Os parques surgiram com a revolução industrial, pois com a urbanização houve uma redução dos espaços livres que poderiam servir para o lazer, daí a necessidade do criação de parques (MACEDO e SAKATA, 2002).

Na cidade, encontramos uma grande manifestação da população quanto ao uso de praças, parques e instituições de ensino como principais espaços para as práticas esportivas. Pela sua distribuição no espaço geográfico da cidade, a praça

tornou-se uma referência importante das comunidades na vivência de atividades de lazer ao ar livre, porém a praça tende a se tornar mais esportiva à medida que se afasta do centro da cidade, onde a pressão imobiliária é menor e há um aumento de áreas disponíveis (SANTOS, 2006).

Também encontramos relatos de uma antiga, gradual e progressiva ocupação para a prática esportiva em grande parte dos espaços litorâneos. Em Camboriú, Vitória, em decorrência do crescimento da ocupação para o lazer e esporte, o município determinou áreas para o lazer, prática esportiva, competições e cultura. Observa-se neste processo o início da legitimação e organização pelo Estado de áreas para finalidades esportivas em espaços abertos (TAVARES *et al.*, 2013).

De acordo com De Matos (2010), o aumento da oferta de espaços e equipamentos públicos na cidade do Porto, em Portugal, contribuiu para diversificar as oportunidades de ocupação do tempo livre e de lazer da população, assim como são fundamentais para a saúde e bem estar social.

Marcus e Forsyth (1999), indicaram que o *design* do ambiente e políticas são mais efetivos que programas em termos de sustentabilidade e alcance populacional ao influenciar no nível de atividade física. O ordenamento dos espaços públicos, sobretudo os de lazer, é atualmente um dos aspectos vitais para a revitalização e qualidade de vida no meio urbano (DE MATOS, 2010).

Desde que a localização dos parques é próxima dos bairros, tem custo gratuito ou baixo custo para acesso dos visitantes e é acessível, os parques tornam-se importantes ferramentas para incentivar o interesse da prática de atividade física. Considerando-se o público idoso, os fatores que os influenciam a visitar parques incluem: acessibilidade, percepção de segurança, presença de facilidades, tamanho do parque, coisas para ver, eventos para participar, manutenção, além de obtenção de ganhos sociais e psicológicos (CHOW, 2013).

3.3 Prática esportiva nas áreas comuns do *Campus* da USP

É imprescindível considerar a Universidade como um espaço de relações sociais complexas, sobretudo porque em um espaço universitário desenvolvem-se diariamente as funções de ensino, pesquisa, extensão e da gestão universitária,

convivendo com diversas territorialidades que podem gerar conflitos de interesses pelo uso do solo e das atividades técnico-científicas (BARBOSA e ROCHA, 2015).

3.3.1 Espaço universitário, seu contexto histórico e primeiras normatizações

Em 1935, surgiu a ideia da construção do Campus da USP pelo então governador Armando de Salles Oliveira. Uma comissão foi constituída e presidida pelo reitor da época, Reynaldo Porchat, que tinha o objetivo de escolher o local para concentração de toda a Universidade. A região escolhida compreendeu entre a Faculdade de Medicina (situada à Av. Dr. Arnaldo desde 1931) e o Instituto Butantã. Mas, por conta do número de desapropriações, o projeto foi restrito apenas à fazenda Butantã, com aproximadamente 200 alqueires. Assim, na década de 50, iniciou-se a construção do Campus da USP (BARROS, 2003).

A administração do Campus da Capital, incluindo as áreas comuns, é exercida pelo Conselho Gestor do Campus e pela Prefeitura do Campus da Capital. A Prefeitura foi criada em 16 de dezembro de 1969, pelo Decreto nº 52.326, sendo, de acordo com a Resolução nº 5.039, órgão da Reitoria, destinado a assegurar e executar os serviços administrativos essenciais de interesse das Unidades e órgãos vinculados ao Campus (UNIVERSIDADE, 1969; 2003).

Em 23 de dezembro de 2008, a Prefeitura do Campus foi transformada em Coordenadoria do Campus a fim de descentralizar atividades da Reitoria (UNIVERSIDADE, 2008b). Porém, em 27 de setembro de 2010, a portaria nº 5.871 altera novamente a nomenclatura para Prefeitura do Campus USP da Capital (UNIVERSIDADE, 2010b).

A Prefeitura do Campus USP da Capital (PUSP-C) tem sua organização voltada para o bem estar e a qualidade de vida de seus usuários com o lema de modificar agora e manter para o futuro. A PUSP-C trabalha para promover a Universidade com serviços de infraestrutura e manutenção que possibilitem o seu funcionamento sustentável como instituição de ensino, pesquisa e extensão. A PUSP-C constrói uma gestão estratégica onde as funções vitais do Campus são cercadas pelo conhecimento técnico produzido em seu quadro de colaboradores, além de novos conceitos, parcerias e inovações, necessários para um funcionamento integral e eficiente (PUSP-C, 2015a; b).

Desta forma, desde que, na década de 90, o Campus da USP passou a ser murado, começou uma preocupação em relação ao acesso ao Campus aos finais de semana, quando ocorre uma redução das atividades acadêmicas.

A partir disso, o primeiro registro da USP em relação à organização do acesso ao espaço no final de semana ocorreu somente em 12 de abril de 1994, quando o Prefeito da CUASO, Prof. Dr. Antonio Rodrigues Martins, notificou em ofício circular a implantação do programa de reorganização da ocupação e do uso do Campus da Capital nos finais de semana, que teria início a partir do dia 17 de abril de 1994. O ofício informava que aos finais de semana os veículos e motocicletas ao adentrarem o *Campus*, “seriam conduzidos a um bolsão único devidamente sinalizado”. Além disso, o acesso aos prédios nesse período seria permitido apenas com autorização por escrito da diretoria da unidade. No mesmo ofício, encontramos a informação que a circulação em grande parte do Campus seria permitida apenas para pedestres e bicicletas (UNIVERSIDADE, 1994a).

Em 19 de maio de 1994, outro ofício circular é publicado pelo Prefeito do Campus Prof. Dr. Antonio Rodrigues Martins, o qual destacava a implantação do programa de reorganização, além de ressaltar a necessidade da comunidade vinculada à Universidade de São Paulo de identificação nos bloqueios, para que pudessem chegar às suas unidades na Universidade (UNIVERSIDADE, 1994b).

Ainda com o objetivo de organizar o uso do espaço, sem que fosse considerada a prática esportiva no Campus, no dia 18 de agosto de 1994, a Prefeitura do Campus USP da Capital, publica a portaria número 7 (UNIVERSIDADE, 1994c), a qual tinha como objetivo disciplinar o uso de áreas comuns do Campus da USP, com cobrança de acordo com a finalidade. Incluía-se os seguintes usos: filmagens com finalidade comercial, fotografia, promoção de eventos, shows, eventos culturais, faixas, cartazes, panfletos e ambulantes. A portaria também previa regras de uso e dois modelos de solicitação de uso ao prefeito, em que o modelo A era destinado aos eventos culturais ou desportivos sem qualquer tipo de propaganda, e o modelo B destinado à realização de eventos com fins lucrativos. Quanto as sanções, encontramos no parágrafo segundo, o recolhimento da caução com o valor do dobro da taxa ali mencionada, além da existência de uma multa relacionada às mercadorias apreendidas no Campus sem autorização.

No dia 12 de fevereiro de 1999, o Reitor da Universidade de São Paulo Prof. Dr. Jacques Marcovich, cria a Portaria GR nº 3.149 (1999b) dispondo a criação do Conselho de Qualidade de Vida e Segurança da Cidade, órgão consultivo e deliberativo, com o objetivo de definir e acompanhar a implementação de políticas voltadas à qualidade de vida e à segurança no Campus.

3.3.2 A prática da atividade física nas dependências do *Campus*

Além das unidades de ensino, pesquisa e extensão, a USP possui unidades denominadas meio, as quais não tem como objetivo direto esse tripé universitário, porém dão subsídios para que as outras unidades os desenvolvam. Uma dessas unidades é denominada CEPEUSP, Centro de Práticas Esportivas da USP, onde ocorrem as práticas formais de atividade física da comunidade USP. Porém, este espaço é de uso restrito à comunidade USP, com exceção a alguns cursos semestrais abertos à comunidade externa e não tem como finalidade o desenvolvimento de treinamento de corrida e ciclismo para o público externo.

Com o aumento da popularidade das corridas de rua a nível mundial e também no Brasil, com um número crescente de participantes de eventos de corrida de longa duração, houve a procura por um lugar ideal para treinar, além de uma supervisão por parte de um treinador e, desta forma, a partir do final da década de 1990 as áreas comuns da Universidade de São Paulo foram ocupadas para a prática esportiva supervisionada (FONSECA, 2012).

A prática esportiva nas áreas comuns do Campus da USP conta com uma história de diversas tentativas de intervenções pela prefeitura do Campus. A convivência na USP, desde o início, sempre mostrou conflitos entre a comunidade USP e os praticantes e profissionais que ministram atividade física. Essa situação está registrada em documentos públicos registrados na Prefeitura do Campus, assim como em matérias nos principais jornais de circulação em São Paulo e mídias físicas e on-line especializadas na área de corrida.

Desta forma, em Setembro de 1999, o prefeito do Campus Prof. Dr. Gil da Costa Marques expede um ofício sob o número 1.030, relatando a existência de algumas pessoas em diversos pontos do Campus, que se apresentavam como *personal trainer*, os quais frequentavam o Campus nos finais de semana com seus

alunos. O ofício ainda solicita a consulta da Assessoria Jurídica da Universidade, a fim de realizar um cadastramento desses profissionais, com concessão de uso e termo de autorização para que estes pudessem atuar dentro no Campus da USP (UNIVERSIDADE, 1999a).

Considerando então este crescimento da prática da corrida de rua e do ciclismo, assim como o fechamento do Campus para a comunidade sem vínculo com a universidade aos finais de semana, a Secretaria Estadual da Juventude, Esporte e Lazer, representada pelo Sr. Secretário Lars Graef, reuniu-se com o prefeito do Campus da USP, em outubro de 2000, para pedir a abertura do Campus para a comunidade utilizar as áreas comuns em atividades sociais, esportivas e educativas. O uso do espaço para a prática do ciclismo também foi requerida nesta reunião. A Universidade não concedeu o uso do espaço e ainda reiterou que para o ciclismo, a prática no Campus só poderia ser concedida em caráter especial caso o grupo seja vinculado a projetos de pesquisa da USP (USP, 29.out.2000).

Em abril de 2002, sob a gestão do Prof. Dr. José Geraldo Massucato, ocorreu uma reunião entre o Prefeito do Campus e representantes dos Corredores Paulistas Reunidos – CORPORE e Associação dos Treinadores de Corrida – ATC onde foi tratada a questão da liberação do espaço aos sábados para a prática esportiva, uma vez que a Universidade atualmente encontrava-se fechada aos domingos para o acesso da comunidade externa. Desta forma, foi acordado entre a Prefeitura do *Campus*, a Corredores Paulistas Reunidos (CORPORE) e a Associação dos Treinadores de Corrida (ATC), a autorização para montagem de 60 tendas organizadas pela CORPORE e a ATC que serviria de apoio aos treinadores de corrida e aos corredores a eles vinculados (USP, 23.jan.2004).

No acordo, haviam regras as quais definiam a padronização das tendas e publicidade, localização das mesmas definidas pela Prefeitura, além da obrigatoriedade de recolhimento dos resíduos produzidos durante os períodos de treinamento. Ainda fazia parte do acordo que as equipes que ocupariam esse espaço deveriam recolher, na prefeitura, uma taxa mensal, que seria revertida para a manutenção da infraestrutura do Campus. A organização ficaria sob responsabilidade da CORPORE e ATC, com início vigente em fevereiro de 2003, sendo que para montar as tendas nas áreas comuns da USP os profissionais de educação física tinham que ter autorização da ATC, possuir registro de educador

físico (CREF-SP), comprometer-se com a padronização das tendas, respeitar as regras de uso e descarte dos resíduos (PRADO, 12.fev.2003).

Porém, em dezembro de 2003, o prefeito do Campus da USP Prof. Dr. Wanderley Messias da Costa, no início de seu mandato, proibiu a instalação das 60 tendas que serviam como apoio para treinadores de corridas e corredores a eles vinculados, anulando o acordo firmado com as associações (ESPORTISTAS, 18.Jan.2004; USP, 18.jan.2004).

Segundo o Presidente da ATC Cláudio Castilho, as tendas de apoio eram utilizadas como apoio aos profissionais de educação física, distribuição de água e frutas para aproximadamente 3.500 esportistas. Apesar disso, após a proibição das tendas, nenhuma tenda de apoio aos treinadores e corredores foi instalada e desta forma, os atletas tiveram que treinar sem o apoio dos postos de hidratação e estrutura para alongamento e alimentação. Para minimizar essa situação, os treinadores deixaram toda a estrutura de apoio dentro de seus carros, a fim de ainda oferecer alguma forma de apoio aos seus praticantes. Muitas matérias em jornais de grande circulação e sites de internet noticiaram e acompanharam essa restrição gerada (ESPORTISTAS, 18.Jan.2004; 19.jan.2004; USP, 23.jan.2004).

Apesar das sucessivas tentativas de organizar e regulamentar a prática do Campus, diversas ocorrências e reclamações dos usuários relacionadas à prática de atividades físicas têm sido registradas.

No dia 07 de abril de 2005, o prefeito do *Campus* Prof. Dr. Wanderley Messias da Costa, expediu uma ordem de serviço 001 direcionado ao diretor da Divisão de Operações e Vigilância – DOV /Guarda Universitária e aos membros do conselho do Campus. Esta ordem de serviço, que ocorreu devido a constantes reclamações da comunidade USP, proibia de segunda a sexta, a partir do dia 25 de abril de 2005, a circulação de ciclistas sem vínculo com a Universidade, uma vez que a utilização das vias de tráfego por grupos de ciclistas, colocavam em risco a segurança de pedestres e deles próprios, além de causar transtorno à comunidade USP (UNIVERSIDADE, 2005).

Nesta Ordem de Serviço, ainda foram citadas ocorrências registradas pela Guarda Universitária que envolviam desentendimentos entre ciclistas, pedestres, motoristas em geral e condutores de ônibus circular da USP em particular. O documento apenas mantinha a permissão de uso para os ciclistas-atletas, nas vias

da universidade aos sábados das 05:00 às 14:00 como nos dias de competição esportiva autorizadas pela Prefeitura da USP (UNIVERSIDADE, 2005).

Em 25 de abril de 2005, ciclistas que treinavam em grupo e com roupa de competição receberam informações que o uso do espaço em dias de semana para treinos não seria permitido pela USP. Matérias em sites e revistas registraram a restrição da prática do ciclismo, bem como informaram e divulgaram a realização de uma “pedalada”, no dia 25 de abril, que sairia do Parque do Ibirapuera até a Prefeitura da USP em protesto contra as regras da USP e em prol dos ciclistas de São Paulo (USP, 09.abr.2005; 24.abr.2005).

Em 19 de maio de 2005, é noticiada pela Folha a morte de dois ciclistas atropelados na rodovia dos Bandeirantes. Segundo o jornal, os atletas eram conhecidos entre os adeptos do esporte. Na matéria houve o relato do Presidente da Federação Paulista de Ciclismo atribuindo as mortes à suspensão do uso do espaço da Universidade para a prática do ciclismo. O mesmo ainda relata que a Universidade estaria agindo contra uma tendência mundial. Em nota, a Universidade considerou inaceitável a responsabilização pelo acidente dos ciclistas, considerando ainda que um dos ciclistas era professor da Universidade e tinha livre acesso ao Campus. Havia ainda na matéria o relato do Secretário Estadual de Juventude, Esporte e Lazer do Estado de São Paulo, o qual dizia que era quase inevitável a associação realizada pelo Presidente da Federação Paulista de Ciclismo, informando que os ciclistas envolvidos no acidente tinham a Universidade como um dos principais locais de treinamento antes da proibição (BRITO, 25.abr.2005).

Na matéria, há também o relato de que o Secretário Estadual da Juventude, Esporte e Lazer mediava junto à universidade o uso do espaço para a prática do ciclismo, além da negociação com a Prefeitura do Município a abertura do Autódromo de Interlagos. Assim, as mortes acirraram a briga dos ciclistas com a Prefeitura da USP, devido à proibição dos treinos nas áreas comuns da USP desde o dia 25 de abril de 2005 (BRITO, 25.abr.2005; MORTE, 20.maio.2005).

Foram veiculadas ainda outras matérias relacionadas às mortes dos ciclistas, com manifestos de ex-alunos da USP a favor da abertura da USP para a prática do ciclismo, além de sugestões para a organização do espaço e convívio entre os usuários e a comunidade USP (ANDERSON, 25.abr.2005).

A ordem de serviço causou mobilização não somente da mídia mas também em termos judiciais, no site da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

encontramos o Projeto de Lei nº 427/2005, que tramitou a favor de autorizar o uso das áreas comuns do Campus para a prática de ciclismo. O projeto teve início em 30/06/2005, com publicação em diário oficial e andamento pelas instâncias da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo com pareceres favoráveis de deputados até o dia 25/08/2007, porém não houve desfecho deste projeto (ASSEMBLEIA, 2005a; b).

Também houve manifestação jurídica pela Federação Paulista de *Triathlon* que entrou com um mandato de segurança em 11 de novembro de 2005, solicitando ao poder Judiciário da Comarca de São Paulo a suspensão da Ordem de Serviço 001 expedida pelo Prefeito do Campus. O mandato de segurança visava permitir que os atletas federados tivessem livre acesso ao Campus da USP para a prática de ciclismo.

O processo foi analisado e nele destacado que o espaço da Universidade de São Paulo é de uso especial, destinado para o ensino, pesquisa e extensão, além de possuir administração autônoma interna da Universidade fato que garante o uso restrito às suas finalidades. Assim, o processo foi julgado e revogado no dia 31 de outubro de 2005 (PODER, 2005). Apesar da Ordem de serviço não ter sido suspensão, os ciclistas mantiveram-se treinando na Universidade, porém houve uma redução na frequência e aglomerações.

Percebe-se que o conflito nem ao menos reduz-se, além de haver uma tentativa de resposta agressiva do outro lado envolvido no conflito, fato este demonstrado claramente por processos que tramitaram no Ministério Público relacionados a agressões verbais e raras agressões físicas sofridas por pedestres e motoristas e realizadas por ciclistas. Em relação a esse fato, em 4 de agosto de 2006, o presidente da ATC deu uma entrevista ao site *Web Run*, relatando essas agressões e a situação insustentável (EVÊNCIO, 04.agost.2006).

Desta forma, no dia 05 de março de 2007, a Prefeitura do Campus regulamentou a prática de ciclismo indicando a Guarda Universitária como agente fiscalizador. A regulamentação para a prática do ciclismo previa o uso das áreas comuns da CUASO às terças e quintas feiras das 05:00 às 07:00, e aos sábados das 07:00 às 14:00. Para o uso, os ciclistas deveriam cadastra-se em postos instalados no Campus para obter uma identificação. O documento também aponta que os postos permaneceriam ativos até o limite da capacidade de esportistas ciclistas no Campus, limite este não informado. Quanto às sanções, o regulamento

indica o Regimento Interno da Universidade nas regras gerais dos procedimentos internos para uso de bicicleta como esporte, na legislação brasileira e no Código de Trânsito Brasileiro (UNIVERSIDADE, 2007).

A notícia da regulamentação é divulgada por diversos meios de comunicação, atentando para a importância do cadastramento e explicando medidas criadas pelas próprias associações e ciclistas como plaquinhas de identificação que deveriam estar fixadas na bicicleta em local de fácil visualização, para controle e segurança (PEDAL, 03.jul.2007).

Em 2008, foi realizado pela Universidade o 1º Fórum permanente sobre Espaço Público: “A USP e a especificidade de seus *Campi*”, no qual envolveu docentes, funcionários, alunos USP e comunidade externa. O Fórum teve como objetivo promover ampla reflexão e discussão sobre destinação, ocupação e uso dos *Campi* universitários públicos, de modo a contribuir para seus processos de governança, conservação e funcionamento sustentável. O relatório final visou os seguintes tópicos: confusão entre o uso livre e aleatório do espaço físico do Campus pelo público, permissões de uso do espaço do Campus como parque e a relação gerada entre os usuários e comunidade externa e o ensino pesquisa e extensão de serviços pela Universidade. Por fim, o relatório ressalta que essa discussão é mais ampla e complexa com necessidade de envolvimento de diversos setores da USP, cabendo a USP ocupar esse espaço de forma planejada e articulada, expressa na elaboração e apropriação de planos diretores físicos e em políticas institucionais. Apesar destas discussões, nenhuma ação concreta quanto ao uso das áreas comuns para a prática esportiva foi realizada (UNIVERSIDADE, 2008a).

Porém, mesmo com o fórum e a tentativa de regulamentação, o descontentamento da comunidade USP com os ciclistas não parece ter reduzido. Uma forma de demonstração de descontentamento foi o caso das “tapetadas” sofridas pelos ciclistas. Trata-se de estudantes da Universidade que, dentro de seus carros em movimento, enrolavam os tapetes de borracha do carro e batiam nos ciclistas enquanto os mesmos pedalavam. Estes casos, além de ganharem as mídias, foram documentados e viraram inquérito policial com o indiciamento de quatro jovens. Apesar disso, não houve registro de ocorrência na Guarda Universitária (JOVENS, 03.mar.2009; SILVEIRA, 01.mar.2009).

Por outro lado, ocorrências relacionadas à falta de segurança envolvendo violência e assaltos também tornaram-se frequentes entre ciclistas e corredores, o

cadastro dos ciclistas não deu certo e mantiveram-se os conflitos (STEIN, 17.nov.2009).

O tempo passou, porém os conflitos entre a prática esportiva e a comunidade USP sempre mantiveram-se. Desta forma, em janeiro de 2010 a Prefeitura do Campus anunciou que para realizar a prática esportiva no Campus da USP, o esportista teria que efetuar um cadastro gratuito em um local específico da Universidade. Após esse cadastro, os esportistas obteriam um cartão de identificação para acesso às dependências do Campus. Junto a isso, os atletas tomariam conhecimento das regras. Durante todo o período informativo, a Prefeitura anuncia a importância do cadastro para a realização dos treinos no Campus da USP (ATLETAS, 19.jan.2010; TAKAHASHI, 20.jan.2010).

A medida deveria entrar em vigor após o Carnaval de 2010, porém, por parte da mídia e da comunidade de esportistas, a notícia do cadastramento foi encarada como aumento das restrições para os praticantes de esporte (ALVES, mar.2010; BARLEBEN, 09.fev.2010; MATSUNAGA, 20.jan.2010; PEREIRA, 20.jan.2010; 21.jan.2010; USP, 20.jan.2010; 21.jan.2010).

Em função de todos estes conflitos entre comunidade USP e os praticantes de atividade física, principalmente com os ciclistas, o cadastro dos atletas foi adiado, sem nova data para início e organização (VICARI, 05.fev.2010).

Em setembro de 2010, o *Jornal do Campus* questiona o porque não foi realizado o cadastro dos ciclistas, o qual havia sido divulgado pela então Coordenadoria do Campus. A matéria ainda destaca os constantes conflitos ocorridos com a prática esportiva (SALOMÃO, 26.set.2010).

Mesmo após a suspensão do cadastramento, tendo a iniciativa fracassado, muitos questionamentos ainda surgiam sobre a organização e até o pagamento de taxas para a prática esportiva. Em matérias divulgadas, os responsáveis pela ATC e SPTRI – Federação Paulista de Ciclismo, ressaltaram que haviam submetido diversas propostas de organização para regulamentar a prática de atividade física no Campus da USP (BARLEBEN, 09.fev.2010).

Em 2010, a 2ª edição do Fórum sobre o espaço público propôs a ampliação do olhar do território. Destacam-se as discussões sobre o uso social do *Campus* aos finais de semana para cultura, arte, ciência e educação. Os trabalhos também abordaram a criação de uma agenda comum com órgãos públicos sobre o uso do espaço e dimensionamento da infraestrutura necessária para o uso social, assim

como a criação de incentivos para o uso social e prática acadêmicas para a comunidade uspiana (UNIVERSIDADE, 2010a).

Desta forma, o suspense sobre o uso continua, e o fórum permanente sobre o espaço público discute com a comunidade interna e externa o uso do espaço da USP para a prática esportiva. A comunidade USP mantém a defesa na finalidade da Universidade: ensino pesquisa e extensão (BARLEBEN, 09.fev.2010).

Neste período são veiculadas matérias e vídeo nas mídias informativas em relação ao uso do espaço da USP para a prática esportiva. Regras não oficiais são difundidas como o corredor corre na contra mão e ciclistas a direita da via (CORREDORES, 04.nov.2010).

Os projetos por parte da Prefeitura não foram colocados em prática e nem mesmo o cadastro inicial dos esportistas não foi realizado. Dessa forma, a prática esportiva no Campus manteve-se como antes, com regras não oficiais e o crescimento acompanhando o ritmo de crescimento da corrida de rua e ciclismo no Brasil, e os conflitos mantiveram-se.

Novamente, em 2011, os conflitos entre os praticantes de atividade física e a comunidade USP são destaque na mídia. Desta vez, o episódio referiu-se as tachinhas colocadas na região da Raia Olímpica e da Praça do Relógio Solar, antiga Praça da Reitoria. A suspeita era que alunos jogaram tachinhas nessas regiões para furar pneu das bicicletas. Cogita-se também a hipótese do ato ter sido realizado por taxistas e motoristas de ônibus incomodados com o excesso de bicicletas, muitas vezes em alta velocidade (CICLISTAS, 15.agost.2011a).

Este ato, além de acirrar os conflitos ainda poderia causar graves acidentes para os ciclistas, ao estourar o pneus e consequentemente ocasionar uma queda (CICLISTAS, 15.agost.2011b; LINHARES, agost.2011; SP, 15.agost.2011).

Situações como as do episódio das tachinhas são mais esporádicas, porém os conflitos cotidianos gerados pela prática esportiva mantiveram-se. Alguns dos pilares destacados são a disputa pelo espaço entre ciclistas, corredores e carros (LINHARES, agost.2011).

Em 08 de março de 2013, a prefeitura emite um comunicado para os profissionais de educação física que, em virtude de mutirões de manutenção e varrição nas ruas, avenidas e bolsões de estacionamento do Campus da USP, as assessorias esportivas que frequentam o Campus só poderiam acomodar-se ao longo da Av. Prof. Mello Moraes, não sendo mais permitida a ocupação de áreas

próxima as unidades de ensino e órgãos da administração da Universidade. O documento reforça também o cumprimento do Código de Trânsito Brasileiro e dias e horários estabelecidos para a prática de ciclismo. E destaca que a medida é válida até a implantação de novas regras de uso do Campus para a prática esportiva (ASSESSORIAS, 12.mar.2013; ESTADO, 15.abr.2013; FÁBIO, 15.abr.2013; UNIVERSIDADE, 2013; USP, 15.abr.2013a; b; c; d).

Neste mesmo comunicado, o prefeito também solicitava que os corredores e ciclistas utilizassem somente a av. Prof. Mello Moraes para a prática esportiva, sendo restrito realizar atividades próximo às unidades de ensino e órgãos da administração. A ATC e a comunidade esportista colocaram-se contra esta medida, inclusive registrando a posição oficial para a Prefeitura da USP. Desta forma, as regras deste comunicado nunca foram colocadas em vigor. Apesar de toda essa situação em 2013, diversas matérias da mídia, ainda destacam a USP como um dos principais locais para o treino de corrida em São Paulo, com destaque para a possibilidade de percursos disponíveis (CIDADE, 20.jan.2014; EM, 04.set.2013; OLIVEIRA, T., 24.maio.2013; OS, 2013). Mantem-se a prática esportiva na USP e o incentivo à USP como o bom local de treinamento.

Em janeiro de 2014, o destaque em relação a prática esportiva fica por conta da segurança ou, na realidade, pela falta de segurança para a prática do ciclismo, com roubos de bicicletas e constantes assaltos. Para mostrar a indignação e manifestar por ações da Universidade, atletas programam manifestação por mais segurança (CUBAS *et al.*, 2013; PANARA, 20.jan.2014; ROUBOS, 20.jan.2014; USP, 15.abr.2013d).

Em 16 de agosto de 2014, um acidente choca toda a comunidade esportiva. No sábado um motorista alcoolizado entra no Campus pela portaria principal e, na Av. da Universidade, atropela 04 corredores que faziam seus treinamentos nas ruas da Universidade. O acidente resultou em um corredor veterano morto e outros três corredores feridos gravemente. Esse acidente chocou muito a comunidade esportiva, não somente pela gravidade e óbito ocorrido, como também devido ao senhor que faleceu ser um grande conhecido de todos e muito querido em muitas instâncias da prática de eventos de corrida de rua (FERRAZ, 16.agost.2014; GUERRA, 18.agost.2014; LUCENA, 16.agost.2014; SOUZA, G., 16.agost.2014).

Após esse acidente, atletas temem que a USP proíba o uso do espaço para a prática de corrida no Campus e reacende a questão da importância da organização

da prática esportiva na USP. Em entrevistas na mídia, o presidente da ATC relata sobre o projeto de organização enviado à Prefeitura do Campus da USP (PORTO, 18.agost.2014).

Em 22 de agosto de 2014, a Prefeitura do Campus USP inicia a campanha sobre as práticas esportivas e visa iniciar a regulamentação da prática no Campus da USP. Em um primeira abordagem da campanha, os totens espalhados pelo Campus mostram frases e informações sobre a campanha de trânsito cidadão, também inicia-se uma parceria entre a USP e o Ministério Público em termos de estudar e organizar a prática esportiva no Campus (USP, 25.agost.2014a; b).

3.4 Administração e Gestão da prática de atividade física

3.4.1 Conceitos e desenvolvimento da administração

A palavra administração vem do latim *administratione* e significa ação, teve influência da filosofia desde os tempos da antiguidade, influência militar para o surgimento das teorias e da revolução industrial com o surgimento das fábricas (CHIAVENATO, IDALBERTO, 2003).

As teorias e técnicas usadas na administração atual são resultado da evolução de ideias e práticas utilizadas no passado, aplicadas por países, exércitos e organizações religiosas. Desde 4.000 a.C, a administração de projetos de engenharia foi aplicada na construção de cidades, pirâmides e projetos de irrigação. Em registros de 3.500 a.C, a organização, disciplina, logística, planejamento de longo prazo e formação de recursos humanos ganhou destaque nas organizações militares. Ainda ao longo da história, na Grécia, no período de 500 a.C, a democracia, ética, qualidade e método científico foram pontos relevantes para o desenvolvimento da administração (MAXIMIANO, 2011).

A administração voltada a um império multinacional, formação de executivos, de grandes empresas privadas e de um exército profissional foi destaque no Império Romano entre os séculos VII a.C e IV a.D. Após esse período, foram retomados os valores humanistas, com a formação de grandes empresas do comércio, assim como houve a invenção da contabilidade de Maquiavel, destaque do período do Renascimento. Porém, apesar da administração e de suas bases serem aplicadas

desde os primórdios da humanidade, a administração assumiu a estatura de uma disciplina com vida própria somente no século XVIII, junto à revolução industrial, que cursou com a invenção das fábricas e surgimento dos sindicatos (MAXIMIANO, 2011).

Com o passar do tempo e o avanço da administração, as teorias foram sistematizadas e, desta forma, para algumas pessoas, a palavra teoria assumiu uma conotação negativa. Porém, a teoria é uma palavra elástica, que compreende não apenas proposições que explicam a realidade prática, mas também princípios e doutrinas que orientam a ação dos administradores, e técnicas, que são proposições para resolver problemas práticos (MAXIMIANO, 2011).

Portanto, as pessoas que criam e fazem a gestão de organizações, precisam de explicações, princípios e técnicas para entender e resolver problemas da realidade, e para isso procuram então teorias, onde teoria define-se por um conjunto de proposições que procuram explicar os fatos da realidade prática, pois estas são responsáveis pela realização de objetivos e pela utilização de recursos. A eficiência, ou a medida de realização dos objetivos, é critério básico para avaliar o desempenho das organizações (MAXIMIANO, 2011).

Em relação às teorias, Fayol e Taylor são conhecidos como os fundadores respectivamente da Administração Clássica e da Administração Científica, e suas obras consideradas complementares. Fayol aborda a administração como mais uma das funções administrativas das empresas atuando de forma conjunta com as outras técnicas. Já Taylor atua onde, segundo Fayol, haveria pouca influência da administração: a chefia do chão de fábrica, ou seja, a produção, preocupando-se com a redução de custos para uma melhor saúde das empresas e melhor remuneração do operário (DIAS, 2002).

Destaca-se que Taylor preocupava-se com o desperdício, dessa forma, chamamos de taylorismo o movimento de racionalização do trabalho que se difunde no mundo da produção capitalista. Este movimento teve, além de Frederick W. Taylor, a participação de vários autores como Henri Fayol, Henri Ford, Lilian Gilbreth Frank, entre outros. As normas, princípios e leis “científicas” da administração do trabalho taylorista visaram, sobretudo, a racionalização do trabalho, que se dava sobretudo por meio da exploração do trabalho em seu limite máximo (VARGAS, 2006).

Assim, Henry Ford, em 1913, aplica a tecnologia da linha de montagem na fabricação de automóveis. No processo, Ford aplica os mesmos princípios do taylorismo, porém as estratégias abrangem a organização da produção por meio da mecanização. Este modelo difundiu-se no mundo e influenciou todos os ramos da produção (MATOS e PIRES, 2006).

Já a teoria Burocrática de Max Weber surge na era vitoriana, século XX, e identifica características da organização formal voltada exclusivamente para a racionalidade, a fim de garantir a máxima eficiência no alcance dos objetivos (CHIAVENATO, IDALBERTO, 2006).

Ainda fruto da influência de Taylor, a metodologia de reengenharia é uma sequência de processo, que utiliza 5 pontos essenciais. São estes: diagnósticos, que identifica as necessidades do cliente e os objetivos do processo; mapeamento, que identifica as etapas do processo e avalia seu desempenho; identificação de problemas, onde identifica as incoerências e focos de ineficiência do processo; alternativos, em que cria-se alternativas para redesenhar o processo; redesenho, em que desenvolve-se um processo novo e mais eficiente; e, por fim, implementação e monitoramento, com os quais implementa-se o processo redesenhado e acompanham-se os resultados.

Ainda destaca-se o Seis Sigmas, uma metodologia de redução de desperdícios por meio da eliminação de produtos defeituosos. O Seis Sigmas tornou-se uma ferramenta de uso universal. Para implantar projetos Seis Sigmas usa-se o método DMAIC: *define* (definir), *measure* (medir), *analyse* (analisar), *improve* (melhorar) e *control* (controlar) (MAXIMIANO, 2011).

Porém, algumas escolas preferem utilizar o PDCA, que é a sigla das palavras do inglês *plan*, *do*, *check* e *act*, ou seja, em português, planejar, executar, verificar e agir. Trata-se de uma ferramenta de gestão que implica melhoria dos processos de fabricação ou de negócios, e que foi criada nos anos 1920 por Edward Deming, considerado o “pai” do controle de qualidade moderno. Esta ferramenta é conhecida também como o Ciclo de Deming, sua aplicação é simples e deve ser feita de modo contínuo, em espiral.

Ainda na linha do desenvolvimento das teorias da administração, Drucker em 1954, estabeleceu a administração por objetivos ou administração por resultados, denominada também como teoria neoclássica, que estabelece funções para o administrador onde o ciclo administrativo compõe o planejamento, organização,

direção e controle. Foi a partir deste período que surgiram as ideias de descentralização das decisões e fixação de objetivos para cada departamento (CHIAVENATO, IDALBERTO, 2006).

Na década de 1980, outra versão do processo administrativo foi proposta pelo *Project Management Institute* (PMI). Segundo essa concepção, a administração de um projeto, ou de uma de sua fase, é um processo finito, que compreende cinco grupos de processos menores: planejamento, execução, monitoramento, controle e conclusão (PMI, 2008).

Peter Drucker (2002) aborda que a administração teve uma evolução muito rápida nos últimos 50 ou 60 anos. O autor afirma que, no entanto, na maioria das escolas de formação de administradores, a administração ainda é ensinada como uma técnica orçamentária, e que na realidade a essência da administração está em tornar o conhecimento produtivo, destacando que administração é uma função social.

A administração interpreta os objetivos propostos pela organização e os transforma em ação organizacional. Porém, o estudo da administração varia de acordo com a teoria ou a escola considerada, em que cada autor tende a abordar as variáveis e assuntos típicos da orientação teórica da sua escola ou teoria (CHIAVENATO, IDALBERTO, 2003).

Portanto, atualmente a administração é um processo contínuo e interativo que visa manter uma organização interligada ao seu ambiente. Deste modo, o termo interativo aponta que as etapas do processo se repetem de maneira cíclica destacando que os gestores terão que cumprir etapas. Outra questão importante do processo, que direciona aos ambientes organizacionais é a constante mudança, sendo necessário aos gestores e organizações transformarem-se de maneira adequada com o intuito de assegurar o cumprimento das metas/objetivos (CERTO e PETER, 1993 apud REZENDE, 2012).

Desta forma, o processo da administração deve ser composto por etapas, as quais são denominadas: planejamento, organização, direção e controle. Devido a constante mudança nos ambientes organizacionais, este processo tem uma característica cíclica.

Assim, no planejamento serão tomadas decisões. O processo de tomar decisões começa com uma situação de frustração, interesse, desafio, curiosidade ou

irritação. A etapa de diagnóstico consiste em procurar entender o problema ou oportunidade e identificar suas causas e consequências.

Portanto, um planejamento parte de informações concretas sobre a organização, obtidas a partir de diagnóstico. O Planejamento Estratégico é uma das ferramentas utilizadas na gestão de organizações.

3.4.2 Gestão e Planejamento estratégico

De acordo com Menezes (2002), os cientistas usam a matemática e os gestores utilizam a linguagem. Estes códigos acrescidos da linguagem, convergem em significados às ações e influenciam a maneira pela qual vemos, sentimos e agimos a realidade.

As organizações não trabalham sem planejamento, ou seja, na base do improviso. O planejamento é a primeira função administrativa, por servir de base para as demais funções. No planejamento, define-se quais os objetivos a atingir e como atingir, e como se deve fazer para alcançá-los, ou seja, trata-se de um modelo teórico para a ação futura (CHIAVENATO, IDALBERTO, 2006).

Vasconcelos Filho (1978) relata ainda que uma organização não pode ser conduzida como uma locomotiva que é dirigida por um trilho, mas sim como um navio que é dirigido por uma bússola e um radar, enfatiza ainda que o planejamento estratégico é o único meio que o dirigente tem para dirigir sua organização como um navio e não como uma locomotiva.

Desta forma, planejar é ao mesmo tempo um processo, uma habilidade e uma atitude, é um processo que tem pressupostos favoráveis à mudança, que reflete e toma decisões sobre o futuro independente das teorias administrativas. As decisões que procuram, de alguma forma, influenciar o futuro, ou que serão colocadas em prática no futuro, são decisões de planejamento (MAXIMIANO, 2011). Em outras palavras, planejar equivale a responder claramente a pelo menos três questões: o que fazer?; onde fazer?; e quando fazer? (SILVA, 1964).

Por outro lado, a palavra estratégia é de origem militar e deriva do termo grego *strategia* que significa "escritório do general". A estratégia indica uma forma de enfrentar problemas ou realizar objetivos. Com o passar do tempo, assumiu uma

variedade de conotações diferentes, como a ciência ou arte do comando militar aplicado ao planejamento de operações de combate em larga escala ou de uma manobra militar para surpreender e derrotar o inimigo (MINTZBERG, AHLSTRAND e LAMPEL, 2000).

Na literatura, encontramos a gestão estratégica e o planejamento estratégico. A gestão estratégica é uma forma de gerir uma organização, com foco nas ações estratégicas em todas as áreas, logo o planejamento estratégico é um processo gerencial que diz respeito à formulação de objetivos para a seleção de programas de ação e para sua execução, levando em conta as condições internas e externas à empresa e sua evolução esperada. Dessa forma, para uma empresa planejar de forma estratégica precisa apurar todos seus processos e sua real situação e desenvolver ações corretivas constantes, focando seus objetivos e metas (CHIAVENATO, IDALBERTO, 2003).

Em 1955, Peter Drucker foi um dos pioneiros a associar o conceito das estratégias às decisões que afetavam os objetivos das empresas. Porém, somente na metade dos anos 1960, Igor Ansoff formulou a metodologia de planejamento estratégico envolvendo a definição de objetivos com base nas ameaças e oportunidades (TAYLOR, 1975).

O planejamento estratégico não abrange apenas a gestão de suas partes ou estágios, é um termo mais amplo que abrange as discussões sobre elaboração, processos de planejamento, implementação, execução, avaliação, modelos, métodos e instrumentos de como realizar as estratégias organizacionais (MAXIMIANO, 2011; REZENDE, 2012).

Druker (1984), define que o planejamento estratégico é um processo contínuo e sistemático com maior conhecimento possível do futuro, destacando a retroalimentação organizada para medir o resultado das decisões e confrontando-as com a proposta inicial. Por outro lado, para Philip Kotler (1975) o planejamento estratégico é uma metodologia gerencial, que permite estabelecer a direção a ser seguida pela organização visando maior grau de interação com o ambiente.

Na implantação do planejamento estratégico é relevante discutir coletivamente, trabalhar de maneira dinâmica e adotar uma metodologia adequada à realidade da organização. Desta forma, o projeto deve atender a pré-requisitos: passar por um período de divulgação, os integrantes do projeto devem ser capacitados, a visão e os objetivos da organização devem ser mensuráveis, o

planejamento e a gestão da organização devem ser integrados e vivenciados constantemente, o envolvimento das pessoas da organização deve ser efetivo, o projeto deve ter uma previsão orçamentária, e o planejamento estratégico não pode ser vinculado ao organograma da instituição ou às forças políticas da organização (REZENDE, 2012).

Portanto, o planejamento estratégico é um processo dinâmico, sistêmico, coletivo, participativo e contínuo para determinar os objetivos, estratégias e ações da instituição. Desta forma, caracteriza-se como uma das principais ferramentas administrativas para mapear cenários futuros, bem como para gerenciar informações fundamentais das instituições (LEMOS, 2002; REZENDE, 2012).

Na visão estratégica, parte-se da Missão da Organização. De acordo com Oliveira (2014), o diagnóstico é definido como um processo interativo de um agente que não está dentro da organização. Lopes e colaboradores (2008) explicitam que o diagnóstico é realizado em quatro passos básicos: formular uma hipótese de problema, juntar informações sobre o problema, analisar a informação e fazer o diagnóstico organizacional. Em organizações esportivas, segundo Roche (2002), o diagnóstico é realizado a partir de duas dimensões, levando em consideração variáveis específicas.

Para o diagnóstico deve ser realizada a Análise da Situação Interna relativa à organização, que tem como objetivo analisar dados e informações para entender as potencialidades e fragilidades da organização em relação aos recursos humanos, financeiros, estrutura organizacional e procedimentos. Já a Análise da Situação Externa refere-se a uma análise das condições externas que rodeiam a empresa e que lhe impõem desafios e oportunidades, de forma a identificar e interpretar as tendências. O objetivo é analisar as informações do macroambiente e determinar se elas representam oportunidades ou ameaças para a organização (ROCHE, 2002).

O macroambiente pode ser analisado considerando seus diferentes aspectos, como: ambiente demográfico, que compreende tamanho, densidade e distribuição geográfica populacional, nível de escolaridade e composição étnica e religiosa da população; econômico, que compreende renda real da população, nível de emprego e nível de produto nacional bruto; sociocultural, que compreende hábitos das pessoas, situação socioeconômica de cada segmento da população e preocupação com o meio ambiente; político/legal, que compreende política monetária, tributária, fiscal e previdenciária, política de relações internacionais e legislação federal,

estadual e municipal; e tecnológico, que compreende manifestações reacionárias em relação aos avanços tecnológicos, proteção de marcas e patentes e incentivos governamentais ao desenvolvimento tecnológico (CHIAVENATO, I. e SAPIRO, 2003).

Uma vez definido e diagnosticado o problema, a etapa seguinte consiste em gerar alternativas para solução. Na tomada de uma decisão, as alternativas são avaliadas, julgadas e comparadas para que uma escolha possa ser feita. A escolha depende de avaliação e julgamento de alternativas, permitindo selecionar a ideia que apresenta maiores vantagens (MAXIMIANO, 2011).

Finalmente, um plano é o registro das decisões resultantes da análise das informações sobre a situação. É um guia para a ação no futuro. O plano estabelece qual situação deverá ser alcançada, o que precisa ser feito para alcançá-la e os recursos que serão aplicados nesse esforço. Os planos também devem incluir uma previsão dos meios de controle geral. Um plano contém pelo menos os seguintes componentes: objetivos, meios de realização e meios de controle.

O processo de resolver problemas completa-se quando a decisão é implementada e seus efeitos são avaliados. Em lugar de resolver um problema, uma decisão pode criar outros problemas maiores, quando algum erro é cometido ao longo do processo decisório. Isso pode acontecer quando o problema não é permitido como tal, o diagnóstico é malfeito, as alternativas não são apropriadas ou não foram corretamente avaliadas (MAXIMIANO, 2011).

Face ao cenário das atividades físicas praticadas no Campus e à necessidade de se buscar alternativas para a gestão das questões de ocupação do espaço, segurança e conflitos, nesse trabalho nos baseamos nos princípios do diagnóstico do planejamento estratégico para levantar e analisar informações relativas à ocupação do Campus em relação à prática esportiva em suas dependências.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Tipo de Pesquisa

A abordagem metodológica utilizada foi a de pesquisa descritiva, a qual se caracteriza como um estudo do *status*, amplamente utilizado na educação e nas

ciências comportamentais. Seu valor tem como base a premissa de que os problemas podem ser resolvidos, e as práticas melhoradas por meio de descrição objetiva e completa (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2012).

Na primeira parte do estudo foi utilizada o tipo de estudo observacional descritivo, em que a informação foi sistematicamente colhida e o método experimental não foi utilizado, pois não houve uma intervenção ativa por parte do investigador. Trata-se de descritivo, pois o objetivo foi descrever uma situação, isto é, a distribuição e frequência das ocorrências relacionadas à prática esportiva registradas. Este método foi escolhido, pois, ao longo do tempo, pode permitir conclusão causal, destacando a eficácia desse tipo de estudo (LUNA Fº, 1998).

Desta forma, foram analisadas as ocorrências envolvendo esportistas no período de 2013 e 2014 junto a Guarda Universitária, serviço de ambulância contratado pela Universidade de São Paulo - USP, reclamações registradas na Ouvidoria da USP e Prefeitura do Campus USP da Capital.

Porém, o método mais comum da pesquisa descritiva é o *survey*, o qual tem como principais tipos o questionário, o método Delphi, a entrevista pessoal e o *survey* normativo (THOMAS *et al.*, 2012). O método *survey*, utilizando-se de questionários, foi utilizado na segunda parte deste estudo.

Tendo em vista o objetivo geral e os específicos, foram levantados dados em relação as seguintes variáveis, entre os anos de 2013 e 2014:

- Características de território e ocupação do Campus da USP;
- Principais ocorrências relacionadas à atividade física registradas na Guarda Universitária;
- Principais ocorrências relacionadas à atividade física registradas no serviço de ambulância;
- Principais ocorrências relacionadas à atividade física registradas na Ouvidoria da USP;
- Principais ocorrências relacionadas a atividade física registradas na Prefeitura da USP;
- Ocupação do Campus para a prática esportiva;
- Características e atividades das assessorias esportivas e dos professores responsáveis por elas;

- Características e atividades desenvolvidas pelos praticantes no Campus.
- Opinião dos praticantes sobre a prática de atividade física no Campus da USP.

4.2 Delineamento do estudo

Os procedimentos envolveram dois momentos de coleta de dados: 1. Levantamento junto aos órgãos administrativos da USP sobre a ocupação do espaço do Campus e dos registros de ocorrências envolvendo a prática esportiva; 2. Aplicação de questionários para os responsáveis das assessorias esportivas e praticantes de atividades físicas.

4.3 Instrumentos e processo amostral

A fim de atingir os objetivos do estudo foram utilizados os instrumentos e processo amostral conforme descrito nos itens abaixo.

4.3.1 Características territorial e de ocupação do Campus da USP

Foi realizado um levantamento referente ao espaço do Campus da USP e população que utiliza o espaço com vínculo com a Universidade de São Paulo.

Para isso, foi acessado o anuário estatístico da Universidade de São Paulo. A estrutura do site é mantida pela Superintendência de Tecnologia da Informação e as informações contidas são provenientes das unidades e órgãos da Universidade de São Paulo.

Para o estudo, foram extraídos dados dos relatórios que continham informações do espaço territorial, área construída, quantidade de pessoas de acordo com o tipo de vínculo e quantidade de unidades do *Campus* da USP.

4.3.2 Levantamento de ocorrências da Guarda Universitária relacionadas a prática esportiva

Foi realizado um levantamento retrospectivo, referente aos anos de 2013 e 2014, das ocorrências registradas pela Guarda Universitária.

Para determinação das ocorrências envolvendo esportistas no Campus da USP, foram solicitadas cópias dos registros confeccionados pela Guarda Universitária - Superintendência de Segurança da USP - SSEG.

O relatório de ocorrência da Guarda Universitária é um instrumento utilizado pela Superintendência de Segurança da Universidade de São Paulo (SSEG), para registrar os diversos tipos de ocorrências nos *Campi* da USP. O relatório é dividido em 11 itens: 1º título, 2º dados solicitante, 3º qualificação do evento, 4º dados do cidadão(ã) – parte 1, 5º veículo envolvido – parte 1, 6º versão do cidadão – parte 1, 7º dados do cidadão – parte 2, 8º veículo envolvido – parte 2, 9º versão do cidadão(ã) – parte 2, 10ª relatório discursivo do agente responsável e 11º notas do superior imediato e recebimento pela Central de Operações da Guarda Universitária (ANEXO A).

No Campus Armando de Salles Oliveira, cada registro de ocorrência recebe um número, que não se repete, de identificação fornecida pela Central de Operações da Guarda Universitária. Quanto a caracterização do fato, o agente responsável pelo atendimento, atribui um código de identificação para a ocorrência, a partir de uma lista pré-determinada desenvolvida pela SSEG, concomitante com a descrição detalhada da ocorrência.

Após a confecção do relatório pelo agente responsável e apreciação pelo superior imediato, a Central de Operações da Guarda Universitária transcreve as principais informações para um banco de dados, plataforma no *Microsoft Excel*, construído com base nos tópicos apresentados no registro de ocorrência.

Para identificar as ocorrências, relacionadas à prática esportiva para utilização no presente estudo, foram utilizados filtros no banco de dados. Os filtros aplicados foram para ocorrências relacionadas aos anos de 2013 e 2014, e registradas nos finais de semana. Outro filtro utilizado, no mesmo período, foi o envolvimento de ciclistas nas ocorrências registradas durante a semana. Após a identificação das ocorrências que atendessem a esses critérios, os registros

originais foram identificados e cópias foram fornecidas ao pesquisador, o qual realizou a revisão de todos os relatórios e separou os condizentes com o objeto de pesquisa.

Desta forma, foram utilizados no presente estudo, relatórios de ocorrências confeccionados pela Guarda Universitária envolvendo esportistas com ou sem vínculo com a universidade nos anos de 2013 e 2014, registradas aos sábados, e ocorrências neste mesmo período, envolvendo ciclistas também durante a semana. Foram descartados relatórios de ocorrências que não apresentavam qualquer vínculo com a prática esportiva.

4.3.3 Levantamento de ocorrências da ambulância relacionadas a prática esportiva

Foi realizado um levantamento documental retrospectivo, referente aos anos de 2013 e 2014, das ocorrências registradas pelo serviço de ambulância do Campus.

De 22 fevereiro de 2012 a 15 de dezembro de 2014, a Prefeitura do *Campus* USP da Capital, manteve um serviço de ambulância no Campus da USP, com atendimento disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana. O serviço terceirizado tinha como objetivo atender de forma especializada os casos de urgência e emergência envolvendo alunos, professores, funcionários e usuários com ou sem vínculo com a Universidade, dentro do Campus da USP. Para acionar a prestação do serviço, era necessário contatar a Central de Operações da Guarda Universitária. Posteriormente, a Central de Operações via rádio comunicador, acionava a equipe plantonista e repassava as informações preliminares do local do incidente e fato ocorrido. No local, a equipe composta por um enfermeiro e um motorista socorrista, prosseguia com o atendimento das vítimas com padrão *Basic Life Support - BLS* (suporte básico de vida), da *American Heart Association* (Associação Americana do Coração). Todos os relatórios gerados pela equipe eram mensalmente transformados em dados para análise do contratante, Universidade de São Paulo.

Com o objetivo de realizar o levantamento dos atendimentos envolvendo esportistas nas áreas comuns do Campus da USP foram analisados os relatórios de todos os atendimentos realizados pelo serviço de ambulância ocorridos no período de 2013 e 2014. A partir deste levantamento foram separados todos os

atendimentos relacionados aos praticantes de atividade esportiva, durante a semana e aos finais de semana.

4.3.4 Levantamento de ocorrências registradas pela Ouvidoria da USP e Prefeitura do Campus da USP

Foi realizado um levantamento retrospectivo referente aos anos de 2013 e 2014 das reclamações referente às práticas esportivas registradas na Ouvidoria e Prefeitura do Campus da USP.

As reclamações registradas na Ouvidoria da Universidade de São Paulo foram extraídas do site da Ouvidoria da USP; além disso, foram enviadas pela Ouvidoria informações complementares.

As informações registradas na Prefeitura do Campus USP da Capital foram fornecidas em planilha Excel pela Assistência de Relações Institucionais referente aos anos de 2013 e 2014.

Com o objetivo de realizar o levantamento dos registros envolvendo esportistas nas áreas comuns do Campus Armando de Salles Oliveira, foram analisados e separados todos os registros envolvendo os praticantes de atividade esportiva, durante a semana e aos finais de semana ocorridas no período de 2013 e 2014.

4.3.5 Questionários para assessorias esportivas e para praticantes de atividade física

Questionário é o tipo de levantamento por escrito utilizado na pesquisa descritiva, no qual as informações foram obtidas pedindo-se aos participantes que respondessem às questões em questionário *on-line*, em vez de observar o seu comportamento.

Para a construção desses instrumentos foram seguidos oito passos: determinação dos objetivos que cada questionário, construção de cada questionário, condução do estudo piloto, redação da carta explicativa, envio do questionário, acompanhamento, análise dos resultados e preparação do relatório (THOMAS *et al.*, 2012).

1. Determinação dos objetivos que cada questionários

A partir da compreensão das informações que seriam necessárias, na fase de planejamento do estudo, definiu-se como objetivos específicos do questionário que seria aplicado aos responsáveis das assessorias esportivas: o mapeamento da ocupação do Campus, definição das características e atividades das assessorias esportivas e dos treinadores responsáveis. O mesmo procedimento foi utilizado em relação ao questionário direcionado aos praticantes de atividade física, definindo-se como informações: características e atividades físicas desenvolvidas pelos participantes no Campus, assim como opinião sobre a prática esportiva na USP.

Desta forma, para determinar as práticas e opiniões presentes na população que utiliza o Campus da USP para a prática esportiva, foi construído questionário.

Foram listadas as variáveis a serem analisadas a fim de construir perguntas que relacionavam-se estritamente com os objetivos específicos, determinando quais seriam meramente descritivas, listando-se as percentagens, e quais respostas seriam agrupadas para comparação de grupos.

2. Delimitação da amostra

Foram convidados a participar do estudo, profissionais maiores de idade responsáveis pelas assessorias esportivas que ministram treinos presenciais no Campus Armando de Salles Oliveira - CUASO. Portanto, tratou-se de uma amostra por conveniência.

Como critério de exclusão, foram excluídos os profissionais responsáveis pelas assessorias esportivas que ministram treino somente à distância, devido ao fato de não haver montagem de estrutura física e ocupação do Campus para apoio dos praticantes, os profissionais responsáveis que utilizam o Campus com frequência menor que uma vez ao mês para uso em treinos especiais, assim como os profissionais que ministram treino somente no interior de unidades da USP e não utilizam áreas comuns do Campus.

Também foram convidados a participar do estudo pessoas, maiores de 18 anos, que praticam atividade física nas áreas comuns do Campus. As pessoas de 16

a 18 anos não completos puderam participar do estudo, caso estivessem autorizados pelo responsável, o qual concordaria com o termo de consentimento.

Como critérios de inclusão da amostra dos praticantes, os mesmos deviam ou não estar vinculados às assessorias esportivas presentes no Campus e deviam utilizar o espaço para a prática pelo menos uma vez ao mês.

3. Construção dos questionários

A partir dos objetivos específicos foram determinadas as questões, a forma de análise, as categorias de respostas esperadas e os desdobramentos da análise de dados, assim como de que forma cada questão contribuirá com os objetivos do estudo.

Em seguida, foram escolhidos os formatos das questões. Foram priorizadas questões fechadas, as quais seguiram as regras de Gall e Borg (1996) para formulação de itens de um questionário. Todos os itens foram claramente enunciados de forma que todos os respondentes entendessem a mesma coisa, as questões eram curtas, não foram usados itens com duas ou mais ideias na mesma questão, assim como não foram usados itens negativos e evitadas linguagens técnicas e jargões. Também foi tomado o cuidado para não influenciar ou induzir a resposta, por meio da organização e formato do questionário, utilizando-se instruções claras e completas.

Dentro do questionário dos praticantes haviam duas questões abertas, a primeira versava sobre a razão de ter escolhido o Campus da USP como local para realização dos treinos, e a segunda sobre opiniões a respeito da prática esportiva no Campus da USP.

Assim, após o estudo piloto, a versão final dos questionários foi fechada e institucionalizada pela Prefeitura do Campus USP da Capital (ANEXOS B e C). Após a institucionalização, a Superintendência de Tecnologia da Informação da Universidade de São Paulo foi contatada para montar uma página visando hospedar os questionários na internet, processo que teve a duração de quatro semanas. A base de dados utilizada foi integrada aos sistemas corporativos, utilizando o gerenciador de banco de dados - *Sybase Products*, empresa responsável pelo gerenciamento dos sistemas da Universidade de São Paulo. As informações geradas pelos respondentes foram armazenadas no Data Center dos sistemas

corporativos da Universidade de São Paulo com possibilidade de extração de dados gerenciais.

O acesso aos questionários ocorreu de duas formas: para pessoas sem vínculo com a Universidade de São Paulo, foi necessário fornecer *e-mail* e criar uma senha para autenticação. Após isso, deveriam ser fornecidos dados pessoais como nome completo, sexo, país de nascimento, cadastro de pessoa física - CPF e escolher o tipo de participação entre proprietário de assessoria ou praticante. As pessoas com vínculo com a Universidade, acessaram o estudo via *login* único, o mesmo *login* de uso pessoal para acesso aos diversos sistemas de informação e apoio da Universidade de São Paulo e escolhiam o tipo de participação: proprietário de assessoria ou praticante.

4. Condução do estudo piloto

Foi realizado estudo piloto em duas etapas. Na primeira, *experts* em gestão do esporte e membros da Prefeitura do Campus USP da Capital fizeram a leitura dos dois questionários e analisaram os questionários em relação a clareza, pertinência do conteúdo e relevância dos itens abordados.

Na etapa dois, após revisão e readequação dos questionários, foi selecionada uma população para o segundo estudo piloto. A aplicação do instrumento foi realizada em um grupo de praticantes e assessorias com características semelhantes em um outro local. Os resultados foram submetidos à análise, após a qual não foram exigidas alterações substanciais, e assim o questionário foi finalizado.

5. Redação da carta explicativa

Foi anexada uma carta explicativa para acompanhar a página inicial do questionário a qual foi composta pelo termo de consentimento livre esclarecido (ANEXO D).

6. Envio do questionário

Para divulgar o estudo foi publicada uma matéria na sala de imprensa da Universidade de São Paulo por meio de site próprio. Após esta primeira publicação, foram realizadas ações direcionadas a convidar o público do esporte para participação no estudo, como por exemplo: disparo de *e-mail* institucional para os contatos da base de dados da Prefeitura do Campus Capital, contato com a mídia especializada como *Jornal Corrida* e revista *The Finisher*, com matérias em site e rede social, solicitação de hospedagem de banner no site dos principais organizadores de corrida e ciclismo da cidade de São Paulo e *e-mail* convite ao *mailing* desses organizadores, publicação em rede social pela Associação de Treinadores de Corrida (ATC) e divulgação do estudo nos relógios digitais distribuídos no Campus da USP.

Após leitura dos procedimentos e aceite do termo de consentimento livre e esclarecido, conforme descrito no projeto, os indivíduos participaram voluntariamente desse estudo.

O respondente assinalou sua concordância em participar da pesquisa antes de responder o questionário, o qual ficou registrado em arquivo do Data Center dos Sistemas Corporativos da Universidade de São Paulo para dirimir futuramente qualquer dúvida quanto a participação do respondente. Tal solicitação se apoia nas orientações contidas no Manual Operacional para Comitês de Ética em Pesquisa (MINISTÉRIO, 2007).

7. Acompanhamento

Foi realizado o acompanhamento contínuo da taxa de respostas e novos disparos de *e-mail* foram realizados. Em relação ao questionário das assessorias esportivas, após dois disparos, foi realizado um contato por telefone para solicitação da resposta ao questionário.

8. Análise dos resultados

Foi realizada análise estatística das respostas dos questionários com diferentes abordagens segundo cada objetivo da pesquisa, conforme descrito no item a seguir.

4.4 Análise estatística

As análises estatísticas foram feitas com auxílio do software SPSS versão 22.0 (IBM, U.S., 2013) e macros desenvolvidas no *Microsoft Excel for Mac 2011*.

As medidas das ocorrências registradas nos órgãos administrativos da USP, foram resumidas em frequência e porcentagem, assim como descritivas de média, desvio padrão (DP), e valores mínimo (min) e máximo (máx) quando aplicável.

Para a representação gráfica destas ocorrências e suas variáveis, foi utilizado o gráfico do tipo histograma para frequências das ocorrências e gráfico de setores (diagrama circular) quando as frequências somavam 100%.

Em relação aos dados coletados dos questionários das assessorias esportivas e praticantes de atividade física, os dados quantitativos foram resumidos em estatísticas descritivas de média, desvio padrão (DP), valores mínimo (min) máximo (máx). A distribuição dos dados foi verificada por meio do teste de *Kolmogorov-Smirnov* e rejeitou a normalidade.

Quando foi necessário realizar a comparação de grupos foram utilizados os testes de *Wilcoxon* e *Fisher*.

Os dados qualitativos, foram categorizados e apresentados em forma de frequência e porcentagem. Para a representação gráficas destas variáveis foi utilizado o gráfico do tipo histograma para frequências das ocorrências e gráfico de setores (diagrama circular) quando as frequências somavam 100%.

O nível de significância dos testes foi de 5%, ou seja, diferenças, correlações ou efeitos serão considerados significantes quando o nível descritivo do teste (valor de p) correspondente for menor que 5%.

5 RESULTADOS

5.1. Caracterização do Campus da USP

O território do estudo, o qual tem como objetivo principal o tripé ensino-pesquisa e extensão, foi o Campus Armando Salles de Oliveira que integra o Campus da Capital da Universidade de São Paulo. Este Campus tem uma área territorial de 3.648.944,4 m², sendo 860.628,08 m² de área construída, contendo 20 unidades de ensino, três centros e institutos especializados, um hospital, dois museus e 20 órgãos centrais de direção e serviço, totalizando 46 unidades.

Este território e unidades tiveram, em 2013, como público regular com vínculo 65.813 pessoas, as quais dividem-se em alunos de graduação, alunos de pós graduação (mestrado e doutorado), alunos de pós doutorado, outros tipos de alunos como alunos especiais, docentes, funcionários não docentes e pesquisadores associados. A distribuição desse público está demonstrada na tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição dos indivíduos com vínculo formal com a USP no Campus Armando Salles de Oliveira

Tipo de vínculo	Quantidade
Alunos de graduação	31.611
Alunos de pós graduação	18.580
Alunos de pós doutorado	1.593
Outros alunos	908
Docentes	2.960
Funcionários não docentes	10.160
Pesquisador associado	1
Total	65.813

Os valores são apresentados em valores absolutos.
Fonte: Site Anuário Estatístico (<https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle>)

5.2 Ocorrências relacionadas à atividade física

No período estudado, que compreendeu os anos de 2013 e 2014, foram registradas 88 ocorrências na Guarda Universitária, 48 ocorrências no sistema de ambulância, 30 ocorrências na Ouvidoria Geral da Universidade de São Paulo e 51 ocorrências na Prefeitura do Campus USP da Capital relacionadas à prática de atividades físicas. A distribuição anual dessas ocorrências é apresentada na tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição anual das ocorrências registradas nos órgãos administrativos da USP

Órgão	2013	2014	Total
Guarda Universitária	53 (60,2)	35 (39,8)	88 (100)
Serviço de Ambulância	28 (52,1)	24 (47,9)	52 (100)
Ouvidoria Geral USP	11 (37)	19 (63)	30 (100)
PUSP-C	10 (19,6)	41 (80,4)	51 (100)

Os valores estão apresentados em: valores absolutos (%). PUSP-C: Prefeitura do Campus USP da Capital

Em relação às ocorrências da prática esportiva registradas pela Guarda Universitária, as mesmas ocorreram com maior frequência aos sábados (63,6%), seguidas por dias de semana (31,8%) e menor ocorrência aos domingos (4,5%), uma vez que a Universidade encontra-se fechada para acesso ao público sem vínculo com a instituição. Em relação a distribuição mensal em 2013, tiveram $4,42 \pm 2,7$ ocorrências, tendo no mínimo um e no máximo nove ocorrências registradas. Para 2014, foram $2,92 \pm 2,5$ ocorrências, com mês em que não foi registrada nenhuma ocorrência e no máximo ocorrências registradas. Em 2013, Julho e Setembro foram os meses com maior número de ocorrência, já em 2014 o mês de Agosto sobressaiu-se em relação ao número de ocorrências. A distribuição dos dois anos segue o padrão mostrado nos gráficos 3 e 4.

Gráfico 3 - Distribuição mensal das ocorrências registradas na Guarda Universitária no ano de 2013

Gráfico 4 - Distribuição mensal das ocorrências registradas na Guarda Universitária no ano de 2014

Quando realiza-se a análise das ocorrências da Guarda Universitária de acordo com o período em que foi realizada a notificação, separando-se o período a cada duas horas com início às 05:00, horário de abertura do Campus, podemos verificar que o principal período de notificações foi entre 09:00 e 11:00, porém com alta prevalência entre 07:00 e 13:00, sendo o período da tarde com menor número de notificações, conforme demonstrado no gráfico 5.

Gráfico 5 – Distribuição de acordo com o período do dia das ocorrências registradas na Guarda Universitária nos anos de 2013 e 2014

Neste período, foram registrados na Guarda Universitária 12 diferentes tipos de ocorrências, sendo a mais prevalente o furto qualificado (furto relacionado aos pertences dos praticantes/ responsáveis das assessorias), seguido por acidente pessoal e atropelamento, conforme demonstrado no gráfico 6. Em 2013, os principais tipos de ocorrências foram furto qualificado com 30 ocorrências (56,6%), acidente pessoal com oito ocorrências (15,1%) e atropelamento com nove ocorrências (17%), dos quais nos principais meses em que houveram ocorrências, julho só foram registradas ocorrências de furto qualificado e em Setembro de furto qualificado para seis ocorrências e atropelamento para três ocorrências.

Gráfico 6 – Frequência das ocorrências registradas na Guarda Universitária nos anos de 2013 e 2014, de acordo com a natureza

Após análise da natureza das ocorrências registradas pela Guarda Universitária, realizamos uma análise dos locais onde foram relatadas que ocorreram, assim como as partes envolvidas, sendo pedestres, carros, bicicletas e ônibus. Nota-se que o local onde há maior frequência de ocorrências é a Av. Prof. Mello Moraes, destacando-se de todos os outros lugares onde alguma ocorrência foi registrada (Gráfico 6). Em relação ao envolvimento, notamos que a maioria das ocorrências tem o envolvimento de bicicletas, em 42,6%, e de carros, em 51,3% das ocorrências, conforme demonstrado no gráfico 7, situação coerente uma vez que o principal tipo de ocorrência registrada foi o furto qualificado, natureza em que há obrigatoriamente envolvimento de carros nestes casos.

Gráfico 7 - Frequência das ocorrências registradas na Guarda Universitária nos anos de 2013 e 2014, de acordo com a localização

Gráfico 8 – Frequência do envolvimento das partes nas ocorrências registradas na Guarda Universitária nos anos de 2013 e 2014

As pessoas envolvidas nas ocorrências tinham em média $36,8 \pm 11,2$ anos, sendo que o mais jovem tinha 16 anos e o envolvido mais velho 67 anos, com predominância do sexo masculino perfazendo 75%, em contraste a 23,3% de mulheres, sendo que em 2,3% dos casos não havia relato do gênero de quem

registrava a ocorrência. Destas 88 ocorrências, o registro foi realizado em 75,9% das vezes pela vítima do acontecimento e 24,1% por alguma das partes envolvidas. Dentre estas, 82,6% não possuíam vínculo com a Universidade, 10,5% eram alunos, 1,2% docentes e 5,8% funcionários. Dentre os envolvidos nas ocorrências, constatamos que 32 (36,4%) foram removidos para o Hospital Universitário para avaliação e atendimento.

Na análise dos relatórios da Guarda Universitária, pudemos verificar que, das vítimas dessas ocorrências, houve um óbito constatado, derivado de um acidente envolvendo carro e pedestres com 3 vítimas, sendo duas do sexo feminino e uma do sexo masculino. O óbito foi constatado no Hospital Universitário e as outras duas vítimas removidas pelo helicóptero Águia da Polícia Militar de São Paulo para hospitais particulares, tendo este sido o acidente com maior urgência registrado, de acordo com as análises realizadas.

As ocorrências registradas pelo sistema de ambulância referem-se a chamados realizados através da Guarda Universitária. Porém, um chamado de ambulância gerado pela Guarda Universitária não converte-se necessariamente a um relatório de ocorrência da Guarda Universitária, mas obrigatoriamente a um relatório do sistema ambulância, independente de remoção ou da vítima ter recusado-se a ser removida para o Hospital Universitário, uma vez que é o único hospital de retaguarda, o qual a ambulância está autorizada a remover, de acordo com contrato firmado com a Universidade de São Paulo.

Desta forma, ao realizarmos a análise dos registros do serviço de ambulância ocasionados pela prática esportiva e verificamos que houveram 52 registros de atendimento entre 2013 e 2014. Em 2013, o mês com maior número de registros foi o mês de Outubro com seis registros, diferente do ocorrido em 2014, em que os meses com mais ocorrências foram Julho e Agosto, com quatro e cinco registros cada, respectivamente. Nota-se que em 2013 o mês com maior número de registros na Guarda Universitária, Setembro, foi um mês em que não houve registros pelo serviço de ambulância, apesar do registro da Guarda Universitária ter a natureza de atropelamentos. Em Julho, mês no qual a Guarda Universitária teve também maior número de ocorrências, todas relacionadas a furto qualificado, o serviço de ambulâncias teve três registros de queda de bicicleta. Porém, em 2014, verificamos que no mês de Agosto, quando houve mais registros da Guarda Universitária, sendo a maioria acidente pessoal e acidente entre carro e corredor (sete em nove

ocorrências), também houve o maior número de registros do serviço de ambulância (gráfico 9 e 10).

Gráfico 9 – Distribuição mensal das ocorrências registradas no serviço de ambulância no ano de 2013

Gráfico 10 – Distribuição mensal das ocorrências registradas no serviço de ambulância no ano de 2014

Verificamos que em relação às notificações do serviço de ambulância, a maior porcentagem foi durante a semana, com 37 ocorrências (71,2%), seguida por nove ocorrências no domingo (17,3%) e seis ocorrências aos sábados (11,5%). As ocorrências relacionam-se a queda de bicicleta em 88,5% (46 ocorrências), acidentes entre bicicleta e carro em 7,5% (quatro ocorrências), acidentes entre bicicleta e pedestre em 1,9% dos casos (uma ocorrência) e atropelamento em 1,9% dos casos (uma ocorrência).

Em relação a localização mais frequente desses acidentes, observamos que segue-se o padrão das ocorrências da Guarda Universitária, com maior quantidade de ocorrências na Av. Prof. Mello Moraes e Av. Prof. Luciano Gualberto porém com grande quantidade de ocorrências na Av. Prof. Lineu Prestes e Praça do Relógio Solar com 13,5% e 10,8%, respectivamente (Gráfico 11). Os registros de ocorrências do serviço do ambulância ainda seguem o mesmo padrão de ocorrências da Guarda Universitária quanto a distribuição por período do dia, tendo maior quantidade de ocorrências entre as 09:00 e 11:00 da manhã, com um perceptível período de pico das 07:00 às 13:00 e um novo aumento das 17:00 às 21:00 conforme demonstrado no gráfico 12.

Gráfico 11 – Frequência das ocorrências registradas no serviço de ambulância nos anos de 2013 e 2014, de acordo com a localização

Gráfico 12 – Distribuição de acordo com o período do dia, das ocorrências registradas no serviço de ambulância nos anos de 2013 e 2014

A Ouvidoria Geral da Universidade de São Paulo é uma instância informal, neutra e independente à qual pessoas com ou sem vínculo com a Universidade de São Paulo que não se considerarem atendidos de forma satisfatória pelos canais usuais podem recorrer para fazer sugestões, reclamações, denúncias e discutir problemas relativos às atividades e funções da Universidade de São Paulo. A Ouvidoria Geral da Universidade de São Paulo nos anos de 2013 e 2014 teve o registro de 1.767 ocorrências, sendo 30 (1,7%) relacionadas à prática esportiva, 20 (1,14%) ao ciclismo e 10 (0,56%) às assessorias esportivas/corredores, com distribuição relativamente homogênea.

A Prefeitura do Campus da USP nos anos de 2013 e 2014 recebeu 51 notificações/ reclamações relacionadas à prática esportiva, sendo 27 relacionadas ao ciclismo e 24 relacionadas às assessorias esportivas e corredores. Vale ressaltar que todas as notificações oriundas da Ouvidoria são encaminhadas pela mesma para a PUSP-C com o objetivo de obtenção de informações e resposta ao usuário, assim como tomadas de decisão pela prefeitura, sendo que a PUSP-C ainda recebe notificações diretamente dos usuários, portanto justifica-se o maior número de notificações na PUSP-C em comparação com a Ouvidoria.

5.3 Assessorias Esportivas que atuam no *Campus* da USP

A análise descritiva realizada com os dados acerca das assessorias esportivas que desenvolvem suas atividades no Campus da USP é apresentada a seguir. As 117 assessorias esportivas que utilizam as dependências do Campus, foram criadas em média há $9,72 \pm 7,44$ anos, sendo que a mais antiga foi criada há 37 anos e a mais nova há somente 04 meses.

Podemos observar a distribuição do tempo de atuação delas no gráfico 13. O ano em que houve a criação da maior quantidade de assessorias foi entre 2010 e 2011 (há cinco/seis anos), seguida por 2009 a 2010 e 2011 a 2012. Portanto, entre 2009 e 2012 foi o público em que mais assessorias esportivas foram criadas. Notamos que somente 45 assessorias (38,46%) tem mais de dez anos de criação (gráfico 13).

Gráfico 13 – Distribuição do tempo de atuação das assessorias esportivas

Com o surgimento, crescimento e organização desse segmento, essas assessorias saíram da informalidade, constituindo-se em empresas legalizadas com Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e junto ao Conselho Regional de Educação Física (CREF). Desta forma, 94 assessorias (80,3%) possuem CNPJ e 52 (44,4%) estão cadastradas junto ao CREF quanto a outros vínculos, somente 52

(44,4%) possuem vínculo com a Associação de Treinadores de Corrida – ATC e somente oito (6,8%) possui vínculo com federações esportivas.

Este crescimento e legalização também fez com que estas assessorias agregassem profissionais, empregando professores e estágios à medida que necessitavam atender mais praticantes, em mais locais. Desta forma, atualmente essas assessorias possuem em média 159 ± 308 praticantes ativos que buscam qualidade de vida (97,4%), performance (42,7%) e recomendação médica (21,24%). Totalizam cerca de 18.695 praticantes, dos quais em média 3.896 frequentam o Campus da USP aos sábados, somente vinculados as assessorias esportivas. Em média, 33 ± 43 praticantes, por assessoria, frequentam o Campus da USP aos sábados para a prática esportiva.

Para este contingente de praticantes as assessorias esportivas têm em média quatro treinadores, sendo que há assessorias que não têm treinadores além do dono e outra que possui 90 treinadores. Ainda em relação aos profissionais ligados às assessorias, a maior parte das assessorias não possui estagiários (74,7%), porém uma assessoria possui 23 estagiários. Um estagiário está presente em 15,4% das assessorias, dois estagiários em 6%, três estagiários em 2,6% e quatro estagiários em 0,9% das assessorias.

Parte do crescimento dessas assessorias deve-se a procura de empresas corporativas por administração de atividade físicas para seus colaboradores. Das 117 assessorias no Campus da USP, 57 (48,7%) atendem a grupos corporativos dentro do Campus.

Devido a essa procura e a competitividade do mercado, outros serviços foram agregados além da orientação e acompanhamento da prática esportiva. Dentre estes serviços, podemos destacar os serviços de nutrição, fisioterapia e massagem. Estes serviços são oferecidos de duas formas: por profissionais contratados da assessoria ou por profissionais parceiros, possibilitando descontos e contagens aos praticantes vinculados.

Dessas assessorias, 85 (72,6%) tem o serviço de nutrição como parceira, 17 (14,5%) da própria assessoria e somente 15 (12,8%) não possui este serviço. Quanto a fisioterapia, 80 (68,4%) tem o serviço como parceira, 13 (11,1%) o profissional é vinculado a assessoria esportiva e 24 (20,5%) não possui vínculo. Já o serviço de massagem durante o treinamento aos sábados é oferecido por 15 assessorias (12,8%).

Entre outros serviços ligados as assessorias estão o acompanhamento dos praticantes em eventos fora de São Paulo e até fora do Brasil. Em relação a este tema, 99 (84,6%) acompanham seus praticantes em eventos fora de São Paulo, e 70 (59,8%) em eventos fora do Brasil.

Ao procurar estas assessorias, 110 (94%) solicitam atestado médico aos praticantes e 93 (79,5%) avaliação física, a qual é repetida em uma periodicidade de $8,26 \pm 4,04$ meses.

Para o oferecimento de todos esses serviços e manutenção da estrutura, as assessorias cobram em média R\$ $145,76 \pm 52,24$ reais de mensalidade de cada praticante. Porém, há assessorias que não cobram mensalidade e o valor máximo é de R\$ 250,00. Desta forma, podemos inferir que o mercado de corrida, das assessorias que estão no Campus da USP movimentam juntas cerca de R\$ 2.724.983,20 (dois milhões, setecentos e vinte e quatro mil, novecentos e oitenta e três reais e vinte centavos por mês).

Porém, ao voltarmos para o propósito inicial das assessorias esportivas, temos o oferecimento dos serviços de treinamento de corrida, ciclismo e *triathlon*. A modalidade de maior prevalência de oferecimento é a corrida com 116 (99,14%) assessorias, seguida pelo ciclismo com 35 assessorias (29,91%) e *triathlon* 31 assessorias (26,5).

Quanto a prática da corrida de rua, 116 assessorias oferecem a modalidade de corrida. As assessorias trabalham há em média $14,57 \pm 7,92$ anos, considerando desde quando seus responsáveis iniciaram seus trabalhos, mesmo que informalmente e sem uma estrutura de assessoria esportiva. Desta forma, podemos verificar que para os profissionais organizarem-se como a denominação assessoria, demorou cerca de cinco anos em média. Desta forma, o primeiro profissional começou a trabalhar com corrida há 39 anos e o mais novo há dois anos.

A distribuição dos dias e horários em que as assessorias ministram treino de corrida esta contida nos gráficos 14 e 15. Podemos observar que terça e quinta são os dias da semana recebem a maior quantidade de assessorias, 30 e 31 assessorias, respectivamente. Porém, realmente o sábado é o dia de maior concentração das assessorias, quando a o Campus da USP recebe 114 (97,4%) das assessorias.

Gráfico 14 – Frequência das assessorias esportivas, que ministram treino de corrida, ao longo da semana (n=116)

Quanto aos horários de pico de oferecimento de treinamento de corrida pelas assessorias, podemos notar que para todos os dias o horário de pico é das 18:00 às 21:00, com maior disponibilidade das 19:00 às 20:00. No entanto, no sábado, o horário de pico é das 07:00 às 11:00. Com destaque entre 07:00 e 09:00.

Gráficos 15 A a F – Frequência das assessorias esportivas que ministram treino de corrida, por período, de acordo com o dia da semana. A = Segunda-Feira, B = Terça-Feira, C = Quarta-Feira, D = Quinta-Feira, E = Sexta-Feira, F = Sábado

Em relação à prática de ciclismo, 35 oferecem a modalidade. As assessorias trabalham há em média $13,31 \pm 5,45$ anos, considerando desde quando seus responsáveis iniciaram seus trabalhos, de maneira informal e sem uma estrutura de assessoria esportiva. O serviço mais antigo começou a ser oferecido há 23 anos e o mais novo há três anos.

A distribuição dos dias e horários em que as assessorias ministram treino de ciclismo está contida nos gráficos 16 e 17. Podemos observar que terça e quinta são os dias da semana que recebem a maior quantidade de assessorias, com 21 assessorias cada. Porém, o sábado é o dia de maior concentração das assessorias, quando o Campus da USP recebe 31 (88,6%) assessorias. Na segunda e na sexta as assessorias não oferecem treinamento de ciclismo no Campus da USP. Notamos que, apesar de uma das assessorias possuir o serviço de ciclismo, não ministra seus treinos no Campus da USP.

Gráfico 16 – Frequência das assessorias esportivas, que ministram treino de ciclismo, ao longo da semana (n=35)

Quanto aos horários de pico do oferecimento de treinamento de ciclismo, podemos notar que, para todos os dias, o período é das 05:00 às 07:00. No entanto,

no sábado o horário de pico é das 06:00 às 11:00, com pequena destaque para o horário das 07:00 às 08:00.

Gráficos 17 A a F – Frequência das assessorias esportivas que ministram treino de ciclismo, por período, de acordo com o dia da semana. A = Segunda-Feira, B = Terça-Feira, C = Quarta-Feira, D = Quinta-Feira, E = Sexta-Feira, F = Sábado

Por fim, em relação às modalidades, o *triathlon* também é oferecido no Campus da USP por 31 assessorias, sendo terça, quinta e sábado os dias de maior oferecimento, conforme mostrado no gráfico 18.

Gráfico 18 – Frequência das assessorias esportivas, que ministram treino de *triathlon*, ao longo da semana (n=31)

Tabela 3 - Frequência de uso, para treinamento, das ruas do Campus da USP pelas assessorias esportivas

	Frequência	%
Av. Prof. Mello Moraes	116	99,1
Rua do Matão	109	93,2
Av. Prof. Luciano Gualberto	108	92,3
Av. Prof. Almeida Prado	101	86,3
Praça do Oceanográfico	94	80,3
Av. da Universidade	93	79,5
Av. Prof. Lineu Prestes	93	79,5
Praça da Prefeitura	92	78,6
Praça Ramos de Azevedo	86	73,5
Praça do Relógio Solar	82	70,1
Praça Rubião Meira	78	66,7
Praça Prof. Jorge Americano	77	65,8
Rua do Lago	77	65,8
Praça Reinaldo Porchat	74	63,2
Rua da Praça do Relógio	67	57,7
Rua do Anfiteatro	65	55,6
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues	64	54,7
Travessa C	62	53
Travessa V	51	43,6
Rua da Reitoria	47	40,2
Praça Prof. Alípio Correa Netto	43	36,8
Travessa R	27	23,1
Rua Prof. E.M. Leme	12	10,3
Travessa 8	11	9,4
Travessa 12	7	6,0
Outros locais	103	88,0

Conforme demonstrado na tabela 4, a instituição a qual possui mais egressos é a Faculdade Metropolitanas Unidas - FMU com 22 egressos, seguido da Universidade Santo Amaro – UNISA com 16. A USP foi responsável pela formação de nove proprietários, e instituições públicas no total foram responsáveis pela formação de 16 (13,7%) profissionais de assessorias esportivas.

Tabela 4 – Instituição de formação dos profissionais responsáveis pelas assessorias esportivas (n=117)

	Frequência	%
Centro Univ. das Fac. Metropolitanas Unidas	22	18,8
Universidade de Santo Amaro	16	13,7
Universidade de São Paulo	9	7,7
Faculdades Integradas de Santos André	9	7,7
Universidade Paulista	8	6,8
Universidade de Mogi das Cruzes	8	6,8
Universidade Ibirapuera	7	6,0
Fac. Int. de Ciênc. Hum. Saúde de Ed. de Guarulhos	6	5,1
Universidade Bandeirantes	5	4,3
Universidade Estadual Paulista	3	2,6
Universidade São Judas Tadeu	3	2,6
Centro Univ. Ítalo Brasileiro	2	1,7
Universidade de São Caetano	2	1,7
Escola de Educação Física da PM	2	1,7
Centro Universitários Fieo	2	1,7
Universidade Nove de Julho	1	0,9
Faculdade Nossa Cidade	1	0,9
Faculdade Integradas Itapetininga	1	0,9
Centro Educacional Claretiano	1	0,9
Universidade de Campinas	1	0,9
Universidade do Grande ABC	1	0,9
Universidade Cidade de São Paulo	1	0,9
Universidade Presbiteriana Mackenzie	1	0,9
Faculdade do Clube Náutico Mogiano	1	0,9
Universidade Santana	1	0,9
Universidade Metodista de São Paulo	1	0,9
Universidade do Estado do RJ	1	0,9
Faculdade Clementino	1	0,9

Estes profissionais formaram-se há em média $16,18 \pm 8,01$ anos, sendo que o profissional com formação mais recente concluiu a graduação há um ano e o mais antigo há 40 anos.

Dentre os 112 profissionais proprietários com graduação concluída, 88 (78,6%) tem pós graduação *latu sensu*, denominada especialização, sendo 84 (71,8%) completa, três (2,6%) estão cursando e um (0,9%) tem curso incompleto. As áreas de especialização mais frequentes destes profissionais são treinamento desportivo (42) e fisiologia do exercício (38) seguidos por gestão ou *marketing* esportivo (13). Destes profissionais, 23 têm dois cursos de especialização e dois profissionais têm três cursos. Em relação à pós graduação *stricto sensu*, nível de mestrado, três proprietários tem este nível de escolaridade, sendo que um está cursando e dois tem o nível de mestrado concluído.

Quanto a atuação em termos da regulamentação profissional, 110 (94%) profissionais possuem registro no Conselho Regional de Educação Física de São Paulo (CREF-SP), sendo então o responsável técnico pela assessoria. Dos sete proprietários restantes, cinco possuem um profissional com CREF habilitado, como responsável técnico pela assessoria e dois não possuem nenhum profissional habilitado como responsável pelas atividades de orientação prestadas pela assessoria.

Considerando todos os proprietários, 76 (65%) já haviam trabalhado com corrida em outra empresa, clube ou como *personal trainer*, mostrando experiência profissional prévia. Porém, 41 (31%) a primeira vez que trabalhou com corrida foi em sua própria assessoria. Contudo, ao considerarmos a experiência relacionada à prática de corrida, somente 12 profissionais não eram praticantes de corrida, sendo que 72 (61,5%) eram amadores e 33 (28,2%) profissionais.

5.4 Praticantes de atividade física no *Campus da USP*

Para o questionário que destinava-se aos praticantes de atividade física no Campus, no total 1487 praticantes responderam ao instrumento. Deste total, 939 eram homens (63%) e 548 eram mulheres (37%), com idade média de $41,06 \pm 9,88$ anos, dos quais 32,5% são solteiros, 58,2% casados, 8,7% divorciados e 0,5 viúvos. A religião com mais frequência foi a religião católica (50,8%), seguida por espírita e evangélica, 14 % e 7,6%, respectivamente. Análise esta importante, devido a certas religiões restringirem transfusão sanguínea em caso de acidentes e atendimento médico.

Destes respondentes, 115 (7,7%) têm algum vínculo formal com a Universidade, conforme gráfico 19. Em relação ao nível de escolaridade, 1.240 possuem graduação completa e 37 estão cursando. Destes 1.240, 501 praticantes possuem especialização e 293 nível de pós graduação *stricto sensu* (25,1% doutorado e 74,9% mestrado).

Gráfico 19 – Frequência dos praticantes que têm vínculo formal com a USP

Quanto a área profissional, estes praticantes, atualmente, atuam nas áreas de humanas (37,9%), exatas (29,1%), biológicas (9,5%) e outras atividades profissionais (23,5%).

A análise nos mostrou que além de realizar seus treinos no Campus da USP, estes praticantes utilizam outros locais para treino. Somente 23,4% treinam somente no Campus da USP, sendo que a maior parte treina em mais um local além do Campus da USP (Gráfico 20). Dentre estes locais, o mais frequente é o Parque do Ibirapuera, que conta com 47,2% destes praticantes que frequentam o Campus da USP, seguido pelo Parque Vila Lobos com 26,5% (gráfico 21).

Gráfico 20 – Quantidade de locais de treino além do Campus da USP

Gráfico 21 – Frequência de uso dos locais de treino pelos praticantes

Desta forma, foi perguntado aos praticantes por que eles usam o Campus da USP como local de treino. A variedade e percursos foi o motivo mais citado, sendo um fator importante para 24,2% dos praticantes. Também citado como fator importante, a proximidade da residência ou do local do trabalho teve frequência de 22,9%, seguido pelo Campus da USP ser um local arborizado para 19,2% dos praticantes, ter espaço amplo para 14,2% e a opinião do Campus da USP ser o melhor local para treinar para 15,2% dos praticantes.

Outros fatores como o Campus da USP ser o local onde a assessoria ministra seus treinos ou ser um local tranquilo e agradável também foram citados, conforme demonstrado na tabela 5.

Tabela 5 – Fatores importantes para os praticantes terem escolhido o *Campus* da USP como local de treino

	Frequência	%
Variação de percurso	356	24,10
Proximidade	341	22,90
Arborizado	285	19,20
Melhor local	226	15,20
Espaço amplo	211	14,20
Longos treinos	190	12,80
Espaço tranquilo/agradável	211	11,40
Ponto da assessoria	118	7,90
Segurança	147	9,90
Amigos	144	9,70
Falta de opções	135	9,10
Subidas e descidas	93	6,30
Poucos veículos	75	5,00
Fácil acesso	81	5,40
Estacionamento	30	2,00

Espera-se que, para a utilização de um local para treinamento, seja levado em conta a distância do local até a residência do praticante, fato citado por 22,9% dos praticantes. Deste forma, analisamos a procedência dos praticantes que treinam no Campus da USP. A análise nos mostrou que a maior parte (42%) residem na zona oeste seguido por, (24,1%) zona sul e (9,3%) no centro.

Porém, também encontramos indivíduos que residem fora de São Paulo com Guarulhos, Caieiras, grande ABC, Mauá entre outros, conforme demonstrado no gráfico 22.

Gráfico 22 – Local de residência dos praticantes

Em relação às modalidades, a corrida mostrou-se a mais frequente, tendo 92,2% dos praticantes respondentes, seguida do ciclismo com 28,4% e do *triathlon* com 14,4%.

Quanto a prática de corrida, os praticantes iniciaram em média há $8,77 \pm 7,55$ anos, sendo que um praticante iniciou a prática em 1970 e dois praticantes iniciaram em 2015. Atualmente, no Campus da USP a maior parte dos praticantes de corrida treina somente uma vez por semana (41,3%), 32,8% treinam três vezes por semana, 9,6% quatro vezes por semana, 6,6% duas vezes por semana, 5%, cinco vezes por semana e 4,7% seis vezes por semana.

A distribuição semanal, assim como de acordo com os horários está demonstrada nos gráficos 23 e 24. Notamos então que sábado é o dia em que a maior quantidade de corredores frequenta o Campus da USP (91,4%), assim como na terça-feira e na quinta-feira com 41,2% e 42,7%, respectivamente.

Gráfico 23 – Frequência dos praticantes que praticam corrida, ao longo da semana (n=1371)

Quanto aos horários durante a semana, ocorre dois períodos de pico, sendo o primeiro entre 06:00 e 08:00 horas da manhã e o segundo período entre 18:00 e 21:00 horas. Aos sábados, o pico ocorre das 07 às 10 horas.

Gráfico 24 A a F - Frequência dos praticantes que treinam corrida, por período, de acordo com o dia da semana. A=Segunda-Feira, B=Terça-Feira, C=Quarta-Feira, D=Quinta-Feira, E=Sexta-Feira, F=Sábado

Em relação à prática do ciclismo, os ciclistas iniciaram em média há $7,86 \pm 8,04$ anos, sendo que 1970 foi o ano de início do primeiro ciclista da amostra e em 2014 iniciaram 42 praticantes. Atualmente, no Campus da USP a maior parte desses ciclistas treina três vezes semana (39,7%), seguindo de uma vez por semana (35,2%), duas vezes por semana (14,3%), quatro vezes por semana (5,2%), cinco vezes por semana (1,4%) e seis vezes por semana (4,3%).

A distribuição semanal, assim como de acordo com os horários estão demonstrados nos gráficos 25 e 26. Notamos então, que o sábado é o dia com a maior quantidade de ciclistas (76,3%), seguido por terça e quinta com 57,3 e 59%, respectivamente.

Gráfico 25 - Frequência dos praticantes que praticam ciclismo, ao longo da semana (n=422)

Quanto aos horários, durante a semana, diferente dos corredores, há somente um horário de pico, que concentra-se entre 5 e 7 da manhã. Porém, aos sábados o pico ocorre das 6:00 às 10:00 horas da manhã.

Gráfico 26 A a F - Frequência dos praticantes que treinam ciclismo, por período, de acordo com o dia da semana. A = Segunda-Feira, B = Terça-Feira, C = Quarta-Feira, D = Quinta-Feira, E = Sexta-Feira, F = Sábado

Por outro lado, os *triatletas* iniciaram a prática há $5,82 \pm 5,39$ anos, sendo que o primeiro iniciou em 1982 e 19 iniciaram em 2014. Atualmente no Campus da USP, a maior parte dos triatletas treina uma vez por semana (52,3%) seguido por três vezes por semana (22,4%), seis vezes por semana (12,6%), cinco vezes por semana (6,1%), quatro vezes por semana (4,2%) e por fim duas vezes por semana é a frequência de treino com menor quantidade de praticantes, ou seja, 2,3% destes.

A distribuição semanal, assim como de acordo com os horários estão demonstrados nos gráficos 27 e 28. Notamos então, que sábado é o dia que abriga a maior quantidade de praticantes (76,3%), seguido por terça e quinta-feira com 44,4% cada dia. Quanto aos horários durante a semana, da mesma forma que os ciclistas, há um único pico no dia, entre 06:00 e 08:00 da manhã.

Gráfico 27 - Frequência dos praticantes que praticam *triathlon*, ao longo da semana (n=214)

Gráfico 28 A a F - Frequência dos praticantes que treinam *triathlon*, por período, de acordo com o dia da semana. A = Segunda-Feira, B = Terça-Feira, C = Quarta-Feira, D = Quinta-Feira, E = Sexta-Feira, F = Sábado

Para o treinamento, foi realizada uma análise do período que esses praticantes permanecem no Campus da USP para realizar seus treinamentos. Verificamos que o tempo gasto com a prática do ciclismo é estatisticamente significativo maior que o tempo gasto com a corrida, e menor que o tempo gasto com o *triathlon*, conforme mostrado na tabela 6.

Tabela 6 – Tempo de permanência no Campus da USP de acordo com a modalidade

	Corrida	Ciclismo	Triathlon	Valor de p ^F
Sábado	2:48:00± *	3:30:00± **	3:26:00± ***	0,001
Semana	1:49:00± *	2:02:00± **	2:24:00± ***	0,001

* = diferença estatística em relação ao ciclismo, ** = diferença estatística em relação ao *triathlon*, *** diferença estatística em relação a corrida. ^F = Teste de Fisher.

Quanto a participação em eventos esportivos por esses praticantes, 88,1% participam de algum tipo de evento esportivo. Ao analisar cada modalidade em relação aos eventos, na corrida, encontramos que somente 12,3% dos praticantes não participa de eventos esportivos, 73,5% dos praticantes participa de eventos que ocorrem no Campus da USP e em outros locais, 8,6% em eventos que ocorrem fora do Campus da USP e 5,3% em eventos que ocorrem somente no Campus da USP.

Para os ciclistas, 17,3% não participam de eventos esportivos, 52,5% participam de eventos no Campus da USP e em outros locais, 26% somente fora do Campus da USP, e somente 4,2% participam de eventos somente no Campus da USP. Porém, para os triatletas, somente 1% não participa de eventos esportivos, 78,4% participam de eventos no Campus da USP e em outros locais, 17,8% no Campus da USP e somente 2,9% participam de eventos somente no Campus da USP.

Estes eventos fora do Campus da USP, incluem eventos fora de São Paulo e também fora do Brasil, desta forma 47,7% dos praticantes de eventos fora do Brasil, e 73,8% participa de eventos fora de São Paulo.

Em relação aos eventos de corrida, a distância relatada pelos participantes com maior frequência de participação é a distância de dez quilômetros, na qual 69,8% dos praticantes, participam de evento dessa modalidade. A segunda maior

frequência ficou com a meia maratona, realizada por 63,3% dos praticantes de corrida, seguida por eventos entre dez e 15 quilômetros, com 55,5%, maratona com 30,9% dos praticantes, caminhada por 12% dos praticantes e *ultramaratona* por 5% destes corredores que utilizam o Campus da USP.

Dessa forma, analisamos quantos destes praticantes, de acordo com a modalidade e no grupo total, possuem o acompanhamento de um treinador/assessoria esportiva. No grupo geral, 61,1% dos praticantes tem acompanhamento profissional para a prática de atividade física. Na análise dos subgrupos, 62,0% dos praticantes de corrida, 64,2% dos praticantes de ciclismo e 87,4% dos praticantes de *triathlon* possuem acompanhamento profissional. Vale ressaltar que um praticante pode realizar mais de uma modalidade como já citado, fato que cotará em ambos os subgrupos, porém uma única vez no grupo geral.

O tempo que estes praticantes treinam com orientação profissional é de $4,76 \pm 5,35$ anos. Porém, quanto a realização de exames médicos periodicamente, 93,9% dos praticantes relata realizar. Sendo que, quanto ao fator de risco pessoal, 2% tem diabetes, 2,2% fuma, 9,6% tem dislipidemia, e 6,3% tem hipertensão e ainda 0,9% tiveram infarto ou acidente vascular cerebral - AVC prévios, e quanto ao fator de risco familiar, apenas 22,6% não possuem fatores de risco familiar como diabetes, hipertensão, histórico de AVC/infarto, dislipidemia ou doença cardiovascular. Ao considerar o histórico de lesões nos últimos 12 meses, encontramos que 22,7% dos praticantes tiveram algum tipo de lesão. As lesões mais frequentes foram acometimento muscular de membros inferiores (MMII) e tendinite em membros inferiores, seguidos por entorse em membros inferiores, conforme demonstrado no gráfico 29. Ao considerar os subgrupos de acordo com a modalidade, 22,6% dos corredores tiveram lesão nos últimos 12 meses, sendo a mais frequente o acometimento muscular de membros inferiores (20,9%) e tendinite em membros inferiores (19,2%).

Gráfico 29 – Lesões dos praticantes no últimos 12 meses

Para os ciclistas, 23,5% deles tiveram lesão nos últimos 12 meses, sendo a tendinite de membros inferiores (22,7%) e o acometimento muscular de membros inferiores (14,4%) os mais frequentes. E por fim, para os triatletas, 26,6% teve lesão nos últimos 12 meses, com o mesmo padrão dos ciclistas de tipo de lesão e frequência de 17,9 e 16,1% respectivamente.

Além da análise das lesões destes praticantes foi perguntado aos mesmos se já haviam presenciado algum acidente no Campus da USP durante seu período de treinamento. Do grupo total, 57,9% (861) praticantes já presenciaram algum acidente durante o treinamento, sendo que destes, 90,3% ocorreu no período matutino, 8,6% no período noturno e 1,1% no período vespertino. Quanto aos personagens envolvidos, os principais foram os ciclistas, em 36,03% dos acidentes, seguidos por pedestres/corredores, com 28,58% dos casos. A frequência do envolvimento de cada personagem está demonstrada no gráfico 30. Além disso, 9,9% dos praticantes já foram parte envolvida no acidente, também a maior parte tendo ocorrido no período da manhã (85,5%).

Gráfico 30 – Frequência do envolvimento das partes nos acidentes presenciados pelos praticantes

Por fim, foi perguntado a esses praticantes o que poderia melhorar no Campus da USP para a prática esportiva, do seu ponto de vista. Após a normatização das respostas abertas, a segregação do espaço para treinos de corrida, ciclismo e circulação regular foi a maioria mais citada, por 31,2% dos praticantes, seguida por melhora na segurança citada por 23,4%, redução de carros para 18,5% dos praticantes e criação de regras para a prática esportiva para 13,4% dos praticantes. As frequências com que cada melhoria foram citadas estão apresentadas no gráfico 31.

Gráfico 31 – Sugestões de melhorias citadas pelos praticantes para a prática esportiva no Campus da USP

6 DISCUSSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi analisar o uso das áreas comuns de uma Universidade pública para a realização da prática esportiva por público externo, considerando os conflitos gerados e a evolução deste mercado.

Após análise dos dados, foi possível verificar semelhanças dos nossos achados com o relato da literatura científica e jornalística acerca de conflitos e prática esportiva na USP. Também foi possível verificar que o desenvolvimento da prática esportiva na USP, representado nesse estudo pelas assessorias esportivas e praticantes, reflete o que ocorre no Brasil em termos do desenvolvimento de prática de atividades físicas.

Na análise da situação interna, especificamente quanto as ocorrências, verificamos que o uso do Campus gera furto qualificado de veículos, considerado crime comum. Esta foi a principal ocorrência proveniente dos períodos e pessoas envolvidas com a prática esportiva, registrada na Guarda Universitária. Dados que corroboram os achados de Cubas e colaboradores (2013), os quais relatam que, entre as ocorrências na Guarda Universitária como um todo, destacando-se os furtos (veículos, equipamentos eletrônicos e pertences).

De acordo com Del Carmen e colaboradores (2000) estudos sobre vitimização nos *campi* universitários apontam que os crimes nesses locais são menos comuns e menos violentos do que na comunidade em geral. As pesquisas mostraram ainda que os crimes tem maior ocorrência nas áreas externas do Campus e no período noturno. Esses achados diferem dos achados do presente estudo, onde os principais crimes ocorreram no período matutino. Devemos levar em consideração para esta diferença, que encontramos, tanto pelas assessorias esportivas, como para os praticantes que os principais picos da prática esportiva concentram-se no período matutino.

Johnson e Bromley (1999), em estudo com *survey* aplicado em uma universidade norte americana, acharam que 22,5% dos respondentes haviam sido vítimas de algum tipo de crime e que a sensação de insegurança é maior entre as mulheres, asiáticos e negros. Relacionado a este tema, notamos que os praticantes de atividade física, relatam a necessidade de melhora na segurança como segundo fator mais citado quando perguntado ao que poderia ser melhorado em termos de prática esportiva no Campus da USP.

Cubas e colaboradores (2013) relatam que as estatísticas da Guarda Universitária da USP relacionadas a segurança no Campus da USP são prejudicadas, devido a não haver comunicação entre a Polícia Militar, Polícia Civil e Guarda Universitária, e as ocorrências registradas nesses órgãos não serem compartilhadas, prejudicando desta forma o monitoramento realizado pela Guarda Universitária (CUBAS *et al.*, 2013). Notamos essa dinâmica também relacionada à Guarda Universitária e serviço de ambulância, que deveriam trabalhar em conjunto nesse quesito.

As principais ocorrências da Guarda Universitária relacionadas à prática esportiva foram registradas aos sábados, dia com maior frequência de prática mencionada tanto pelos responsáveis das assessorias como pelos praticantes. Ainda em relação a estas ocorrências, o acidente pessoal foi registrado para 19% (17) das ocorrências, na Guarda Universitária, dados que não são confirmados pelos registros de ocorrências do serviço de ambulância, o qual registrou 52 casos, sendo 46 relacionados a queda de bicicletas.

Poulos e colaboradores (2015) apontam que os ciclistas são vulneráveis e têm riscos reais de acidentes. Relataram ainda que, em 25.971 dias de prática de ciclismo, 198 acidentes foram registrados, sendo que a taxa de atendimentos médicos necessários causados por acidentes é de 0,023 a 0,49 por 1.000 horas de prática de ciclismo. Estes dados sustentam que as queda de bicicletas sejam a principal ocorrência relacionada à prática no Campus da USP devido a taxa de incidência em relação à prática do ciclismo.

Ainda em relação a situação interna, verificamos que os principais registros na Ouvidoria e Prefeitura relacionavam-se à prática do ciclismo, gerando conflitos entre os ciclistas e a comunidade USP. Esses achados são corroborados pelos dados divulgados nas mídias especializadas e ordens de serviço da Prefeitura, as quais noticiaram conflitos tanto gerados pela comunidade USP em relação aos ciclistas, como o caso das “tapetadas” e das “tachinhas” sofridas pelos ciclistas, em que os agentes eram alunos da USP, como também conflitos gerados pelos ciclistas com agressões verbais e físicas a pedestres e motoristas (EVÊNCIO, 04.agost.2006; JOVENS, 03.mar.2009; SILVEIRA, 01.mar.2009).

Demonstramos, então, com esses achados, a influência dos modos de vida contemporâneo nas megacidades nos espaços de uso público. De acordo com Benfatti (2010), a relação da esfera pública com os espaços livres tornou-se mais

complexa, pois modificam substancialmente as formas de uso, de modo que estes espaços assemelham-se a espaços privados de uso coletivo, tornando essas ocupações item de discussão. Ainda, segundo Laurentino (2006), a baixa demanda na produção de espaços públicos para a população e persistência na apropriação daqueles espaços do poder público, torna-se a ocupação destes espaços, parte integrante da vida da própria cidade.

Esses achados indicam uma ameaça em relação à ocupação do Campus para a prática esportiva, a qual, de acordo com recomendações do Ministério Público, devem ser alvo de ação da gestão com a finalidade de minimizar os conflitos.

Em relação a situação externa, identificamos que a maioria das assessorias organizaram-se como empresas legalizadas com CNPJ e menos da metade são registradas junto ao CREF-SP, indicando que com o crescimento do número de praticantes e das provas de corrida de rua, surge a necessidade de organização dos profissionais que trabalham na área (BURFOOT, 2007).

Trucollo e colaboradores (2008) ainda afirmam que, com o surgimento das assessorias esportivas, a corrida de rua vem cada vez mais atraindo pessoas que não se interessam pelo alto nível, mas sim que buscam qualidade de vida, conforme encontramos em nosso estudo, onde a maioria das assessorias tem praticantes que buscam qualidade de vida prioritariamente, ao invés de performance.

Em relação às assessorias esportivas, Silva e Souza (2013) relatam que observa-se nos últimos dez anos o crescimento do número de assessorias esportivas especializadas. Nossos resultados corroboram esses dados, pois a maioria das assessorias pesquisadas tem menos de dez anos de criação, tendo mostrado expressivo crescimento entre 2009 e 2012.

Relatamos ainda que parte do crescimento dessas assessorias deve-se a procura de empresas corporativas por administração de atividade física para seus colaboradores, mesmo achado de Lopes (2011), em que 100% das assessorias, localizadas em Porto Alegre, ofereciam o serviço de treinamento corporativo.

A ocupação do espaço do Campus pelas assessorias ocorre de acordo com pontos de encontro e apoio conforme visualizados na Figura 1, onde demonstramos que o principal local utilizado é a Av. Prof. Mello Moraes. Esse fato em parte deve-se devido as assessorias determinarem os locais onde os treinos serão desenvolvidos, a partir de ter bem claras questões como a segurança do local, a logística de

deslocamento, estacionamento, condições de uso das pistas a partir do ponto de vista de seu uso pessoal (LOPES, 2011).

Essa ocupação, como vimos, se dá a partir de critérios de escolha das assessorias, e não levando em conta aspectos que influenciam a gestão do Campus, como circulação interna, rotina acadêmica e administrativa da Universidade. Portanto, podemos considerar que a distribuição das assessorias em locais pré-determinados, a partir da análise desses fatores, é uma ação de gestão que pode ser considerada para otimizar essa fragilidade.

Notamos que os horários de pico de oferecimento de treinamento de todas as modalidades, bem como do relato de realização de treinamento pelos praticantes encontra-se fora do horário comercial. A questão de horários de oferecimento de treinamento é um fato destacado por Lopes (2011) como um ponto a ser levado em consideração para visibilidade e captação de potenciais clientes/alunos, ainda destaca que, os horários estabelecidos para treinos devem viabilizar que os clientes/alunos que trabalham em horário comercial possam participar dos treinos coletivos visando assim a integração do grupo como um todo. Provavelmente devido a esse quesito sábado é o dia de maior concentração dos praticantes assim como das assessorias esportivas no Campus da USP.

Notamos ainda que o horário para o ciclismo e *triathlon* inicia mais cedo em relação aos horários para a corrida, provavelmente isso se deve a necessidade de maior tempo para a realização desse tipo de treinamento em relação a corrida, conforme demonstrado pelo tempo de permanência estatisticamente maior para os praticantes que treinam ciclismo e *triathlon*.

Também verificamos que o Campus da USP não é o único local utilizado para treinos das assessorias esportivas e para a prática esportiva da maioria dos praticantes. Porém, mostra-se que o Campus da USP é o local que mais frequentemente recebe assessorias principalmente quando considera-se os treinamentos realizados aos sábados, assim como o principal local de treino para os praticantes, seguido de longe do Parque Ibirapuera.

A variação de percurso, a proximidade de casa ou do trabalho, ser um local arborizado, amplo, poder realizar treinos longos e ser considerado o melhor local para treinamento são os fatores mais importantes para os praticantes escolherem o Campus da USP como principal local de treino, sendo a localização dos treinos da assessoria um fator secundário para a escolha. Desta forma podemos inferir que a

escolha das assessorias esportivas pelo Campus da USP vem como um fator secundário ao desejo e preferências dos praticantes, sendo que o local de apoio faz parte do produto oferecido, e considerando que produto é o bem ou serviço oferecido pela empresa ao público alvo e deve ser considerado para uma melhor procura do produto final (CRUZ, 2014).

Porém, apesar da proximidade com a casa ou trabalho ser um dos fatores de maior importância para os praticantes, verificamos que a maior parte deles residem na zona oeste e zona sul, encontrando ainda praticantes que deslocam-se de outros municípios para realizar seus treinamentos no Campus da USP.

Esses aspectos podem ser considerados uma ameaça, tendo em vista que já ocorre no espaço do Campus uma ocupação desordenada. Portanto, para que essa tendência de crescimento das assessorias não agrave ainda mais o cenário atual de ocupação desordenada, é necessário que sejam tomadas outras medidas, além das realizadas anteriormente, para limitar e regulamentar essa ocupação.

Quanto aos profissionais responsáveis pelas assessorias, considerados gestores, ao determinar o perfil deles verificamos que a maior parte deles são do gênero masculino, com idade média de 41 anos, predominância de gênero encontrada também em gestores de outras áreas como instalações esportivas e clubes de futebol, sendo que a área de fitness é a única que possui maior participação das mulheres como gestores (AMARAL, 2014; AZEVÊDO, FRANÇA BARROS e SUAIDEM, 2004; BASTOS, FLAVIA DA CUNHA, FAGNANI e MAZZEI, 2011; IZQUIERDO *et al.*, 2007).

Quanto a idade, as faixas etárias de 30 a 39 anos e 40 a 49 anos são as que aparecem com maior frequência em estudos com gestores de diversas áreas (AZEVEDO *et al.*, 2004; LÓPEZ e AROCAS, 2000; MENEZES, *et al.*, 2010; SANTANA *et al.*, 2012).

Em relação aos gestores, há uma tendência de que o cargo de gestão seja ocupado por gestores com idade a partir dos 30 anos que poderia sugerir a necessidade de maior maturidade profissional para atuar como gestor, mas no caso do nosso estudo especificamente devido às responsabilidades inerentes ao responsável por uma empresa formal e a estrutura por ela oferecida (SANTANA *et al.*, 2012).

A formação prioritária encontrada foi a graduação em educação física, sendo que a maior parte dos profissionais tem pós graduação *latu sensu*. Estes dados

diferem dos dados de pesquisas com os gestores de outras áreas como por exemplo no Brasil e no exterior o gestor público e gestor de academias de fitness, onde a principal formação dos gestores estava na área de administração (BASTOS *et al.*, 2011; LÓPEZ e AROCAS, 2000).

Esse fato pode ser explicado devido a esse gestor das assessorias ter iniciado seus trabalhos como treinador e ter se tornado gestor como decorrência do crescimento deste mercado e necessidade de profissionalização. Esse fato ainda é corroborado pela área de especialização mais frequente ser o treinamento desportivo e a fisiologia desportiva, com uma minoria com especialização em gestão ou marketing esportivo.

Quanto à importância e necessidade na formação de treinadores de excelência, em relação a experiência prévia, nossos achados contradizem os resultados das pesquisas de Côte e colaboradores (1995) que indicaram que os treinadores *experts* agregaram à sua formação teorias organizacionais, conhecimento formal e principalmente experiência prévia. Porém, nossos achados mostraram que a maior parte das assessorias não possui estagiários e nem todos os responsáveis por essas assessorias esportivas tinham experiência prévia de ministrar treinamento de corrida ao iniciar os serviços de sua assessoria esportiva.

Quanto aos serviços prestados, o presente estudo encontrou que a maior parte das assessorias esportivas oferece o serviço de treinamento de corrida, com menor quantidade oferecendo ciclismo. Acreditamos que esse quadro deve-se a maior popularização da corrida, que, de acordo com Salgado e Chacon-Mikahil (2006), se deve em grande parte por ser acessível a toda população apta, demandar baixo custo para treinamento e participação, diferente do que ocorre na prática do ciclismo. Apesar disso, Shoak e colaboradores (2013) abordam que tem ocorrido crescimento na participação nos eventos de *ultraciclismo*.

Notamos ainda que, devido a competitividade do mercado, serviços extras foram agregados à orientação e acompanhamento do treinamento fazendo parte do “marketing do esporte”, pois são serviços oferecidos pelos grupos de corrida, os quais são utilizados como estratégias para agregar valores, conceitos e captar novos alunos e clientes (CONTURSI, 1996). Nesta pesquisa verificamos que a maioria das assessorias oferecem o serviço de nutrição e fisioterapia e, uma minoria, de massagem.

A nutrição aparece como serviço mais oferecido provavelmente por conta das necessidades energéticas de um esportista sofrerem mudanças de acordo com a modalidade esportiva executada, individualidade biológica, nível de aptidão física, entre outros fatores que interferem nas recomendações nutricionais e impedem uma prescrição exata para esportistas. Assim, o planejamento nutricional deve levar em consideração o treinamento a ser executado, buscando sincronizar a ingestão calórica com a demanda energética imposta pelas diferentes fases e sessões de treinamento, mostrando como a sinergia do trabalho do treinador com o nutricionista é de extrema importância (ARAÚJO, 2012).

Outro serviço oferecido pelas assessorias a fim de agregar valor a marca é o acompanhamento dos praticantes em eventos fora de São Paulo e do Brasil.

Segundo Andrade (2008), além dos Jogos Olímpicos, outros eventos ganham projeção mundial, sendo considerados megaeventos, dos quais podemos destacar a Maratona de Nova York, que reúne mais de 29 mil atletas de cem países e vários estados americanos. Visto que o setor de eventos é o que mais cresce no mercado mundial de turismo, movimentando por ano aproximadamente 35 bilhões de dólares, o investimento por parte das assessorias esportivas no acompanhamento de seus praticantes a eventos esportivos é um serviço que agrega grande valor ao produto (ANDRADE, 2008). Apesar disso, o estudo de Brito (2012) encontrou que 40,9% dos praticantes nunca participou de evento fora de seu estado e 97,1% nunca participou de eventos fora do Brasil, mostrando divergência com nossos achados.

Porém, além dos serviços que agregam valor, há a necessidade de certos cuidados inerentes a prática esportiva, e a quase totalidade das assessorias solicita um atestado médico e a maioria realiza avaliação física. Neste quesito, as exigências das assessorias esportivas vão ao encontro com as diretrizes da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e do Exercício que preconizam uma avaliação médica para início da prática esportiva (GHORAYEB *et al.*, 2013), bem como o que preconizam os autores que tratam do tema de gestão de risco em atividade e eventos esportivos (BARREAU, 2001; POULOS *et al.*, 2015).

Para a manutenção dos serviços das assessorias esportivas estas cobram dos praticantes. Segundo Kotler (2006), o preço depende da demanda do mercado, da concorrência e do custo de produção, incluindo pesquisa e desenvolvimento, manufatura e *marketing*. É necessário estar consciente da relação entre oferta e

procura, porém, como o mercado de corrida de rua está em desenvolvimento, tanto a oferta quanto à procura por grupos de corrida, está em alta.

Ainda vale destacar que, segundo Lopes (2011) e Silva e Silva (2011), a indústria do esporte é responsável por fazer circular cerca de um trilhão de dólares no mundo todo, sendo que no Brasil as cifras giram em torno de R\$31 bilhões por ano, o que representa 3% do Produto Interno Bruto (PIB). O esporte, ao contrário do que observamos em décadas passadas, deixou de ser apenas um meio saudável de entretenimento para hoje ser, acima de tudo, uma maneira de gerar movimentação financeira. Evidenciamos esse giro financeiro no presente estudo quando encontramos que o valor movimentado em relação ao pagamento do serviço das mensalidades das assessorias esportivas é de cerca de dois milhões e setecentos mil reais por mês.

Ainda em seu estudo, Lopes (2011) ressalta que os gastos com treinamentos corresponde a 29% na corrida e 26% na Indústria do Esporte, sendo considerada uma porcentagem expressiva dos gastos dentro da prática esportiva.

Ao considerar o perfil dos praticantes que realizam as atividades esportivas no Campus da USP, os diversos estudos encontraram homens de 45 a 59, casados, com pós graduação como o principal perfil dos praticantes de corrida de rua (ALBUQUERQUE, 2007; RIBEIRO e COSTA, 2009). Os dados do presente estudo corroboram tais achados, quando encontra homens, com idade média de 41 anos, nível de pós graduação, e casados como o perfil predominante do praticante no Campus da USP.

Encontramos ainda que somente 7,7% dos praticantes tem vínculo formal com a USP, provavelmente motivo de tantos conflitos que ocorrem entre os praticantes, os quais em sua maioria não fazem parte da comunidade USP, e a comunidade USP que acredita-se “dona” do espaço da USP.

Em relação ao comportamento em termos de treinamento, a maioria dos praticantes treina três vezes por semana na USP, sendo que a corrida e o *triathlon* abrigam a maior parte dos praticantes, que frequenta a USP para treinos somente uma vez por semana. Esses dados corroboram com os achados de Palhares e colaboradores (2012) em que a maioria dos corredores realizava seus treinamentos de três a cinco vezes por semana.

Além disso, na análise quanto ao acompanhamento profissional por assessorias esportivas desses praticantes, verificamos que 61,1% dos praticantes

tem acompanhamento de uma assessoria esportiva. Esses dados são divergentes dos dados encontrados por Palhares e colaboradores (2012), em que 85% dos praticantes tinham acompanhamento profissional.

Ainda nesse âmbito, abordamos a questão de participação em eventos esportivos sendo que a maioria participa de algum evento esportivo, destacando-se os fora do Brasil. Esses dados superam os dados obtidos por Lopes (2011), em Porto Alegre, que indicam que 15% dos corredores já correram em eventos no exterior.

Ainda em relação a fatores de risco dos praticantes, encontramos que 22,6% dos praticantes não tem fatores de risco familiares, 9,6% tem dislipidemias e 6,3% tem hipertensão. Estes dados mostram-se relevantes uma vez que a condição física e de saúde, mesmo que avaliadas em termos de anamnese, assim como o levantamento prévio do nível de preparação são aspectos a serem considerados pelos organizadores de eventos de corrida de rua na identificação e avaliação dos riscos (SIERRA *et al.*, 2014).

Neste sentido de gerenciamento de riscos, 22,7% dos praticantes tiveram algum tipo de lesão, sendo os principais: acometimento muscular e tendinite em membros inferiores. Esses achados diferem parcialmente dos achados de Oliveira (2010) em que 70% dos praticantes referiu ter lesão ligada à prática de corrida, sendo a tendinite patelar o maior acometimento. Podemos notar que essas lesões estão intimamente ligadas ao excesso de treinamento, assim como as condições de piso e local, intimamente ligadas ao gerenciamento de riscos.

Essa fragilidade, em relação aos riscos dos praticantes, tem uma natureza indireta, pois seria de maior responsabilidade das assessorias e dos próprios praticantes que não estão vinculados a nenhuma assessoria. Dessa forma, uma suposição seria a informação às assessorias desses resultados obtidos no sentido de recomendar que as assessorias avaliem e monitorem esses fatores, bem como a realização de ações de esclarecimento aos praticantes não orientados por meio de campanhas, panfletos, postos de avaliação criados por unidades da USP como a Fisioterapia, Educação Física e Esporte, entre outras.

Por fim, em relação a opinião dos praticantes sobre o que poderia melhorar no Campus da USP para a prática esportiva, os fatores mais citados foram segregação do espaço para treinos, melhora na segurança, redução de carros e criação de regras para a prática esportiva. Notamos que, além da necessidade de um trabalho de áreas em conjunto há a necessidade da instituição de transferir lições aprendidas em

projetos e intervenções prévias, assim como verificar como essas intervenções influenciam nos resultados do projeto, visando evitar os mesmos erros do passado e conflitos excessivos (DAI e WELLS, 2004).

Desta forma, podemos indicar que serão necessárias ações no sentido de criar regras e limitar áreas específicas para a prática, as quais levem a maior segurança e redução de conflitos em relação à prática esportiva.

7 CONCLUSÃO

Até o presente momento, esse é o primeiro estudo que se propôs analisar o uso das áreas comuns de uma Universidade pública para a realização da prática esportiva por público externo. Os resultados obtidos corroboram o histórico de conflitos gerados pela ocupação paulatina e desordenada do Campus para prática de atividades físicas, em função da busca cada vez maior da atividade física pela população e o consequente surgimento e aumento de assessorias que buscam explorar esse mercado.

A partir das análises apresentadas, pudemos obter um diagnóstico do uso e ocupação do espaço, levando em consideração a análise da situação interna, e ainda informações acerca do ambiente externo, de forma a identificar e interpretar as tendências, visando analisar as informações e determinar quais apresentam oportunidades e ameaças para um plano de gestão.

A partir dessa visão, as conclusões apresentadas a seguir poderão servir como elementos para o aperfeiçoamento do processo de gestão, o qual adequa-se às realidades do espaço e ambiente da prática esportiva no Campus da USP.

Desta forma, baseado nos resultados e nas limitações do presente estudo, dentre as quais citamos não termos levantado de forma específica a opinião da comunidade USP, bem como aspectos relativos ao impacto nas condições do Campus, após a atuação das assessorias especialmente aos sábados (produção de resíduos, orgânicos e materiais plásticos, entre outros), é possível evidenciar algumas conclusões.

Os horários em que são oferecidos os treinamentos são principalmente horários fora do horário comercial, com o período matutino concentrando as principais ocorrências registradas pela Guarda e Serviço de Ambulância. Portanto,

ações preventivas devem ser desenvolvidas mais especificamente nesse período, no sentido de atender também as observações dos usuários quanto a melhora na segurança e a redução da circulação de carros. Deve-se levar em conta ainda que a principal reclamação está vinculada à prática de ciclismo tanto na Ouvidoria como na Prefeitura do Campus;

Tendo em vista que o Campus da USP é escolhido como local para treino entre os praticantes principalmente devido a variação de percurso, a proximidade de casa ou do trabalho, ser um local arborizado, amplo, poder realizar treinos longos e ser considerado o melhor local para treinamento, e como a maioria dos praticantes tem acompanhamento de uma assessoria esportiva, faz-se necessário definir e demarcar percursos, levando-se em conta a prática de ciclismo, corrida e *triathlon*, com prioridade à prática de corrida.

Outros aspectos a serem levados em consideração nessa regulamentação, também citadas pelos praticantes, são a segregação do espaço para treinos e criação de regras para a prática esportiva visando minimizar os riscos e as ocorrências decorrentes do uso do espaço.

As assessorias esportivas oferecem diversos serviços suplementares ao treinamento, com o objetivo de agregar valor ao produto oferecido. Ressalta-se que alguns deles são práticas sobre as quais não há controle sobre procedimentos e condições de oferecimento, dentre eles destacam-se os serviços de nutrição, fisioterapia, massagem e acompanhamento em eventos esportivos fora de São Paulo e do Brasil. Dessa forma, faz-se necessário um maior controle sobre o uso e a forma como são oferecidos esses serviços com vistas a agregar valor ao produto da assessoria.

Outro aspecto relevante refere-se à falta de registro de parte das assessorias no Conselho Regional de Educação Física de São Paulo.

Esses serviços geram receitas, e a Universidade, além de não ter contrapartida pelo uso do espaço, como acontece em relação a regulamentação para a realização de eventos, desde 2009, a Universidade arca com gastos e consequências desse uso desordenado e com fins lucrativos. Portanto, conclui-se que faz-se necessária a formalização dessas contrapartidas, financeiras ou não, que possam fazer frente às despesas decorrentes da organização dessa ocupação.

Os achados dessa pesquisa serão encaminhados à Prefeitura da USP para que sejam incorporados ao acervo de informações que sustentam ações relativas à gestão da ocupação do *Campus* relativas a prática esportiva.

Sugerimos que as informações sistematizadas nessa pesquisa passem a ser consideradas variáveis a serem monitoradas, no sentido de se avaliar o impacto das futuras ações de gestão.

REFERÊNCIAS

AAGAARD, P.; SAHLÉN, A.; BRAUNSCHWEIG, F. Performance trends and cardiac biomarkers in a 30-km cross-country race, 1993-2007. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, v. 44, n. 5, p. 894-899, 2012.

ALBUQUERQUE, R. C. D. **Comportamento do consumidor de materiais esportivos para a prática da corrida de rua na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2007. Dissertação, Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo

ALLENDER, S.; HUTCHINSON, L.; FOSTER, C. Life-change events and participation in physical activity: a systematic review. **Health Promotion International**, v. 23, n. 2, p. 160-172, 2008.

ALVES, A. C. Debate: USP deve usar carteirinhas para controlar ciclistas e corredores? , Jornal do Campus, São Paulo, mar.2010. Disponível em: < <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2010/03/debate-usp-deve-usar-carteirinhas-para-controlar-ciclistas-e-corredores/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

ALVES, J. A. B.; PIERANTI, O. P. O estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. **RAE eletrônica**, v. 6, p. 0-0, 2007.

AMARAL, C. M. D. S. **Gestor de instalações esportivas do município de São Paulo: perfil, formação e desempenho da função**. 2014. Universidade de São Paulo

ANDERSON, C. R. USP fechada? De jeito nenhum. **Andersonbicicletas.com**, , São Paulo, 25.abr.2005. Disponível em: < http://www.andersonbicicletas.com.br/reportagens/usp_fechada.php >. Acesso em: 20.maio.2015.

ANDRADE, A. B. D. O potencial turístico dos corredores da São Silvestre. 2008.

ARAÚJO, M. P. S. Nível de conhecimento nutricional de praticantes de corrida do grupo endorfina assessoria esportiva do município de Araguari, Minas Gerais. **RBNE-Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 6, n. 32, 2012.

ARAÚJO, R. M. B. D. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rocco, 1993.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Projeto de lei nº 427, 25 agosto de 2007 Autoriza a utilização do Campus Butantã, da Universidade de São Paulo - USP, por ciclistas, Projeto de Lei nº 427, de 2005 (PL 427 / 05). Projeto de lei nº 427, 25 agosto de 2007, 2005a.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Projeto de lei nº 427, 2005 Autoriza a utilização do Campus Butantã, da Universidade de São Paulo - USP, por ciclistas. Projeto de lei nº 427, 2005, 2005b.

ASSESSORIAS. Assessorias aguardam resposta para treino na USP. **O2**, São Paulo, 12.mar.2013. Disponível em: < <http://o2pominuto.ativo.com/corrida-de->

[rua/materia/assessorias-aguardam-resposta-para-treino-na-usp-7681](#) >. Acesso em: 20.maio.2015.

ATLETAS. Atletas terão que ter cadastro para correr na USP. **O2**, São Paulo, 19.jan.2010. Disponível em: < <https://o2pominuto.ativo.com/corrida-de-rua/noticias/atletas-tero-que-ter-cadastro-para-correr-na-usp-3608/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

AZEVEDO, P. H.; FRANÇA BARROS, J. D.; SUAIDEM, S. Caracterização do perfil do gestor esportivo dos clubes da primeira divisão de futebol do Distrito Federal e suas relações com a legislação esportiva brasileira. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 15, n. 1, p. 33-42, 2004.

BAA. Boston athletic association. Boston, 2015. Disponível em: < <http://www.baa.org/races/boston-marathon/results-commentary/2015-boston-marathon.aspx> >.

BARBOSA; ROCHA, G. D. M. O uso do solo na Cidade Universitária José da Silveira Netto: contribuições para o ordenamento de espaços institucionais. **Revista GeoAmazônia**, 2015.

BARBOSA, M. L. L. **Propriedades métricas do inventário de motivação à prática regular de atividade física (IMPRAF-126)**. 2006. Dissertação

BARLEBEN, M. Restrições de uso do campus da USP podem aumentar até o fim do ano (esportistas). **WEBRUN**, São Paulo, 09.fev.2010. Disponível em: < <http://www.webrun.com.br/h/noticias/restricoes-de-uso-do-campus-da-usp-podem-aumentar-ate-o-fim-do-ano/11259> >. Acesso em: 20.maio.2015.

BARREAU, G. Gestão do risco na organização de eventos desportivos. In: CORREIA, A.; FERRAND, A., *et al*, Seminário Internacional: Gestão de eventos desportivos, 2001. Lisboa. 1, 2001.

BARROS, L. A. A toponímia oficial e espontânea na Cidade Universitária - Campus Butantã USP. **Revista USP**, 2003.

BASTOS, F. D. C.; FAGNANI, E. K.; MAZZEI, L. C. Perfil de gestores de redes de academias de fitness. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 19, n. 1, p. 64-74, 2011.

BASTOS, F. D. C.; PEDRO, M. A. D.; PALHARES, J. M. Corrida de rua: análise da produção científica em universidades paulistas **Revista Mineira de Educação Física**, 2009.

BENFATTI, D. M. Transformação da metrópole contemporânea **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 12 n. 1, p. 29-43, 2010.

BERNSTEIN, P. L. **Desafio aos aeuses: afascinante história do risco**. Campus, 1997. ISBN 8535202102.

BLUMENSTEIN, B. et al. High-level coaches' perceptions of their professional knowledge, skills, and characteristics. **Sport Science Review**, v. XXI, n. 5-6, p. 5-27, 2012.

BRANDÃO, L. O esporte e a escrita da história: novos desafios. **CES Revista**, v. 24, p. 201 - 210, 2010.

BRISS, P. A. et al. Developing an evidence-based guide to community preventive services. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 18, n. 1, p. 35-43, 2000.

BRITO, A. L. L. Morte de 2 ciclistas acirra briga contra USP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25.abr.2005. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2005200506.htm> >. Acesso em: 20.maio.2015.

BRITO, C. J.; MENDONÇA, M. O. Análise do perfil sociodemográfico de características associadas a treinamento e competições de corredores de rua de Sergipe. **Revista Mineira de Educação Física** v. Edição especial, p. 1749-1760, 2012.

BURFOOT, A. The history of the marathon. **Sports Medicine**, v. 37, n. 4, p. 284-287, 2007.

CARTER, A. D.; BLOOM, G. A. Coaching knowledge and success: going beyond athletic experiences - ProQuest. **Journal of Sport Behavior**, v. 32, n. 4, 2009.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. ISBN 9788535213485.

_____. **Princípios da administração: o essencial em teoria**. Elsevier, 2006. ISBN 9788520438046.

CHIAVENATO, I.; SAPIRO, A. **Planejamento estratégico**. Rio de Janeiro: Campus, 2003. ISBN 9788535212358.

CHOW, H.-W. Outdoor fitness equipment in parks: a qualitative study from older adults' perceptions. **BMC Public Health**, v. 13, n. 1, p. 1216-1216, 2013.

CICLISTAS. Ciclistas são sabotados com tachinhas nas ruas da USP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15.agost.2011a. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/959756-ciclistas-sao-sabotados-com-tachinhas-nas-ruas-da-usp.shtml> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. Ciclistas são sabotados na USP com tachinhas no asfalto. **Eu vou de bike**, São Paulo, 15.agost.2011b. Disponível em: < <http://www.euvoudebike.com/2011/08/boicote-a-ciclistas-na-usp-em-sp/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

CIDADE. Cidade Universitária – USP – São Paulo – SP. **MAP OF SPORTS**, São Paulo, 20.jan.2014. Disponível em: < <http://www.mapofsports.com/2014/01/20/cidade-universitaria-usp-sao-paulo-sp/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

CONTURSI, E. B. **Marketing esportivo**. Sprint, 1996. ISBN 8573320168.

CORREDORES. Corredores vs ciclistas nas ruas da USP. **ATIVOTV**, São Paulo, 04.nov.2010. Disponível em: < <http://mais.uol.com.br/view/ziwi6yq65c5f/corredores-vs-ciclistas-nas-ruas-da-usp-04021A3966CC9933E6?types=A> >. Acesso em: 20.maio.2015.

COSTA GOMES, P. C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Bertrand Brasil, 2002. ISBN 9788528609561.

CÔTÉ, J. et al. The coaching model: a grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. Vol 17(1), p. 1-17, 1995.

CRUZ, K. P. D. **O perfil do marketing esportivo na cidade de Curitiba.** 2014. Monografia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná

CUBAS, V. O. et al. Segurança no campus: um breve levantamento sobre as políticas de segurança na USP e em universidades estrangeiras. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 7, p. 182-198, 2013.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. **Quest**, 2003.

DAI, C. X.; WELLS, W. G. An exploration of project management office features and their relationship to project performance. **International Journal of Project Management**, v. 22, n. 7, p. 523-532, 2004.

DATAFOLHA, P. Mexa-se. **Folha de São Paulo**, 1997.

DE MARCO, G. M.; MCCULLICK, B. A. Developing expertise in coaching: learning from the legends. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 68, n. 3, p. 37-41, 1997.

DE MATOS, F. L. Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades - O caso da cidade do Porto. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 2, p. 17-33, 2010.

DEL CARMEN, A. et al. Fear of crime on campus: examining fear variables of CRCJ majors and nonmajors in pre-and post-serious crime environments. **Journal of Security Administration**, v. 23, n. 1, p. 21, 2000.

DIAS, E. D. P. Conceitos de gestão e administração: uma revisão crítica. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 1, 2002.

DRUCKER, P. F. **Introdução à administração.** Thomson Pioneira, 1984. ISBN 9788522101030.

_____. **O melhor de Peter Drucker: a sociedade.** NBL Editora, 2002. ISBN 9788521311645.

EDEN, E. R. et al. Restoration of LDL receptor function in cells from patients with autosomal recessive hypercholesterolemia by retroviral expression of ARH1. **The Journal of clinical investigation**, v. 110, n. 11, p. 1695-702, 2002.

EM. Em SP a maioria prefere USP e Ibira – Mania de correr. **Mania de Correr**, São Paulo, 04.set.2013. Disponível em: < <http://maniacorrer.blogspot.com.br/2013/09/em-sp-maioria-prefere-usp-e-ibira.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

ENGELBERG, J. K.; CARLSON, J. A.; BLACK, M. L. Ciclovía participation and impacts in San Diego, CA: The first CicloSDias. **Preventive ...**, 2014.

ERICKSON, K.; CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Sport experiences, milestones, and educational activities associated with high-performance coaches' development. **The sport psychologist**, 2007.

ESPORTISTAS. Esportistas respeitam a proibição da USP e não instalam tendas no Campus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18.Jan.2004. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1801200425.htm> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. Esportistas respeitam a proibição da USP e não instalam tendas no Campus. **UNIVERSIA**, São Paulo, 19.jan.2004. Disponível em: < <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2004/01/19/525049/esportistas-respeitam-proibio-da-usp-e-no-instalam-tendas-no-campus.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

ESTADO, A. USP restringe área para treinamento de atletas na Cidade Universitária. **IG**, São Paulo, 15.abr.2013. Disponível em: < <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-04-15/usp-restringe-area-para-treinamento-de-atletas-na-cidade-universitaria.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

EVÊNCIO, N. Ciclistas x corredores na USP: o problema continua. **WEBRUN**, São Paulo, 04.agost.2006. Disponível em: < <http://www.webrun.com.br/h/noticias/-ciclistas-x-corredores-na-usp-o-problema-continua/5418> >. Acesso em: 20.maio.2014.

FÁBIO, A. C. USP restringe área para treinamento de atletas na Cidade Universitária. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15.abr.2013. Disponível em: < <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,usp-restringe-area-para-treinamento-de-atletas-na-cidade-universitaria-,1020930,0.htm> >. Acesso em: 20.maio.2015.

FERRAZ, A. Mororista atropela corredores na USP. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16.agost.2014. Disponível em: < <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,motorista-atropela-corredores-na-usp,1544911> >. Acesso em: 20.maio.2015.

FILHO, P. V. Afinal, o que é planejamento estratégico? **Revista de Administração de Empresas**, 1978.

FONSECA, T. Z. Corrida de rua: o aumento do número de praticantes migrando para maratonas. **Revista Digital EFDeportes.com**, v. Año 16, Nº, 2012.

FRIED, G. **Managing Sport Facilities**, 3E. Human Kinetics Publishers, 2015. ISBN 9781450468114.

FULLER, C.; DRAWER, S. The application of risk management in sport. **Sports medicine (Auckland, N.Z.)**, v. 34, n. 6, p. 349-56, 2004.

FUNARI, P. P. A. História do esporte. **Revista da Faculdade de Educação Física**, 2010.

GALL, M. D.; BORG, W. R.; GALL, J. P. **Educational research: an introduction**. Longman Publishing, 1996. ISBN 0801309808.

GAYA, A.; CARDOSO, M. Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho esportivo. **Revista Perfil**, v. 2, p. 40-51, 1998.

GHORAYEB, N. et al. Diretriz em cardiologia do esporte e do exercício da Sociedade Brasileira de Cardiologia e da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte. **Arq Bras Cardiol**, v. 100, n. Supl II, p. S1-41, 2013.

GODOY, L. **Os jogos olímpicos na Grécia antiga**. São Paulo: Unimes, 1996. ISBN 8586075043.

_____. **Os jogos olímpicos, deuses e jogos gregos**. São Paulo: Editora Meca, 2012. ISBN 8586075043.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.

GOLDMAN, L.; AUSIELLO, D. **Cecil - Tratado de medicina interna**. Elsevier, 2005. ISBN 9788535213935.

GOMES, A. A. P. A motivação no ambiente organizacional **Revista Produção**, 2003.

GONÇALVES, G. H. T. **Corrida de rua: um estudo sobre os motivos de adesão e permanência de corredores amadores de porto alegre**. 2011. 52-52 (Monografia). Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

GUERRA, O. Corredores são atropelados na USP. **The Finisher**, São Paulo, 18.agost.2014. Disponível em: < <http://www.suacorrída.com.br/onde-correr/corredores-sao-atropelados-na-usp/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

HOFFMAN, M. D.; ONG, J. C.; WANG, G. Historical analysis of participation in 161 km ultramarathons in North America. **The International journal of the history of sport**, v. 27, n. 11, p. 1877-91, 2010.

ISRAEL, B. A. et al. Review of community-based research: assessing partnership approaches to improve public health. **Annual review of public health**, v. 19, p. 173-202, 1998.

IZQUIERDO, A. C. et al. The professionals of the organization and management of physical activity and sport facilities and entities: typical associate demographic and formative. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 3, n. 8, p. 25-38, 2007.

JOHNSON, R. P.; BROMLEY, M. Surveying a University population establishing the foundation for a community policing initiative. **Journal of Contemporary Criminal Justice**, v. 15, n. 2, p. 133-143, 1999.

JOVENS. Jovens usam tapetes de carro para atacar ciclistas e pedestres. **Biocicleta**, Uberlândia, 03.mar.2009. Disponível em: < http://www.biocicleta.com.br/Inicio/p2_articleid/553 >. Acesso em: 20.maio.2015.

JÜRGENS, D. et al. An analysis of participation and performance by nationality at 'Ironman Switzerland' from 1995 to 2011. **Journal of Science and Cycling**, v. 1, n. 2, p. 10-20, 2012.

KATZ, D. **just do it. O espírito nike no mundo dos negócios**. Best Seller, 1997. ISBN 9788571236059.

KIMIECIK, J. A Practitioner's guide to exercise motivation. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 62, n. 7, p. 38-48., 1991.

KING, A. C.; BLAIR, S. N.; BILD, D. E. Determinants of physical activity and interventions in adults. **Medicine & Science in ...**, 1992.

KOTLER, P. **Administração de marketing**. São Paulo: Atlas, 1975.

_____. **Administração de marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. ISBN 8576050013.

KYLE, D. G. **Sport and spectacle in the ancient world**. John Wiley & Sons, 2014. ISBN 9781118613566.

LAURENTINO, F. D. P. Espaço público: espaço de conflitos. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 33, n. 1, 2006.

LEE, D. C. et al. Mortality trends in the general population: the importance of cardiorespiratory fitness. **J Psychopharmacol**, v. 24, n. 4 Suppl, p. 27-35, Nov 2010.

LE MOS, E. **O que é Inteligência Empresarial**. 2002.

LEPERS, R. Analysis of Hawaii ironman performances in elite triathletes from 1981 to 2007. **Medicine+ Science in Sports+ Exercise**, 2008.

LESSA, F. D. S. Esporte na Grécia antiga: um balanço conceitual e historiográfico. **Recorde: Revista de História do Esporte**, 2008.

LÉVY, J.; LUSSAULT, M. **Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés**. Belin, 2003. ISBN 9782701126456.

LEYK, D. et al. Age-related changes in marathon and half-marathon performances. **International journal of sports medicine**, v. 28, n. 6, p. 513-7, 2007.

LINHARES, C. Atletas disputam espaço com veículos. **Jornal do Campus**, São Paulo, agost.2011. Disponível em: <
<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/08/atletas-disputam-espaco-com-veiculos/>>. Acesso em: 20.maio.2015.

LOBODA, C. R.; ANGELIS, B. L. D. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais** v. 1, p. 125-139, 2009.

LOPES, E. et al. **Diagnóstico organizacional**. 2008. 28 Monografia (Monografia). Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte.

LOPES, M. E. **Grupos de corrida de rua em Porto Alegre: estratégias de marketing nos sites**. 2011. Monografia Universidade Federal do Rio Grande do SUL - Escola de Educação Física

LÓPEZ, A. L.; AROCAS, R. L. Perfil del gestor público del deporte en la comunidad Valenciana: Un análisis preliminar. **Educación física y deportes**, n. 61, p. 88-95, 2000.

LOTUFO, P. A. O escore de risco de Framingham para doenças cardiovasculares. **Revista de Medicina**, 2008.

LOVISOLO, H. R. O Enigma do olimpismo. IV Fórum Olímpico, 2004. Curitiba. 2004. p.03-09.

LUCENA, R. Corredor veterano morre atropelado na USP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16.agost.2014. Disponível em: < <http://rodolfolucena.blogfolha.uol.com.br/2014/08/16/corredor-veterano-morre-atropelado-na-usp/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

LUNA Fº, B. Seqüência básica na elaboração de protocolos de pesquisa. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 71, p. 735-740, 1998.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. M. G. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002. ISBN 9788531406555.

MAGNOLI, M. M. E. M. **Espaços livres e urbanização: um introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. 1982. Tese de Doutorado

MARCUS, B. H.; FORSYTH, L. H. How are we doing with physical activity? **American Journal of Health Promotion**, v. 14, n. 2, p. 118-124, 1999.

MASCARENHAS DE JESUS, G. Da cidade colonial ao espaço da modernidade: os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, p. 7-7, 1999.

MASO, B. **The sewat of the gods: myths and legends of bicycle racing**. Mousehold Press, 2005. ISBN 9781874739371.

MATOS, E.; PIRES, D. Teorias administrativas e organização do trabalho: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 508-514, 2006.

MATSUNAGA, T. USP restringe ciclistas e corredores no campus. **ATIVO**, São Paulo, 20.jan.2010. Disponível em: < <http://prologo.ativo.com/noticias/noticia/detalhes/usp-restringe-ciclistas-e-corredores-no-campus-18936> >. Acesso em: 20.maio.2015.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2011. ISBN 9788522462889.

MELO, V. A. D.; SCHETINO, A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, 2009.

MENEZES, J. M. **Administração estratégica como ferramenta de gestão escolar**. 2002.

MENEZES, V. et al. Perfil do gestor desportivo das federações olímpicas do Estado de Pernambuco. **Efdeportes Revista Digital**, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. COMISSÃO NACIONAL DE ETICA EM PESQUISA Manual operacional para comitês de ética em pesquisa Manual operacional para comitês de ética em pesquisa, 2007.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de estratégia**. Porto Alegre: Sênior, 2000. ISBN 978027379588.

MORTE. Morte de 2 ciclistas acirra briga contra USP. **UNIVERSIA**, São Paulo, 20.maio.2005. Disponível em: < <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/05/20/482255/morte-2-ciclistas-acirra-briga-contra-usp.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

NEWSHOLME, E.; LEECH, T.; DUESTER, G. **Corrida: ciência do treinamento e desempenho**. São Paulo: Phorte Editora, 2006. ISBN 9788576550204.

NUNOMURA, M. Motivos de adesão à atividade física em função das variáveis idade, sexo grau de instrução e tempo de permanência. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 3, p. 45-58, 1998.

OLIVEIRA, D. D. P. R. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 32. ed. São Paulo: Atlas, 2014. ISBN 9788522489169

OLIVEIRA, S. N. D. **Lazer sério e envelhecimento: loucos por corrida**. 2010. 101 (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, T. Conheça as principais rotas de treino em SP. **The Finisher**, São Paulo, 24.maio.2013. Disponível em: < <http://www.suacorrída.com.br/onde-correr/rotas-paulistanas/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

OS. Os melhores locais para treinos de corrida em São Paulo. **Seu Guia São Paulo**, São Paulo, 2013. Disponível em: < <http://www.seuguiasp.com/estabelecimentos/o-que-fazer/os-melhores-locais-para-treinos-de-corrída-em-sao-paulo.aspx> >. Acesso em: 20.maio.2015.

PALHARES, J. M., BENETTI, M., MAZZEI, L.C., BASTOS, F.C. Perfil e preferências de praticantes de corrida de rua: um estudo preliminar. **Revista Mineira de Educação Física**, v. Special Edition, p. 1664-1673, 2012.

PANARA, G. USP: Do elefante branco do Velódromo ao roubo das bikes e o total descaso das autoridades. **Federação Paulista de Ciclismo**, São Paulo, 20.jan.2014. Disponível em: < <http://fpciclismo.org.br/2014/01/usp-do-elefante-branco-do-velodromo-ao-roubo-das-bikes-e-o-total-descaso-das-autoridades/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

PEDAL. Pedal na USP. **ALMAPWEB**, São Paulo, 03.jul.2007. Disponível em: < <http://pedalnausp.blogspot.com.br> >. Acesso em: 20.maio.2015.

PEREIRA, E. Corredores e ciclista devem se cadastrar para treinar na USP. **Portal da Educação Física**, São Paulo, 20.jan.2010. Disponível em: < <https://www.educacaofisica.com.br/esportes/outras-modalidades/corredores-e-ciclista-devem-se-cadastrar-para-treinar-na-usp/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. Ciclista terá carteirinha na USP. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21.jan.2010. Disponível em: < <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,ciclista-tera-carteirinha-na-usp,499092,0.htm> >. Acesso em: 20.maio.2015.

PMI. **PMI PMBOK guide**. 2008. ISBN 9781935589679.

PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO. TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO. 8ª VARA DA FAZENDA PÚBLICA. Processo nº 991/0053.05.018355-1 Processo nº 991/0053.05.018355-1. Processo nº 991/0053.05.018355-1, 2005.

POIT, D. R. **Organização de eventos esportivos**. 4. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2006. ISBN 9788576550501.

PORTO, W. Após atropelamento, atletas temem que USP proíba corridas no Campus **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18.agost.2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/08/1501941-apos-atropelamento-atletas-temem-que-usp-proiba-corridas-no-campus.shtml> >. Acesso em: 20.maio.2015.

POULOS, R. G. et al. An exposure based study of crash and injury rates in a cohort of transport and recreational cyclists in New South Wales, Australia. **Accid Anal Prev**, v. 78, p. 29-38, May 2015.

PRADO, F. D. A. Prefeito da USP fala sobre esporte na Cidade Universitária. **CORPORE**, São Paulo, 12.fev.2003. Disponível em: < http://www.corpore.com.br/cws_exibeconteudogeral_47.asp >. Acesso em: 20.maio.2015.

PREVETION, U. S. D. O. H. A. H. S. C. F. D. C. A. Guidelines for laboratory test result reporting of human immunodeficiency virus type 1 ribonucleic acid determination. Recommendations from a CDC working group. **MMWR. Recommendations and reports : Morbidity and mortality weekly report. Recommendations and reports**, v. 50, n. RR-20, p. 1-12, 2001.

PUSP-C. Prefeitura do Campus USP da Capital. **Prefeitura do Campus USP da Capital, São Paulo**, 2015a. Disponível em: < http://www.puspc.usp.br/?page_id=65 >. Acesso em: 20.05.2015.

_____. PUSP-C. **Prefeitura do Campus USP da Capital, São Paulo**, 2015b. Disponível em: < <http://www.puspc.usp.br> >. Acesso em: 20.maio.2015.

QUEIROGA, E. F. Da relevância pública dos espaços livres um estudo sobre metrópoles e capitais brasileiras. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 58, p. 105-105, 2014.

RECHIA, S.; FRANÇA, R. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação. **Esporte e Lazer: subsídios para o ...**, 2006.

REIS FILHO, N. G. **Evolução urbana do Brasil**. Pioneira, 1968.

PRESIDENCIA DA REPUBLICA. CASA CIVIL. SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURIDICOS. Decreto de lei nº 13.105, 16 de março de 2015 Novo Código Civil. Decreto de lei nº 13.105, 16 de março de 2015, 2015.

REZENDE, D. A. **Planejamento estratégico público ou privado**. Rio de Janeiro: Atlas, 2012. ISBN 9788522569345.

RIBEIRO, A. T.; COSTA, L. P. D. **Eventos de corrida de rua em Fortaleza - CE como comunicação de marca**. 2009.

ROCHE, F. P. **Gestão desportiva: planejamento estratégico nas organizações desportivas**. ArtMed, 2002. ISBN 853630006X.

ROUBOS. Roubos de bicicletas na USP viram prática comum na Universidade. **Band News**, São Paulo, 20.jan.2014. Disponível em: < <http://bandnewsfm.band.uol.com.br/Noticia.aspx?COD=699872&Tipo=227> >. Acesso em: 20.maio.2015.

RYAN, R. M. et al. Intrinsic motivation and exercise adherence. **International Journal Sport Psychology**, v. 28, p. 335-354, 1997.

SALGADO, J. V. V.; CHACON-MIKAIL, M. P. T. Corrida de Rua: análise do crescimento do número de provas de praticantes. **CONEXÕES: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 4, n. 1, 2006.

SALLES, J. et al. **Gerenciamento de riscos em projetos**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

SALOMÃO, K. Trânsito e projetos inacabados prejudicam treinos de ciclismo. **Jornal do Campus**, São Paulo, 26.set.2010. Disponível em: < <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2010/09/transito-e-projetos-inacabados-prejudicam-treinos-de-ciclismo/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

SANTANA, L. C. D. et al. Perfil dos gestores de academia fitness no brasil: um estudo exploratório. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review e-ISSN: 2316-932X**, v. 1, n. 1, p. 28-46, 2012.

SANTOS, E. S. D. Reflexões sobre a utilização de espaços públicos para o lazer esportivo. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, 2006.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço**. Edusp, 2006. 232 ISBN 8531407133.

SARKIS, M. **A construção do corredor: dos primeiros passos à alta performance**. Gente, 2009. ISBN 9788573126600.

SARMIENTO, O.; TORRES, A.; JACOBY, E. The Ciclovía-Recreativa: a mass-recreational program with public health potential. **Journal of Physical Activity and Health**, n. S 163 a S 180, 2010.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. ISBN 8585445408.

SHOAK, A. M. et al. Participation and performance trends in ultracycling. **Open Access Journal of Sports Medicine**, v. 4, p. 41-41, 2013.

SIERRA, A. P. R. **Alterações cardiovasculares após maratona: marcadores de injúria e fadiga cardíaca**. 2015. 87-87

SIERRA, A. P. R. et al. Analysis of participation and performance in half marathon runners. **Journal of Sports Science**, v. 3, n. 2, p. 96-104, 2015.

SIERRA, A. P. R. et al. Gerenciamento de risco em corrida de rua: Perfil dos maratonistas em foco. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 4, n. 2, p. 284-293, 2014.

SILVA; SOUSA, M. D. S. O papel das assessorias esportivas no crescimento das corridas de rua no Brasil. **FIEP Bulletin On-line**, v. 83, n. 1, 2013.

SILVA, B. **Uma teoria geral de planejamento**. Rio de Janeiro: Edições, 1964.

SILVA, L. M. R. D.; SILVA, M. D. **Relações públicas e eventos esportivos: tendência ou modismo**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM. São Paulo 2011.

SILVEIRA, L. B. E. C. Jovens usam tapetes de carro para atacar ciclistas e pedestres. **Globo**, São Paulo, 01.mar.2009. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1009641-5605,00-JOVENS+USAM+TAPETES+DE+CARRO+PARA+ATACAR+CICLISTAS+E+PEDESTRES.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

SOUSA, L.; GALANTE, H.; FIGUEIREDO, D. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. **Rev Saúde Pública**, 2003.

SOUZA, F. S. D. **O Espaço público contemporâneo : a complexidade vista a partir de parques urbanos de Porto Alegre**. 2008.

SOUZA, G. Acidente envolvendo carro e ciclistas na USP. **UOL**, São Paulo, 16.agost.2014. Disponível em: < <http://mais.uol.com.br/view/e0qbgxid79uv/acidente-envolvendo-carro-e-ciclistas-na-usp-04024D9B3566D8895326?types=A&> >. Acesso em: 20.maio.2015.

SP. Ciclistas são sabotados com tachinhas nas ruas da USP. **Terra**, São Paulo, 15.agost.2011. Disponível em: < <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/sp-ciclistas-sao-39sabotados39-com-tachinhas-nas-ruas-da-usp,465955e5c56fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

STEIN, L. USP abriga ciclismo paulistano. **Jornal do Campus**, São Paulo, 17.nov.2009. Disponível em: < <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2009/11/usp-abriga-ciclismo-paulistano/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

SURVEY, C. F. Fitness and lifestyle in Canada. **Fitness and Amateur Sport Government of Canada**, 1983.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M.; SILVA, K. A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **Revista Brasileira de Ciência e ...**, 2003.

TAKAHASHI, F. USP volta a restringir ciclista e corredor na Cidade Universitária. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20.jan.2010. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2001201001.htm> >. Acesso em: 20.maio.2015.

TANAKA, H.; SEALS, D. R. Endurance exercise performance in Masters athletes: age-associated changes and underlying physiological mechanisms. **The Journal of physiology**, v. 586, n. 1, p. 55-63, 2008.

TAVARES, O. et al. **O território ocupado - mapeando as práticas corporais na orla de Vitória - ES**. Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte - CONBRACE: 2-4 p. 2013.

TAYLOR, B. **Long range planning**. Elmsford, 1975. p.27-40

THIENE, G. et al. Prevention of sudden cardiac death in the young and in athletes: dream or reality? **Cardiovascular pathology : the official journal of the Society for Cardiovascular Pathology**, v. 19, n. 4, p. 207-17, 2010.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Artmed, 2012. ISBN 8536327146.

TRANCHITELLA, M. **O Grenciamento de riscos em eventos esportivos: um estudo com corrida de rua**. 2013. 152-152

TRIVAX, J. E. et al. Acute cardiac effects of marathon running. **Journal of applied physiology (Bethesda, Md. : 1985)**, v. 108, n. 5, p. 1148-1153, 2010.

TRUCCOLO, A. B. et al. Adesão de mulheres à prática de atividade física regular. **Revista da Educação Física, Maringá**, v. 18, p. 239-242, 2007.

TRUCCOLO, A. B.; MADURO, P. A.; FEIJÓ, E. A. Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. **Motriz**, v. 14, n. 2, p. 108-114, 2008.

TUCHE, W.; FAZOLO, E.; ASSIS, M. Perfil dermatoglífico e somatotípico de ciclistas de alto rendimento do Brasil. **Revista de Educação**, 2005.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Decreto nº 52.326, 16 de dezembro de 1969 Estatuto da Universidade de São Paulo. Decreto nº 52.326, 16 de dezembro de 1969, 1969.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Ofício Circular GP nº 1.013, PUSP-C, 12 de abril de 1994 Implantação do programa de reorganização da ocupação e do uso do Campus nos finais de semana Ofício Circular GP nº 1.013, PUSP-C, 12 de abril de 1994, 1994a.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Ofício Circular GP nº 1.015, PUSP-C, 19 de abril de 1994 Operação de reorganização do Campus pela comunidade externa nos finais de semana. Ofício Circular GP nº 1.015, PUSP-C, 19 de abril de 1994, 1994b.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Portaria nº 07, 18 de agosto de 1994 Disciplina o uso de áreas comuns na Cidade Universitária. Portaria nº 07, 18 de agosto de 1994, 1994c.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Ofício Gabinete nº 1030, PUSP-C, 27 de setembro de 1999 Personal Trainers que frequentam o Campus nos finais de semana com seus alunos sem vínculo com a USP. Ofício Gabinete nº 1030, PUSP-C, 27 de setembro de 1999, 1999a.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Portaria GR nº 3149, 12 de fevereiro de 1999 Dispõe sobre a criação do Conselho de Qualidade de Vida e Segurança da Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira" Portaria GR nº 3149, 12 de fevereiro de 1999, 1999b.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO Resolução nº 5039, 02 de junho de 2003 Regimento da Prefeitura do Campus da Capital Resolução nº 5039, 02 de junho de 2003, 2003.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Ordem de serviço gabinete nº 001, 07 abril de 2005 Proibir, a partir de 25/04/05, a utilização das vias de circulação da Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira" por ciclistas-atletas que não sejam integrantes dos quadros da USP. Ordem de serviço gabinete nº 001, 07 abril de 2005, 2005.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Regulamentação ciclismo Regulamentação da Prática de Ciclismo no Campus. Regulamentação ciclismo 2007.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Fórum sobre o espaço público Campus do Consenso o desafio da construção de um Campus para todos. Fórum sobre o espaço público, 2008a.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Resolução nº 5498, 23 de dezembro de 2008 Dispõe sobre a implantação das Coordenadorias dos Campi e do Quadrilátero Saúde/Direito da USP. Resolução nº 5498, 23 de dezembro de 2008, 2008b.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Fórum sobre o Espaço Público Campus Sustentável - ampliar o olhar sobre um território: "outro mundo é possível". Fórum sobre o Espaço Público, 2010a.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Resolução nº 5871, 27 de setembro de 2010 Altera a Resolução nº 5498/2008, que dispõe sobre a implantação das Coordenadorias dos Campi e do Quadrilátero Saúde/Direito da USP. Resolução nº 5871, 27 de setembro de 2010, 2010b.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. PREFEITURA DO CAMPUS USP DA CAPITAL. Ofício Gabinete nº 89, PUSP-C, 08 de março de 2013 Assessorias Esportivas só poderão acomodar na Av. Prof. Mello Moraes. Ofício Gabinete nº 89, PUSP-C, 08 de março de 2013, 2013.

USP. USP restringe treino de ciclistas no Campus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09.abr.2005. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0904200524.htm> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP restringe área para treinamento de atletas. **Portal Página Popular**, São Paulo, 15.abr.2013a. Disponível em: < <http://www.paginapopular.com.br/site/usp-restringe-area-para-treinamento-de-atletas/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP restringe área para treinamento de atletas. **UOL**, São Paulo, 15.abr.2013b. Disponível em: < <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2013/04/15/usp-restringe-area-para-treinamento-de-atletas.htm> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP restringe área para treinamento de atletas. **Diário do Grande ABC**, 15.abr.2013c. Disponível em: < <http://www.dgabc.com.br/Noticia/97852/usp-restringe-area-para-treinamento-de-atletas> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP restringe área para treinamento de atletas na Cidade Universitária. **ADPESP**, São Paulo, 15.abr.2013d. Disponível em: < http://www.adpesp.org.br/noticias_exibe.php?id=5345 >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP rompe documento e proíbe tendas em seu Campus **WEBRUN**, São Paulo, 18.jan.2004. Disponível em: < <http://www.webrun.com.br/h/noticias/usp-rompe-documento-e-proibe-tendas-em-seu-campus/2056> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP restringe uso da Cidade Universitária. **Folha do Noroeste**, São Paulo, 20.jan.2010. Disponível em: < <http://www.folhanoroeste.com.br/noticia/detalhe/1204/usp-restringe-uso-da-cidade-universitaria.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP restringirá acesso de esportistas à Cidade Universitária. **Terra**, São Paulo, 21.jan.2010. Disponível em: < <http://noticias.terra.com.br/educacao/usp-restringira-acesso-de-esportistas-a-cidade-universitaria,d018ec8d7cbea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP proíbe tendas para atletas no Campus **UNIVERSIA**, São Paulo, 23.jan.2004. Disponível em: < <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2004/01/23/524165/usp-proibe-tendas-atletas-no-campus.html> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP x atletas, ato na segunda. **Apocalipse Motorizado**, São Paulo, 24.abr.2005. Disponível em: < <http://www.apocalipsemotorizado.net/2005/04/24/usp-x-atletas-ato-na-segunda/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. Campanha sobre as práticas esportivas e transito cidadão USP 22 de agosto 2014. **CORPORE**, São Paulo, 25.agost.2014a. Disponível em: < http://www.corpore.org.br/cws_exibeconteudogeral_5361.asp >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP: prática esportiva será regulamentada. **O2**, São Paulo, 25.agost.2014b. Disponível em: < <http://o2porminuto.ativo.com/corrida-de-rua/noticias/usp-pratica-esportiva-sera-regulamentada/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

_____. USP se nega a permitir ciclistas na Cidade Universitária. **Jornal de Araraquara**, Araraquara, 29.out.2000. Disponível em: < <http://www.jornaldeararaquara.com.br/index.pas?codmat=25362&pub=2> >. Acesso em: 20.maio.2015.

VANOYEKE, V. **La naissance des jeux olympiques e le sport dans i'sntiquité**. Paris: Les Belles Lettres, 1992. ISBN 2251338128.

VARGAS, R. **Gerenciamento de projetos**. Rio de Janeiro: 2006. ISBN 8574522082.

VICARI, B. USP adia cadastro dos atletas. **Brunovacari.com.br**, São Paulo, 05.fev.2010. Disponível em: < <http://www.brunovicari.com.br/2010/02/usp-adia-cadastro-dos-atletas/> >. Acesso em: 20.maio.2015.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é ciclismo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2007. ISBN 9788577340439.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Foundations of sport and exercise psychology**. Human Kinetics, 2014. ISBN 9781450569814.

WISWELL, R. A. et al. Relationship between physiological loss, performance decrement, and age in master athletes. **The journals of gerontology. Series A, Biological sciences and medical sciences**, v. 56, n. 10, p. M618-M626, 2001.

YORK, N. Marathon Resolution Information | TCS New York City Marathon. TCS New York Marathon, 2012. Disponível em: < <http://www.tcsnycmarathon.org/plan-your-race/getting-in/2014-guaranteed-entry/2012-marathon-resolution-information> >. Acesso em: 20.Maio.2015.

ZINGG, M. A. et al. Analysis of participation and performance in athletes by age group in ultramarathons of more than 200 km in length. **International Journal of General Medicine**, 2013.

ANEXO

ANEXO A - Relatório de ocorrências da Guarda Universitária

Universidade de São Paulo Reitoria / Superintendência de Segurança Guarda Universitária / Central de Operações
RELATÓRIO DE OCORRÊNCIA							
DATA EMISSÃO		HORA DE COMUNICAÇÃO		Nº CONTROLE DA OCORRÊNCIA		ACIONAM.	
20		:				CENTRAL	
						PREVENTIVO	
SOLICITANTE DO ATENDIMENTO							
NOME		FONE		UNIDADE			
Nº USP		RAMAL		VINCULO			
QUALIFICAÇÃO DA OCORRÊNCIA							
NATUREZA		CÓDIGO		UNIDADE			
LOCAL		DATA DO FATO		20		HORA	
PROXIMIDADE							
ATENDIMENTO		VTR		DATA DO ATENDIMENTO		20	
		AGENTES				HORA	
QUALIFICAÇÃO DO CIDADÃO(Ã)							
CONDIÇÃO		V=Vítima A=Autor S=Solicitante R=Reclamante C=Conductor P=Parte T=Testemunha Si=Sindicado					
NOME						FONE	
ENDEREÇO						CEP	
BAIRRO		CIDADE		UF		PELE	
NACIONALIDADE		NATURAL		NASC.			
VÍNCULO		FUNCIONÁRIO		ALUNO		DOCENTE	
						OUTRO	
UNIDADE		Nº USP		RAMAL			
ESTADO CIVIL		PROFISSÃO		E-MAIL			
DOCUMENTOS		RG		EMISSION		UF	
		CNH		CATEGORIA		EXAME MÉDICO	
VEÍCULO ENVOLVIDO							
MARCA		MODELO		ANO FABR		ANO MOD	
PLACA		MUNICÍPIO		UF		CÔR	
ESPÉCIE		CARGA		ÔNIBUS		PASSEIO	
						UTILITÁRIO	
CATEGORIA		OFICIAL		OFICIAL USP		PARTICULAR	
						RENAVAN:	
CHASSI		SEGURADORA		VENCIMENTO			
VERSÃO DO CIDADÃO(Ã)							
ASSINATURA DO CIDADÃO(Ã):							

ANEXO B - Questionário assessorias esportivas

Script error.
, linha: 0

Universidade de São Paulo

BRASIL

Inscrição para estudo sobre a prática de atividade física e esportiva nas áreas comuns nos campi da USP

Informações da organização esportiva (Assessoria, Academia, Entidade ou Grupo de atividade física)

Atenção: Os campos em vermelho são de preenchimento obrigatório.

>

Informamos que todas as informações relacionam-se a prática esportiva na USP

Informações da organização esportiva (Assessoria, Academia, Entidade ou Grupo de atividade física)

Qual campi da USP atua:

São Paulo

Grupo, assessoria ou organização esportiva:

Informe outro nome ou a correção do nome acima:

Possui CNPJ?

☐ Sim ☐ Não

Possui CREF (empresa)?

☐ Sim ☐ Não

Data de criação da organização esportiva?

DD/MM/AAAA

Informe o número de professores além do responsável:

Informe o número de estagiários:

Qual o número de praticantes ativos?

Qual a média de praticantes que frequentam a USP aos sábados?

2 Qual a média de praticantes que frequentam a USP na semana?

Principais objetivos do praticante?

☐ Performance ☐ Qualidade de Vida ☐ Recomendação Médica

Outros objetivos:

Atende a grupos?

☐ Sim ☐ Não

Acompanha praticantes em eventos fora de SP?

☐ Sim ☐ Não

Acompanha praticantes em eventos fora do Brasil?

☐ Sim ☐ Não

2 Valor médio da mensalidade?

R\$	<input type="text"/>
-----	----------------------

Possui vínculo com alguma associação esportiva?

☐ Sim ☐ Não

Possui vínculo com alguma federação esportiva?

☐ Sim ☐ Não

Solicita atestado médico?

☐ Sim ☐ Não

2 Solicita avaliação física?

Tem nutricionista?

☐ Não ☐ Sim, da própria assessoria ☐ Sim, parceira

Tem fisioterapeuta?

☐ Não ☐ Sim, da própria assessoria ☐ Sim, parceira

Oferece serviço de massagem na assessoria durante os treinos aos sábados? (com estrut. profissional):

☐ Sim ☐ Não

Informações do proprietário

Proprietário possui CREF?

☐ Sim ☐ Não

Data de nascimento do proprietário:

DD/MM/AAAA

Telefone do proprietário:

(99)9999-99999

Celular do proprietário:

(99)9999-99999

Já havia trabalhado anteriormente com corrida/ ciclismo?

☐ Sim ☐ Não

Foi ou é atleta?

☐ Não ☐ Sim, Amador ☐ Sim, Profissional

Grau de instrução

Possui graduação?

☐ Sim ☐ Não

Informações sobre treino na USP

>

Selecione as modalidades de treinamento oferecidas, bem como os dias e horários de realização de cada um, na USP.

Treinamento de corrida?

☐ Sim ☐ Não

Treinamento de ciclismo?

☐ Sim ☐ Não

Treinamento de triathlon?

☐ Avenida Prof. Antônio B. Ulhôa Cintra ☐ Rua Prof. Gabriel S.T. Carvalho

Clique para ver o mapa da área alta

Ministra treino em outros locais fora a USP?

☐ Sim ☐ Não

Por que escolheu a USP como local para ministrar seus treinos?

Informar no máximo 1000 caracteres.

Qual a sua sugestão para a prática esportiva nas áreas comuns do Campus?

Informar no máximo 1000 caracteres.

✓ Enviar formulário

⬇ Salvar e continuar mais tarde

Contato: cuaso@usp.br (mailto:cuaso@usp.br)

ANEXO C - Questionário praticantes de atividade física

Universidade de São Paulo

BRASIL

Inscrição para estudo sobre a prática de atividade física e esportiva nas áreas comuns nos campi da USP

Informações do praticante

Atenção: Os campos em vermelho são de preenchimento obrigatório.

Informações do praticante

Data de nascimento:

Telefone:

(99)9999-99999

Celular:

(99)9999-99999

CEP onde reside:

99999-999

CEP não encontrado

Bairro

Município

Estado

Profissão:

Religião:

Cor da pele:

Estado civil:

Informações sobre saúde

Tipo sanguíneo?

☐ O+ ☐ O+/- ☐ O- ☐ A+ ☐ A+/- ☐ A- ☐ B+ ☐ B+/- ☐ B- ☐ AB+ ☐ AB+/- ☐ AB-
☐ - não sei -

Faz exames periodicamente?

☐ Sim ☐ Não

Tem Hiperglicemia/Diabetes?

☐ Sim ☐ Não

Fuma?

☐ Sim ☐ Não

Tem Dislipidemia (colesterol alto)/triglicérides?

☐ Sim ☐ Não

Tem Hipertensão?

☐ Sim ☐ Não

Teve alguma lesão nos últimos 12 meses?

☐ Sim ☐ Não

Teve infarto/AVC prévios?

☐ Sim ☐ Não

Faz uso de dispositivo médicos implantáveis?

☐ Sim ☐ Não

Possui histórico de infarto na família?

☐ Sim ☐ Não

Possui histórico na família de doença cardiovascular?

☐ Sim ☐ Não

Possui casos de hipertensão na família?

☐ Sim ☐ Não

Possui casos de diabetes na família?

☐ Sim ☐ Não

Possui casos de dislipidemia na família (colesterol alto/triglicérides)?

☐ Sim ☐ Não

Informações da assessoria, academia, grupo ou organização esportiva em que treina

Treina com orientação profissional na USP?

☐ Sim ☐ Não

Treina somente na USP?

☐ Sim ☐ Não

Grau de instrução

Possui graduação?

☐ Sim ☐ Não

Informações sobre treino na USP

>

Selecione sim para as modalidades de treinamento que você pratica, bem como assinale os dias e horários de realização de cada um, na USP

Treinamento de corrida?

☐ Sim ☐ Não

Treinamento de ciclismo?

☐ Sim ☐ Não

Treinamento de triathlon?

☐ Sim ☐ Não

Outros Treinamentos:

☐ Sim ☐ Não

Tempo nos 10km:

HH:MM:SS

Participa de evento esportivos?

☐ Sim ☐ Não

Participa de eventos fora de São Paulo?

☐ Sim ☐ Não

Participa de eventos fora do Brasil?

☐ Sim ☐ Não

Selecione a(s) distância(s) / eventos que você normalmente participa / participou:

- ☐ Caminhada
- ☐ 10k
- ☐ Entre 10k e 15k
- ☐ 21k
- ☐ Maratona
- ☐ Ultramaratona
- ☐ Duathlon / Biathlon
- ☐ Short Triathlon
- ☐ Triathlon
- ☐ 1/2 Ironman
- ☐ - outros -

Já presenciou algum acidente durante o treinamento?

☐ Sim ☐ Não

Já sofreu acidentes durante o treinamento na USP?

☐ Sim ☐ Não

Você acha que a USP pode ficar melhor para atletas como você?

☐ Sim ☐ Não

Porque treina na USP?

Contato: cuaso@usp.br (mailto:cuaso@usp.br)

Identificação: 1

Cadastrado em: 25/08/2014 11:08 | **Alterado em:** 01/09/2014 23:31

ANEXO D - Termo de consentimento

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
Comitê de Ética em Pesquisa

Formulário E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

Nome completo _____

Sexo ☐ Masculino
☐ Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa

ESPORTE E LAZER NAS ÁREAS COMUNS DO CAMPUS DA CIDADE UNIVERSITÁRIA "ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA" ZONA OESTE DE SÃO PAULO – ANÁLISE E GESTÃO DA OCUPAÇÃO DE USUÁRIOS E PROFISSIONAIS DE ATIVIDADES FÍSICAS.

2. Pesquisador Responsável

Profa. Dra. Flávia Cunha Bastos

3. Cargo/Função

Professora

4. Avaliação do risco da pesquisa:

☒ RISCO MÍNIMO ☐ RISCO BAIXO ☐ RISCO MÉDIO ☐ RISCO MAIOR |
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa

12 meses

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

OBJETIVO DESTE ESTUDO

Você está sendo convidado a participar deste estudo porque, pretendemos analisar a ocupação das áreas comuns do Campus da Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira – CUASO", por praticantes com idade acima dos 18

anos, para realização da prática de atividade física, com objetivo de propor um projeto de gestão para o espaço.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO

Caso você queira participar deste estudo, você será convidado a responder um questionário auto aplicável, composto por perguntas fechadas e abertas.

RISCOS E DESCONFORTOS

O projeto não implica em riscos diretos para os participantes, pode ocorrer um desconforto quanto ao conteúdo das perguntas, porém ressaltamos que a intimidação quanto a respostas de cunho pessoal é uma ocorrência possível e natural, não causando danos ao participante devido as explicações estarem contidas neste termo.

BENEFÍCIOS POTENCIAIS

Os benefícios adquiridos estão relacionados ao melhor entendimento sobre a ocupação do Campus USP da Capital para prática de atividade física e a possível aplicação do plano de gestão oriundo desse projeto. Podendo favorecer não somente a implantação de um programa de gestão esportiva no Campus da USP pela Prefeitura do Campus, bem como um esclarecimento para a população quanto a importância de regras para melhor convivência entre os praticantes de atividade física, os profissionais que ministram atividade física e a comunidade USP. Não haverá benefício financeiro.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

Se você aceitar participar deste estudo, todos os registros serão verificados pela equipe de pesquisa em busca de dados para o estudo.

Assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você está dando permissão para que isso seja feito. Sua identidade será mantida em segredo quando os resultados do estudo forem publicados, pois, você está autorizando os seus dados a serem publicados em revistas, artigos e serem tema de debates e aulas. As informações coletadas durante o estudo serão armazenadas em um computador, mas seu nome não.

Você será comunicado sobre informações relevantes que se tornarem disponíveis durante o estudo e que possam influenciar seu desejo de continuar ou não a participar do estudo.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA E CONSENTIMENTO

Sua participação neste estudo é voluntária. Você pode se recusar a participar ou pode desistir, a qualquer momento durante o estudo, sem ter que dar explicações. Isso não mudará a qualidade de atendimento que você estará recebendo, muito menos acarretará em qualquer tipo de penalidade.

Os membros da equipe de pesquisa podem encerrar sua participação no programa de pesquisa após análise das razões pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição. O motivo será explicado a você e pode ser devido a alguma alteração no critério de inclusão ou descumprimento das orientações dadas pela equipe de pesquisa ou outras questões administrativas.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

A pesquisadora responsável Profa. Dra. Flávia Cunha Bastos tel. 3091- 2308 ou seu orientando o Msdo. Marino Pereira Benetti tel: 98581-8614, irão responder todas as dúvidas que você possa ter sobre sua participação neste estudo. Em caso de dúvidas ou preocupações quanto ao seus direitos como participante deste estudo, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo no telefone 3091-3097. Uma cópia deste termo será entregue a você.

VI - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Li e compreendi este termo de consentimento e todas as minhas dúvidas foram resolvidas. Recebi explicações sobre o objetivo da pesquisa, os procedimentos de estudo a que serei submetido e os possíveis riscos e desconfortos e os benefícios que posso apresentar. As alternativas à minha participação neste estudo também foram discutidas. Portanto, concordo voluntariamente em fornecer meu consentimento para participar deste estudo.

São Paulo, ____/____/____

Assinatura do sujeito da pesquisa
ou responsável legal

Assinatura do pesquisador
(Nome legível)

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Benetti, Marino Pereira

Prática esportiva nas áreas comuns do campus USP da capital: conflitos e diagnóstico / Marino Pereira Benetti. – São Paulo :[s.n.], 2015.
138p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia da Cunha Bastos.

1. Administração esportiva 2. Prática esportiva
3. Universidade I. Título.